Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — RAMADA CURTO

Redacção e administação — PATEO DA INQUISIÇÃO, 6

Composição e impressão — RUA DA MOEDA, 12 e 14

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso 20 réis.**

Annuncios — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

Anno I | COIMBRA — Segunda-feira, 24 de janeiro de 1910 | N.º 31

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

Lance de xadrez

E' preciso que o partido republicano, — ou melhor, as forças renovadoras do Paiz que vivem na aspiração d'um movimento decisivo e geral que nos redima — se convençam que, no actual momento, a hesitação em jogar o lance definitivo que ha-de decidir a partida, sobre ser illogica é criminosa.

Essa hesitação, mascarando uma tactica, é no fundo uma covardia e, para mais, — uma covardia inintelligente.

Não é o momento de *pousar* em sociologo ou em habil administrador, capaz de discutir no Parlamento, com minucia e detalhe, uma proposta de lei, regulando a *cultura da beterraba nos terrenos baldios* ou o momentoso problema *da fiscalisação municipal sobre os mictorios publicos*.

Podem-se a tal respeito botar perolas da bocca e ter carradas de talento — que nem por isso se terá bem merecido da Patria — como se diz em linguagem fina, — ou evitado que os homens da monarchia se rebolem de puro gozo, satisfeitos com a tôla derivante do insoluvel, momentoso problema geral que os agonia.

Entre nós exagera-se tudo. Desde que nesta benta terra o primeiro idiota se lembre de dizer mal da raça, acoimando-a de romantica e palavrosa, reivindicando para si sciencia certa, visão positiva e serena, superioridade e largueza de vistas, — logo uma *claque* de zoilos suggestionados, entra de em alta grita preclamar «bom-senso e serenidade» e «que assim é, que é» e «que isto é que é fallar» e «que os mais são umas bestas».

Se forem ver serenamente de quem se compõe essa gente, encontra-se o conselheiro Accacio travestido de democrata, o tendeiro mascarado de philosopho e sociologo, um cavalheiro que tem dinheiro a juros e é muito entendido em finanças e o *caguinchas* vulgar que se diz homem prompto para tudo «menos para loucuras» — e que se calhar acabou de apanhar no mesmo instante duas bofetadas na cara e ficou-se com ellas, por prudencia...

Mas o diabo é que isto pega-se e num povo facilmente malleavel como o nosso, basta para o suggestionar, a facil coragem da affirmação que se não prova e da asserção que não se justifica.

Ora é contra isto que nós nos revoltamos. E' uma imbecilidade e é uma torpeza. O problema nacional não soffre que o sofismem. Está posto cruamente pela Historia — que se compõe dos factos passados — e dia a dia o corroboram indubitavelmente os factos presentes.

Trata-se de sanear, de tornar possivel a vida collectiva d'um povo, por uma mudança de regimen que traga além da acção benefica de principios novos a consequente deslocação de influencias para o que de decente e de bem intencionado ainda se apure na sociedade portugueza. — Estamos d'aqui a ver o nosso correligionario sizudo, a sorrir e a rosnar que isto «é o programma d'uma Republica sectaria», d'uma Republica «para os Republicanos».

E' sim senhor! — dado que se entenda por sectarismo a boa vontade de servir o paiz sem se servir a si proprio e por «republicanos» todos aquelles que, além do odio a principios vexatorios e abstrusos e consequente amor por principios que a razão acceita, que entre o bem dos seus concidadãos e o exclusivo bem da sua pança, não olhem sómente para este ultimo.

E' a Republica dos «homens de boa vontade», tão capazes de errar como outros quaesquer, mas incapazes de fazer convenientemente e de caso pensado, o mal da terra em que nasceram, em holocausto ás suas proprias pessoas.

Voltando ao assumpto repetimos: o problema nacional, essencialmente politico, — ou, por outra, multiplo nos seus aspectos parciaes, mas syntetisado na questão politica, sem a solução da qual nenhum desses aspectos poderá satisfatoriamente resolver se — não póde sofismar-se. E' impertinente pretender desloca-lo deste campo.

A monarchia portugueza não é um regimen politico, susceptivel como a italiana depois da morte do rei Humberto de transformação e de emenda — é uma *cégada*, é uma *quadrilha*. Participa de farça e crime. A's vezes parece composta de pelotiqueiros, outras de malfeitores.

Ou nós ou elles — por consequencia. João Franco viu a questão assim e viu-a bem. Tentou resolve-la a seu favor. Falharam-lhe os calculos e se tem tido tempo para continuar a partida perdia-a, por completo, — estamos certo disso. O seu insuccesso fez que a Monarchia apavorada, mudasse de tactica.

O trabuqueiro do Fundão arriscara o barco com a violencia do jogo, a raposa da Anadia, arteira e manhosa, promettia mais para o momento. E assim foi. Começou então o jogo da *experimenta* para ver a força do parceiro e, pelo visto, tem dado resultado. Passivamente, illogicamente neste lance de xadrez em que d'um lado está a Nação e do outro está um velhaco, a Nação tem recuado, recuado, recuado e... a verdade é que as pedras vermelhas estão em cheque e continuam a não mecher o jogo!

Chega a ser phantastico!

Por ventura quem dirige a sorte das vermelhas, tem medo por si ou pelo exercito?!

E pensar a gente que «os peões» ainda nem sequer entraram em scena, quando é certo que, mesmo que, em definitivo, as vermelhas levassem cheque e mate, as azues e brancas — ai, ricos filhos! — da,am muitas pedras a comer e não tinham força sequer para se aguentar depois no taboleiro...

Governador civil

Foi nomeado governador civil deste districto o sr. Marquez do Funchal.

Factos & Commentarios

«A Revolta»

Reapparecemos.

O programma d'hontem é o de hoje — *Pela Patria e pela Republica*. Se nos perguntarem se temos a pretenção de ser uteis quer á Republica quer á Patria, com o nosso reapparecimento, responderemos que nem tal nos passa pela cabeça.

Tanto á Republica como á Patria, ha hoje, quanto a nós uma unica coisa em cuja utilidade e necessidade acreditamos e essa coisa não é, decerto, a *Revolta*, semanario de estudantes, mas a Revolução — facto levado a effeito por todo um povo como condição definitiva e unica do seu resgate.

A politica, até mesmo — sejamos francos — a politica republicana já não tem razão de ser no actual momento e é apenas um palliativo de fracos ou uma *fumisterie* de patetas que têm medo.

Não se trata de combater um regimen politico, com armas politicas, para preparar o advento d'outro regimen. Não é nada d'isso.

Trata-se apenas de derrubar uma absurda monstruosidade historica cujo processo já correu os seus tramites e com sentença passada em julgado no fôro de todas as consciencias limpas.

O que se quer saber, o que é necessario que se saiba, é se isto é um paiz ou uma pocilga. E' um dilemma a resolver. Se é um paiz que acabe o chiqueiro, que se remova a montureira. Se é uma pocilga que se aclare a situação definitivamente. Quem podér passa as fronteiras e deixa *isto* em paz — apodrecendo. Quem não podér faz vida á parte, trata de si apenas. Se o seu temperamento lhe pede que se interesse por questões collectivas siga attentamente, com enthusiasmo se quizer, a vida politica e social da França, da Inglaterra, de qualquer outra nação que o seja de facto; isto é — agrupamento de homens e não curral de brutos resignados.

E é isto.

Ora não é com um jornal a mais ou a menos por melhor que elle seja e por mais longe que a sua voz chegue, que se resolve o problema posto assim, com esta crúa nitidez, quanto a nós, iniludivel e flagrante. Por consequencia a gazeta é apenas um desabafo de homens, de estudantes que são republicanos e são, por enquanto, patriotas crentes ainda que têm uma patria á qual podem dar limpamente a sua solidariedade de homens, qualidade incontingente pela qual acima de tudo se prezam.

Fica, pois, estabelecido que só a nós proprios, procuramos ser «uteis e agradavei» com a reapparição do periodico. O anno passado o jornal parece que agradou, por que tinha venda. Aguentou-se nove mezes — o tempo d'uma *délivrance* e feito o balanço descobriu-se que apenas se fizera — e incompletamente — a cobrança de seis mezes de assignaturas!

Não temos a ingenuidade de querer receber o atrasado. Apenas o que esperamos é que nos não deixem, d'aqui por diante, ao abandono o que não tinha logica nenhuma e era d'um supremo mau gosto.

E se, por acaso, assim succeder, o que garantimos desde já, é que não nos suicidaremos de desgosto.

NA ENCRUZILHADA...

Sociedades secretas

O nosso Scarpia, de *porta-para-a escada*, descobriu uma tremendissima rêde de sociedades secretas, com mascaras, punhaes, balandraus e mais coisas terrificas.

Nós sabemos o que isso é, e se o homemsinho fallasse comnosco até lhe ensinavamos o signal do «grão-mestre» e os três «tomas» symbolicos que o acompanham.

Aqui, em Coimbra, tambem ha uma sociedade secreta. Chama-se a... *Liga dos filhos da noite* e reune no Pio a horas mortas. O chefe tem o nome de... *Com*... *Osgas*, mas o juiz Antonio Emilio não póde entrar nella porque, como dissemos, a Liga é dos *filhos da noite* e não se admittem filhos de qualquer outra procedencia.

Na Mimi Aguglia

Quarto acto da *Zázá*, a grande crise de paixão e lagrimas em que a sicilliana está no seu elemento e é assombrosa por isso mesmo.

A certa altura o actor que faz de Dufresne, abraça-a peito contra peito sobre um sofá.

Commentario d'um intellectual «da briosa», esfregando as mãos:

— Agora é que ella vae boa!...

Um visconde

Estranha o *Mundo* no seu — *Diz-se* — que um tal visconde de Monte-São tivesse ficado ao lado do grupelho Campos Henriques que appoia o governo actual e diz que este tal visconde do titulo supracitado gosta sempre de *ficar de cima*.

Não é de estranhar.

Aquillo é do titulo...

E esta!

Por morte do lente de Direito, dr. Callisto, *lente de vespera*, dizem-nos ter entrado nesta graduação o sr. dr. Felgueiras. S. ex.ª é agora na faculdade o *lente de vespera*. Mas s. ex.ª, e por isso mesmo, resolveu e passou a dar aulas nos dias anteriores aos até ahi marcados. A *vespera* tem-no preoccupado sobremaneira, e a confusão nas suas aulas e horarios ainda se faz notar.

Coisas da praxe.

E, ainda que o fim de anno venha longe, s. ex.ª pensa tambem, e já, na maneira mais acertada de ter de fazer os seus actos ao alumno na vespera de elle tirar o respectivo ponto.

Ao que nos consta s. ex.ª entende indispensavel reunir mais uma congregação, esperando ter em breve tudo harmonisado.

Mimi Aguglia

Consta que esta illustre artista que elevou ao paroxismo o delirio e o enthusiasmo da Academia, vae filiar-se nos *Exoterikus* e representar um drama do sr. Gayo, intitulado — *Coração queixoso.*

Telegrammas

Ao que nos consta, o Alexandre Herculano, vae dar um tiro nos miolos.

Porque será?!

-•- Somos informados de que o outro dia chamaram «bonito» a um «exo teriku».

-•- Perguntam-nos da provincia «de qual dos trez é o centenario.

De «todos os senhores»!!

-•- O «Mestre» vae ser convidado para uma conferencia no D. Amelia: *O imposto em Roma!*

Oh! O «charme de sa voix!»

DR. AURELIANO DE MIRA FERNANDES

Fez ha dias acto de licenciado em mathematica, obtendo a mais elevada classificação, 20, o nosso querido amigo e correligionario dr. Aureliano Mira Fernandes.

O quo esse acto foi não o poderemos nós dizer porque somos leigos na materia; mas é-nos licito deduzir das palavras dos mestres o brilhantismo da prova e nem mais cheias de consideração nem mais impregnadas de respeito o podiam ellas ser, palavras que na sua simplicidade eram o reconhecimento solemne d'uma cerebração privilegiada.

Demais a consagração official não veiu senão repetir o que toda uma geração academica vinha proclamando ha muito.

Para nós o triumpho do nosso camarada foi motivo de profunda alegria, não só pela amizade que lhe dedicamos — o dr. Aureliano conta neste jornal os seus amigos pelo numero dos redactores — como por vermos assim quasi satisfeitas as suas aspiraçoes de vida e coroada a honestidade do seu esforço.

Porque o dr. Aureliano tem a impô-lo á consideração de toda a gente, além da sua intelligencia vigorosa, o que seria bastante, a limpidez d'uma vida sem manchas.

Ahi está attesta-lo, o seu procedimento no Anno Negro da Questão Academica.

Elle que poderia ter aproveitado a concessão governamental que permittiu a cento e tantos voltar com honra, nem isso acceitou. Matriculou-se de novo no mesmo anno.

E' que assim não poderão já os seus discipulos ámanhã suspeita-lo de menos preparação para o magisterio que ha de honrar.

E agora para rematar este simples cumprimento de amigos, perdoe-nos o dr. Aureliano se vamos tocar de leve num ponto que é da sua vida particular; mas é por toda a energia e por toda a generosidade da sua alma, por saber — que, á falta d'um pae que já não tem, foi pelo seu trabalho que chegou ao que é, sendo ao mesmo tempo o unico amparo dos seus; por isso principalmente, é que quem escreve estas linhas o abraça como a uma das mais gloriosas figuras que a boa terra do sul produziu.

Felix Felino

EXPEDIENTE

Aos estudantes que assignavam A REVOLTA e tenham mudado de residencia, a administração d'este semanario pede a fineza de, caso queiram continuar as suas assignaturas, indicarem num postal para o Pateo da Inquisição, 6, a sua morada.

POBRE MIMI

Não houve cão nem gato que não fallasse á Mimi, que não lhe dissesse uma amabilidade, um dito de *espirito (?)* que lhe não fizesse um cumprimento. A desgraçada teve que supportar quasi a mesma tortura que a intellectualidade macho-femea de Lisboa inflingiu ao Blasco Ibanez.

Mas d'esta vez foi o bom e o bonito, disseram-se coisas mirabolantes para que a Mimi fosse dizer para as Italias cobras e lagartos cá da *briosa*...

Lá vae um traço de mestre, autentico, d'estes que «o Mestre» inveteria:

Era no Caes. Um *ezóteriku* fallava do theatro portuguez:

— Oh! nós tambem temos uma peça enorme, que honraria qualquer littetura... é uma peça triste.

V. ex.ª conhece...

— Sim, o *Frei Luiz de Sousa*... Não li, mas tenho ouvido fallar, respondeu a actriz.

Um fabiano do lado:

— Oh! V. Ex.ª não imagina, aquillo é que é um drama, um drama incomparavel... Aquillo é mais que um drama, minha senhora, «chega a ser uma tragedia...»

Tableau.

TRES MORTOS

Perde a nossa pobre Universidade o prestigio dos cabellos brancos!

E é triste verificarmos que, emquanto desapparece a respeitabilidade, o pitoresco dos velhos, continua a crescer, a avolumar-se a onda dos velhos no ensino, dos pitorescos de nascença.

São ás vezes os vivos quem mais intensamente nos fazem recordar os mortos.

Morreu o dr. Laranjo...

E quando isto nos disseram lembrou-nos o nosso enthusiastico compendio do 2.º anno, a *Laranjada;* essa prosa tão detestada pelos nossos companheiros, tão da nossa admiração pela sua abundancia em motivos poeticos, e pelo quasi inofensivo da sua acção.

Infeliz compendio! Como é necessario dar logar aos novos, talvez a pobre *Laranjada* passe a ser substituida por coisa de 800 paginas, extrahidas de 400 expositores.

Talvez... quem sabe... ainda um dia a veremos na magra estante d'um cabula, fornecendo motivos para fados.

E que lindas canções d'alli se podem tirar!

•

Vibravam no outro dia os sinos a finados; tinha morrido o dr. Lopes Vieira.

Acabaram-se as aulas parlamentares...

Nunca mais se levantará do seu banco o *preopinante pimpão* recebido com gestosinhos sacudidos, com infindaveis exordios.

E já são um sonho aquellas entradas para a aula em que o curso desfilava em monomio, com pausas de quarto d'hora, emquanto o bom do dr. esperava, batendo o pé, fingindo impaciencias que não sentia, que entrassem os rapazes ou que passasse a hora.

•

E, finalmente, na tarde baça de quarta feira, quando entravamos na Sé Nova, abriam-se debaixo da absyde, como azas negras que ensaiassem um infinito e desolado vôo, as cobertas d'um caixão.

Entre essas funebres azas alvejava uma cabeça branca, mais branca ainda da morte; conseguimos surprehender uma tristeza vaga a pairar no ar calmo do templo

Havia alguma coisa de doloroso nas bocas que articulavam o banal — morreu, coitado!

Depois, caminho do cemiterio, mão no hombro, alguem nos lembrava as anedoctas da sua vida; o seu batalhão de oliveiras, a parada de Santa Cruz, as mystificações ao caloiro...

Quando sahimos do cemiterio cahia a tarde, repetiam-se ao nosso lado trechos de discursos; e opprimia-nos (porque não dize-lo?) alguma coisa que era uma saudade, um desejo de poder vê-lo ainda, marcial, rigido na sua batina da ordem.

Vieram-nos á memoria os seus pelotões de zeros, o rispido — «Calse-lá» —, o pavoroso — «Issévago» — prenunciador do infalivel — «Vá-se embora» — nos dias de grande crise e pera branca.

Tres mortos...

Hão de se encarregar os vivos de nos fazer chorar os que passaram.

CARTAS BRANCAS

(Sem moral e sem politica)

VI — *A Eurico, o Presbitero, a proposito do proximo centenario de Alexandre Herculano.*

«Muitos seculos são passados depois que tu, ó Eurico, recebeste a ultima carta escripta por mãos humanas! E agora, quando te julgavas descançado definitivamente para a faina estopante da correspondencia eis que eu te surjo com a impertinencia desta minha carta a sacudir-te do placido somno que ha tantos annos tens dormido, hirto e tranquillo no rigido estojo da tua armadura negra.

Não são novas de Hermengarda, nem novas de retumbante batalha contra os mouros as que eu te trago, meu pallido sonhador do Calpe. De Hermengarda não sei o que é feito: não sei se a pobresinha casou com algum honesto wisigodo ou se algum arabe tostado e ardente a arrebatou num idylio errante atravez da guerreira Hespanha. O que eu venho dizer-te, bravo gardingo, é que estás outra vez em fôco, é que novamente as tuas sonoras phrases de presbite roretorico vão circular e soar como moedas bem cunhadas.

Dá-se o caso — o exquisito caso — do proximo centenario do teu auctor, meu amigo, e por isto, porque ha cem annos nasceu aquelle homem que te arrancou ao confuso torvelinho da decadencia wisigothica, é que tu estás novamente entre nós e tão fresco e tão gardingo como na tua primeira edição. Parecia que depois da morte do sr. Burnay os centenarios cederiam aos milenarios, suas fallazes hypotheses albergavam na alma aquelles que assim cuidavam, porque na bossa dorsal de alguns academicos d'esta nobre cidade, d'onde te escrevo, a ideia de centenarisar surgiu e teimosamente se arreigou.

A verdade é que esses paladinos do centenario jámais se interessaram pelo teu auctor e sempre pouco se lhes deu que Herculano nascesse ha cem ou ha cinco annos. Mas sabes tu, Eurico, o que é passar dez annos amarrado á propria inferioridade?

Eu não sei como se passam essas coisas lá pela *eternal mansão*, (como ouvi outro dia a um tyranno de Porca) mas se por ahi topares com Herculano pede-lhe, pede-lhe encarecidamente, meu caro gardingo, que quando fôr servido se não esqueça de commentar benevolamente este tripudiar cretino em volta da sua memoria aliviando a bexiga sobre este valle de lagrimas e de sandices.»

Feliciano Santos

O Collegio de Campolide

UM DOCUMENTO

Trouxeram-nos os jornaes a noticia de que o director do Collegio de Campolide se negára em nome do estabelecimento que representa a entrar nas manifestações escolares por occasião do proximo centenario de Herculano.

Eu não me admirei.

O Collegio de Campolide faz parte d'uma das varias associações criadas ao abrigo do decreto-Hintze de 901, sobre congregações religiosas, que *legalisou* a estada dos jesuitas em Portugal com o nome de *«Associação Fé e Patria»*.

Aquelle collegio não é, pois, maie do que um quartel da Companhia ds Jesus.

Ora os jesuitas que teem fama de sabios, não sabendo de sciencia senão o bastante para a combater; que são tidos por espertos e ladinos, possuindo apenas a argucia e finura, de que Horacio nos pinta dotados os augures do seu tempo; valendo muito mais do que se pensa e muito menos do que se diz — teem (por que não dize-lo?) uma grande virtude, que é a sua unica força, e que é: a coherencia maxima dos seus actos com os principios que informam a sua disciplina mental e communitaria.

Junte-se a isto o orgulho proprio de quem se sente forte, apoiado pela ferrea organisaçao dos *Monita* de Ignacio de Loyola, e a explicação da carta do director de Campolide apparecerá clara e pouco conforme com a admiração que parece ter despertado no meio liberal lisboeta.

Eu não me admirei

E se alguns d'aquelles que me lerem compartilharam o pasmo dos jornaes alfacinhas, mais pasmarão decerto ante os factos que passo a contar.

Em Campolide a *Historia* de Herculano é livro prohibido, que pode acarretar sérios dissabores áquelle que se proponha lê-lo.

Lá está com todos os volumes de scientistas e litteratos, desde os encyclopedicos, numa parte da bella bibliotheca do collegio denominada o *Inferno*.

Por lá andam livros meus, de contemporaneos meus, e calculo que os raros *rebeldes* de todas as gerações compolitenses lá tenham em deposito qualquer inoffensivo livrito a abrilhantar uma estante e a attestar numa breve nota a lapis as leves impressões de critica d'aquelles que o pagaram ao livreiro.

As saudades que eu tenho d'um lindo exemplar do *Hernani!*

Nada se lê sem o *contrôle* do director espiritual (!), um reverendo que todas as noites vem ouvir de confissão, *lavar a consciencia*, como lá se diz, a duas duzias de rapazitos de espirito submisso á força de submettido.

Imagine-se, pois, como a maioria, a grossa, a enorme maioria dos discipulos dos jesuitas sai dos jesuitas sai dos colegios orientada em

---

Folhetim d'A REVOLTA

BLASCO IBAÑEZ

O estabulo de Eva

Seguindo esfomeadamente a fervura do arroz na velha panella, os segadores escutavam na mansarda o Correchòla, um mólho de ossos velhos a mostrar pela camisa entreaberta um matagal de pêlos ruivos.

Nas casas vermelhuscas, envernisadas pelo sol, brilhavam os reflexos das chammas da lareira.

Os corpos resumavam o suor de um dia de afadigado trabalho, saturando d'uma vitalidade grosseira ardendo da cosinha.

Pelas frinchas da porta entrevia-se o céo côr de violeta, em que as estrellas começavam a brilhar preguiçosamente, e mais abaixo os campos palidos e indecisos na penumbra do crepusculo, uns segados já, outros inda cobertos de ondulantes mantos de espigas, arripiando-se aos primeiros sôpros da brisa noturna.

O velho queixava-se dos seus ossos doloridos. Quanto custava ganhar o pão!... E este mal não tinha remedio; sempre existiriam pobres e ricos e quem nasce para victima tem que resignar-se.

Já lh'o dizia a avó — a culpa era de Eva, da primeira mulher...

De que não terão culpa as mulheres?

E ao ver que os seus companheiros de trabalho, muito dos quais o conheciam ha pouco, mostravam curiosidade por inteirar-se da culpa d'Eva, o tio *Correchola* começou a contar num valenciano pitoresco a partida feita aos pobres pela primeira mulher.

O caso remontava nada menos do que a alguns annos depois de haver sido expul o do paraiso rebelde casal, com sentença de ganhar o pão *á custa do suor de seus rostos.*

Adão passava os dias desbravando terras e tremendo pelas colheitas; Eva remendava á porta da choupana os vestidos de folhas... e cada ano um filho mais, formando em torno um enxame crescente de pequeninas bôcas, que só sabiam pedir pão, pondo em apuros o pobre do pae.

De vez em quando esvoaçava por ali algum serafim, que vinha dar uma vista d'olhos ao mundo para contar ao Senhor como iam as coisas d'aqui de baixo depois do primeiro pecado.

— Pequenito! Menino! — gritava-lhe Eva com o melhor sorriso — Vens lá de cima? Como passa o Senhor? Quando lhe falares dize lhe que estou arrependida da minha desobediencia...

Que bem se passava no Paraiso! ... Dize-lhe que trabalhamos muito e só desejamos tornar a vê-lo para nos convencermos de que não nos guarda rancôr.

— Farei como pedes, dizia o serafim e num bater de aza, num sôpro, perdia-se nas nuvens.

Repetiam-se estes recados e Eva não era atendida. O Senhor permanecia invisivel, e, por noticias, andava muito ocupado no arranjo dos seus infinitos dominios, que lhe não deixavam um momento de repoiso.

Uma manhã, porém, um correio celeste deteve-se á porta da choupana:

— Escuta, Eva; se esta tarde estiver bom tempo é possivel que o Senhor passe por aqui a dar uma voltita. Ontem á noite, falando com o arcanjo Miguel perguntou: — Que será d'aquelles perdidos?

Eva ficou abismada com honra tamanha. Chamou aos gritos por Adão, que estava num barranco visinho, dobrando, como sempre, o espinhaço. O que se armou naquela casa! Como despesa de festa na nossa aldeia, quando as mulheres voltam de Valencia com as compras, Eva varreu e regou a entrada da cabana, a cosinha e os quartitos; poz na cama a colcha nova, deu uma esfregadela nos bancos e entrando no asseio das pessoas, vêstiu a melhor saia, dando a Adão um casaquito de folhas de figueira, que ela lhe tinha arranjado para os domingos.

Já cuidava ter tudo pronto, quando lhe chamou a atenção a gritaria da numera prole. Eram vinte ou trinta... ou Deus sabe quantos. E que feios e repugnantes para recebêr o Todo-Poderoso!

O cabelo emaranhado, o nariz com crôstas, olhos romelosos, corpos cheios d'escamas de mil porcarías.

— Como hei-de apresentar esta garotada?! O Senhor dirá que sou uma descuidada, má mãe...

E' bem de vêr, os homens não sabem o que é tanta criança...

Depois de muito pensar, escolheu os preferidos (e quem os não terá!), lavou os tres melhorsitos e a puxões d'orelhas levou até o estabulo a todo aquele rebanho triste e sarnoso, fechando-o apesar dos protestos.

Era tempo. Uma nuvem alvissima descia no horisonte e o espaço vibrava com rumores d'azas e melodias d'um côro, que se perdia pelo infinito repetindo numa monotonia mistica: *Hossana! Hossana!*... Punham pé em terra, vinham já pelo caminho com tal resplendor, que mais parecia que todas as estrêlas do ceu tinham baixado a passear por entre as messes do trigo loiro.

Primeiro chegou um grupo d'arcanjos — *a guarda de honra.* Embaínharam as espadas de fogo, disseram umas graças a Eva, assegurando que por éla não passavam anos e inda era coisa digna de se ver, e com marcial franquezo espalharam-se depois pelos campos, treparam ás figueiras, emquanto Adão os amaldiçoava, dando por perdidas as colheitas.

Chegou emfim o Senhor, barbas de prata resplendente, na cabeça um triangulo que deslumbrava como o sol.

No sequito S. Miguel e todos os ministros e altos dignatarios da côrte celestial.

Acolheu o Senhor a Adão com um sorriso bondoso e a Eva com uma pancadinha na face, dizendo-lhe:

— Como vaes, minha joia! Já não és tam levianasita?

(Continúa.)

(Dos *Cuentos Valencianos.*)

sciencias naturaes e em literatura.

Dos cursos que conheci o que menos sofreu a influencia dos mestres foi o meu.

Tinhamos uma sociedade de leituras clandestinas; os livros corriam de mão em mão e raro era ir algum parar ás mãos do prefeito. E quando isto acontecia ainda havia artes de o rehaver...

O que nós fizemos! Se *êlles* soubessem!

Mas Herculano relembra-me o ultimo episodio da minha vida colegial.

Na aula de literatura (7.º anno) foramos todos encarregados dum ponto escrito sobre *Herculano e o romantismo*.

Eu por felicidade (porque isso deu logar á minha saída do collegio) atarefado já com a preparação dos exames na liceu, descuidei-me do assunto e só na vespera, por aviso dum condiscipulo, d'ele me tornei a recordar.

Não havia tempo para colher umas notas, improvisar uma critica, fazer *algama coisa* emfim.

Mas a minha situação no curso trazia-me compromissos que eu com uma vaidadesinha facilmente compreensivel, não queria abandonar.

Que fazer? Encareci Herculano como historiador e cahi... no milagre d'Ourique.

Ao falar dos criticos clericaes do fundador dos estudos historicos em Portugal, cahiu-me da penna a expressão com que os cognominei, de *matilha de milagreiros d'Ourique*...

Na aula ao ler o exercicio fui palmeado por um grupo numeroso de condiscipulos.

Nenhum d'elles teve uma palavra de critica para o meu pequen.no trabalho.

Era a revolta ha muito tempo latente que prestava a sua solidariedade a quem ousava, sósinho, ser o primeiro a romper.

A discussão com o professor, por felicidade minha falto de talento e de conhecimentos, irritou-me.

Mostrei todos os conhecimentos que tinha adquirido soffregamente nos livros prohibidos. Gloriei-me de os ler.

Esmaguei-o no debate, o que não era precisamente uma gloria, e quando saí da aula, acompanhado por todo o curso, vi bem que apezar de tudo, eu já estava ali demais e a minha vida colegial devia acabar então.

Não me expulsaram. Saí doente e abatido d'espirito, como se um grande esforço titanico tivesse destruído toda a minha resistencia.

E ainda hoje calcúlo que foi esse abalo sofrido, todo o meu amôr proprio calcado por elles, para depois saír mais forte e temperado, que foi esse grande choque e essa resistencia vencida, que me atiráram de dentro de principios, onde me era vedado pensar, para dentro doutros onde o pensamento se cansa na insofrida anciedade de tudo querêr aprender.

Não foi com vaidade que lhes contei o *meu caso*.

Ele aí fica para cada um d'êle tirár as conclusões que quizer.

E' uma observação, um documento dos muitos que seria bom tornarem-se conhecidos, neste periodo de Portugal.

Pestana Junior

LEMBRANDO

Em vista da feição infantil que tomou a aula do quinto anno juridico — Direito Internacional — faço notar ao illustre professor da cadeira que se está sentindo enormemente a falta d'uma palmatoria.

Alexandre Sobral de Campos
Estudante do 5.º anno

Raku

Chegou hontem a Coimbra o maravilhoso jiugitsumant Raku.

Realisará hoje no Theatro Circo a suo primeira apresentação. Consta-nos que ha grande enthusiasmo no nosso meio por assistir ás suas demonstrações e ás luctas que, corre, lhe vão ser propostas por alguns academicos.

Vae ser nomeado commissario o sr. Balbino Rosa, general reformado.

SECÇÃO LITTERARIA

«MUSSUMÉ»

(Japonezice)

No Yoshiwára, á tarde, á luz d'oiro do poente
Corta o azul do céo um bando de cegonhas.
— A senhora Kikú sorri suavemente
Com uma luz a brilhar nas pupillas risonhas... —

A senhora Kikú, — a dama Malmequer, —
Veste um «kimono» azul d'uma sêda suave,
E tem, no seu perfil de pequena mulher,
Toda a graça subtil d'uma ligeira ave.

A sua infantil mão agil e transparente
Desfolha, devagar, a c'rolla d'uma flor.
— Passa errante no ar, melancolicamente,
O languido embalar d'uma canção d'amor. —

Vibra n'um «gongo», ao longe, a «Hora do Dragão».
— Sóbe a lua no céo, enorme, afogueada. —
E a senhora Kikú, co'a sua linda mão
Tira do «schamizên» uma dôce toada.

No seu pequeno olhar, negro e avelludado,
Ha uma languidez, um torpôr de meiguice.
— E desvia, sorrindo, a face para o lado,
Córando de pudôr, como se alguem a visse.

Em que pensa Kikú? — N'esse moço pintor
Que faz chorar o traço e o chrisantémo d'oiro
E que sabe chamar, com infinito amôr,
A' sua «mussumé» — meu pequeno thesoiro — !

E por isso, ao pensar que elle ha-de vir, contente
Olvidar junto d'ella as horas enfadonhas
— A senhora Kikú sorri suavemente
Emquanto no azul se afastam as cegonhas... —

Lisboa, 1904.

Ramada Curto

A EITO

Mimi Aguglia e os jovens d'A PATRIA NOVA

21 de janeiro.

Uma duzia de jovens resolveu dedicar a Mimi Aguglia um numero da *Patria Nova*, onde todos verteram sua lambisgoice pegajosa, desentranhada numa adjectivação reles de carta de namoro pandilha. Ha ali de tudo: desde o litterato guedelhento e icterico que teima em chamar a Coimbra «terra de sonho e de luz, onde a sonhar vivemos o melhor da nossa vida» (viverá lá elle — o mequetrefe!) até ao agradecido que «devotamente deixa em suas mãos um largo beijo» — beijo que, p'la largueza, se me afigura dever ter bezuntado ambas as mãos de Mimi! Desde o psychologo subtil que «viu chorar a alma endurecida d'um porteiro do theatro» (já é!) até ao inspirado vate que, á fina força quer escacar a lyra de meio a meio, já concertada tantas vezes, porque as suas cordas não ferem o som bastante p'ra cantar condignamente os talentos de Mimi!

Mas que é que elles querem, estes jovens?! Na minha salvação se eu sei! Querem fazer perceber á Mimi que ficaram enthusiasmados com o trabalho d'ella? Mas isso, Deus meu, já lh'o mostraram das fórmas mais solidas e barulhentas que neste mundo se pódem encontrar: — Elles todas as noites foram ao camarim dizer-lhe a sua admiração e dar dois dedos de cavaco sobre o symbolismo do d'Annunzio (não ha agora fiel patife que não falle do symbolismo do d'Annunzio); — elles todas as noites berraram com toda a força, olhos sahidos, veias estourando; — elles todas as noites, febris, lh'atiraram com as capas p'ró palco (homenagem que nem a todas as dançarinas hespanholas concedem); elles não a largaram, e, emfim, até lhe puxaram ao automovel com convicção e suor, levando-a ao hotel, onde d'uma janella, calados os urros atroadores, p'ra lhes pagar o frete, ella lhes chamou *intellectuaes*, num viva atirado com gana!

Que querem então os jovens? Quererão dar-me conta a mim e aos mais do seu enthusiasmo? Mas que tenho eu com isso? Que teem os mais com isso? Quem lhes pediu satisfações? E, á outra, não está toda a gente farta de saber o que elles se esbofaram a gritar?

Se os jovens dissessem da sua justiça, bem ou mal, como soubessem, sem medo, com coragem, independentemente e intelligentemente, orientando o publico, esclarecendo o publico, apontando defeitos onde os vissem, notando altos e baixos, comparando, concluindo — isso percebia-se, claro, era outro caso. Mas não! Elles vêm ao jornal dizer só que ficaram enthusiasmados — e é isso que eu não comprehendo, porque p'ra significar tal enthusiasmo ha as palmas e os bravos — e nunca o jornal é chamado p'ró caso!

Se elles fizessem critica, perfeitamente. Mas não! Quasi todos elles, justamente, dizem que não pretendem fazer critica, ai credo, isso não está nas suas posses, nem uma pallida ideia; simplesmente querem dizer a toda a gente que ficaram abysmados, sim senhores, a grande tragica, a surprehendente tragica, a linda tragica — e por aqui adeante, desfilando a tropa-fandanga dos chavões surripiados descaradamente de mão em mão! E, tanto o estylo é baboso, incaracteristico, alambicado, peganhento, que todo eu sou espanto, quando ao chegar ao fim d'alguns artiguelhos não vejo: — «Amo-a com todas as veras do meu coração. Queira v. ex.ª, p'ra livrar a minha alma opressa da tristeza funérea em que jaz, fazer a esmola de responder que me não é indifferente...»

Os jovens não deviam (elles bem o sabem) vir p'ra um jornal com coisas intimas, particularissimas, com que o publico nada tem e sendo certo que o jornal é p'ró publico. Os seus artigos só podiam ter dois destinos sensatos: — ou serem enviados directamente á Mimi, em carta, p'ra só ella lêr, ou botados no *Diario de Noticias* como annuncios amorosos. Agora vir com elles p'ra uma gazeta, p'ra toda a gente ler, é d'um descaramento grande e não se logra perceber-lhe o fim!

Que quereriam os jovens?

Eu tenho as minhas desconfianças, tenho! E terriveis!

Lembram-se d'aquelles versos que a Mimi cantarolou, bacôcos, resvalando na idiotice, que não sei quem lh'impingiu e que ella, p'lo visto, acceitou logo, avida de tirar resultados, de fazer a pomba, quando não devia nem precisava de descer a esses processos?

Pois o que me parece é que os jovens da *Patria Nova*, contentes com esta clareira que se lhes abria docemente p'ra prazer da sua alma, embrulhada com tanto italiano, tanto d'Annunzio, tanto Capuana — quando o que elles queriam eram coisas portuguezas, bem portuguezinhas, que se percebessem e falassem cá dentro — resolveram, animados p'los versinhos, engodar a Mimi com um numero especial d'homenagem e arrancar-lhe cavilosamente — o Fado Liró. Ella, julgo eu, disse que sim, que o repenicaria. Não repenicou — acho que por estar constipada. Mas prometteu que, na primeira occasião em que o seu pé tragico torne a pisar esta terra, o trinará com todos os matadores.

Ora aqui está explicado o fim do numero especial. E, agora me lembro, já p'rahi ouvi murmurar que os da *Patria Nova* (decerto p'ra de futuro lh'arrancarem talvez o *cobre-me, cobre-me*) andam trabalhando p'ra outro numero d'homenagem que deve apparecer então, e em que escorrerá um elogio fartissimo ás suas qualidades extraordinarias de cantatriz.

Estou já a vel-os:

«Não ha palavras que possam dar a impressão da grandeza de Mimi no Fado Liró! Os meus nervos estão num feixe. Assombrosa! A tragedia grega com todas as phantasticas creações, o talento poderoso e impetuoso d'Eschylo, o Hellenismo reverdecendo triumphante, tem naquella voz doce a sua incarnação divina, naquella voz harmoniosa, nuançada de saudade e de tristeza com que ella canta:

As condessas e marquezas
Ao cantal-o pedem messas
Sem receio de perder.
.....
.....
.....
.....

Ai Mimi!

Havia de certo passar-te p'la cabeça que todo o berreiro que ouviste era producto d'um enthusiasmo consciente escaldando cerebros educados e intelligentes!

Ai! Olha que eu tive atraz de mim um maganão (que no fim deu palmas com furia, te atirou com a capa e te chamou extraordinaria com furor) que todo o espectaculo, como tu tivesses mostrado num gesto brusco e violento as primeiras redondezas brancas do seio, levou a grunhir coisas estupendas ao visinho, coisas que não te digo agora!

Sabes lá bem! Isto só quem os conhece!

João Pinto Figueiredo

BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

"SOCIALISMO E ANARQUISMO,,

Tradução de Ribeiro de Carvalho

A Bibliotéca de Educação Moderna, que iniciou a sua publicação com o livro *A Egreja e a Liberdade*, de Emilio Bossi, o famoso autor do *Cristo nunca existiu*, acaba de pôr á venda um novo livro, notabilissimo tambem, intitulado *Socialismo e Anarquismo*, devido á penna do grande pensador Hamon.

E' um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociais. Poderiamos dar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos estes assuntos são tratados no livro:

O que é o socialismo — A sua origem, os seus diversos sistemas e doutrinas — O que querem os socialistas — A sociedade futura — A suppressão da miséria — A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios — O casamento sem autorisação paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado — O amor livre. Como se póde pôr em pratica o socialismo — O socialismo e a religião — A marcha incessante para a revolução — A união de todos os revolucionarios — A propriedade e o trabalho — A constituição da familia e do ensino — O que é o Collectivismo — O que é o Communismo — O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social — O socialismo catolico é uma burla — Os progressos do sindicalismo.

O que é o anarquismo — A sua sua origem e os seus diversos sistemas — O que querem os anarquistas — Opiniões dos seus maiores escriptores — A liberdade integral, aspiração dos verdadeiros revolucionarios — O internacionalismo ou união de todos os povos — A evolução da ideia patria — Os martires do Anarquismo — Os socialistas-anarquistas portuguezes — A Anarquia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o *Socialismo e Anarquismo*, segundo volume da Biblioteca de Educação Moderna, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejem instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociais.

A' venda em todas as livrarias. Remette-se, tambem, pelo correio, para todas as terras da provincia, Africa Brazil. Pedidos á Livraria Internacional, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44 — Lisboa.

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 5 de novembro de 1909

Partidas da estação de Coimbra A

MANHÃ

2,45 *Correio* — Pampilhosa, Porto, Beira Alta até Guarda e ramal da Figueira.
4,40 *Recoveiro* — Porto. (Serviço de passageiros para ali e Luso.)
5,25 *Mixto* — Miranda do Corvo e Louzã.
6,42 *Tramway* — Alfarellos e Fig.
8,45 *Mixto* — Pamp., Porto, B. Alta, Villar Formoso, ramal da Fig. e Hespanha.
10,10 *Mixto* — Alfar., Entroncamento, Lisb., Beira Baixa, Leste e Fig.
10,49 *Rapido* — Entronc., Lisb., B. Baixa, Leste e Fig.
11,25 *Omnibus* — Miranda e Louzã.

TARDE

12,55 *Rap.-Luxo* — Pamp., Porto, B. Alta e Paris.
1,40 *Tramway* — Alfar. e Fig.
3,16 *Omnibus* — Pamp., ramal da Figueira e Porto.
3,54 *Omnibus* — Miranda e Louzã.
4,10 *Tramway* — Alfar. e Fig.
6,38 *Expresso* — Alfar., Entronc., Lisb., B Baixa, Leste e Torres Vedras.
7,5 *Sud-Luxo* — Alfar., Lisb., Entronc., B. Baixa, Leste e Fig.

NOITE

8,10 *Omnibus* — Pamp., Porto e B. Alta até Mangualde.
8,48 *Rapido* — Pamp., Porto e B. Alta até Mangualde.
12,47 *Correio* — Alfar., Entronc. e Oeste.

Chegadas á estação de Coimbra A

MANHÃ

3,32 *Correio* — Lisb., Entronc., B. Baixa, Leste e linha de Torres.
5,15 *Recoveiro* — Lisb. (Serviço de passageiros.)
7,40 *Tramway* — Alfar. e Fig. (Só nos dias 23 de cada mez.)
8,39 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
9,15 *Tramway* — Fig., Alfar. e Oeste.
10,39 *Omnibus* — Pamp., Porto, B. Alta e Vizeu
11,15 *Rapido* — Porto e Pamp.

TARDE

12,47 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,22 *Rapido* — Lisboa e Entronc.
2,10 *Tramway* — Porto e Pamp.
3,8 *Omnibus* — Miranda e Louzã.
3,49 *Omnibus* — Lisb., Entronc. e linha de Torres.
6,57 *Omnibus* — Porto, Pamp. e B. Alta.
6,33 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
7,25 *Sud-Exp.* — Porto, Pamp., B. Alta e Paris.

NOITE

8,38 *Omnibus* — Lisb., Entronc., B. Baixa e Fig.
9,12 *Rapido* — Lisb., Entronc. e Fig.
11,24 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,18 *Correio* — Porto, Pamp. e B. Alta.

Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade, o melhor e mais barato no genero.

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para a s las de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PRECOS MODICOS

Conducção gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.º 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muito chics, desde 90 réis cada metro!!!
Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 e 100 réis cada metro!!!
Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro!!!
Cassas, padrões recentes, a 100 réis!!!
Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro!!!
Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis!!!
Oxfords, para camisas, (enfestados) a 130 e 140 cada metro!!!
Cotins, dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170 180 e 200 réis cada metro!!!
Armures, pretos e de côr, em algodão, desde 300 réis o metro!!!
Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro!!!
Lãs, côrtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis!!!
Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro!!!
Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro!!!
Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis!!!
Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumerar os seus preços!!!
Challes do povo!!! a 600 réis!!!
Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis!!!
Ditos com seda, a 2$500 réis!!!
Armures pretos, lavrados, a 700 réis!!!
Matellasses, pretos, a 1$200 réis!!!
200 lenços de seda, tapete, que eram de 1$800, a 800 réis!!!
100 cachenez, com seda, 100°, a 700 réis!!!
100 cachenez, matiz, 100°, a 800 réis!!!
Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro!!!
Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis!!!
Ditos, muito bons, a 6$000 réis!!!
Lenços brancos, a 25 réis!!!
Peugas, ás riscas, a 40 réis!!!
Ditas finas, a 80 réis!!!
Meias pretas, fixa, a 90 réis!!!
Camisolas d'algodão, a 150 reis!!!
Ditas de côr, fortes, a 240 réis!!!
Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis!!!
Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis!!!
Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia!!!

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — J. M. Mendes d'Abreu

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se innumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender-se em caixas o verdadeiro giz para alaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia

Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, 68 — Coimbra — (Telephone 112)

ESTAÇÃO D'INVERNO

Grande reducção de preços em todos os artigos da presente estação:

Chapeus que eram de 8$000, a 3$500 réis.

Formas de feltro que eram de 1$400, a 800 réis.

Reberines que eram de 1$500, a 600 réis.

Boas que eram de 2$000, a 1$000 réis.

Saias de feltro que eram de 3$000, a 1$500 réis.

Bordados, rendas, fitas, luvas, gravatas e espartilhos.

Sedas e mais artigos para bordar.

Sempre sortimento completo em todos os artigos de retrozeiro.

Retrozaria da Moda

R. Ferreira Borges, 61 a 67 — Coimbra

(Telephone 210)

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81
Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.

Impressos e livros escolares.

Encadernações e artigos de papelaria.

Execução rapida de encommendas.

ÁS MÃES

Salvae os vossos filhos atacados de lombrigas com o *Vermifugo Faria!*

Ha casos de creanças expellirem com este preparado 100 lombrigas, e adultos mais de 200.

A' venda em todo o paiz.

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *Bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encommenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia*.

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

RELOJOARIA FERREIRA

— DE —

Manuel Nunes Ferreira

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — Coimbra

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

Conversação Franceza
Educação physica

E. ROCHET

Rua do Almoxarife, 29 — COIMBRA

TABACARIA CENTRAL

DE Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Padaria Flôr de Coimbra

Nesta acreditada padaria labricam-se diariamente as seguintes qualidades de pão:

Pão de familia, pão de bolacha, abiscoitado francez, fôrmas, tranças, pão de agua, pão de uso commum e outras qualidades.

Grande sortido de bolachas e biscoitos.

Telephone n.º 73

Succursal: 50, Rua dos Banhos, 56

Figueira da Foz

LORTINHAS & FERREIRA

42, Rua da Sophia, 44 — COIMBRA

Sucursal em Coimbra para a venda de pão: Largo D. Luiz — MERCEARIA DO SR. ARTUR CRUZ

MERCEARIA

Completo sortido de generos de 1.ª qualidade, recebidos das melhores procedencias.

Chá do Japão, Lypton e outras marcas.

Massas, arroz, conservas nacionaes e estrangeiras.

Chocolates diversos e cacau.

VINHOS DO PORTO

E

CHAMPAGNES

Café, da casa, lote especial a 720 réis o kilo

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — **José Lebre.**

Tratamento das doenças dos olhos — **Abilio Justiça.**

Electrotherapia
Medicação eletroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

(Telephone 254)

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada.

Encarrega-se de leilões e liquidações.

Compra objectos antigos em todos os generos.

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás, e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 150 — *Coimbra*

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — **Coimbra**

Pianos **Gaveau** * * *

* * * Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**

* * * Machinas de costura **Naumann**

(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo
Instrumentos musicos, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA * * * GARANTIA
* * * SERIEDADE * * *

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33
COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — *Coimbra*

Antonio Dias Themido

COM

Estabelecimento de mercearia

E

FABRICA DE LICORES E OUTRAS BEBIDAS

Premiado em diversas exposições nacionaes e estrangeiras

129, Rua Ferreira Borges, 133 — Coimbra

Participa ao respeitavel publico que, além do grande e variado sortido em artigos de mercearia e bebidas de varias qualidades, que vende por preços muito limitados, tambem tem deposito de rolhas de cortiça de todas as dimensões, que vende pelos preços das fabricas de Lisboa, Porto e Oliveira d'Azemeis.

Quem precisar de qualquer d'estes artigos, prefira este estabelecimento, o que o annunciante muito agradece.

NOVA HOSPEDARIA

R. da Sofia, 95, 97 e 99 — **Coimbra**

Recebe comensais, a preços comodos, com tratamento abundante, recommendando-se pelo esmerado aceio.

Tem bons quartos, gabinetes, fornece almoços e jantares para fóra, e tem serviço de restaurante e café, por lista.

A visita a este estabelecimento desde já agradece aos seus ex.mos amigos e ao publico em geral

O gerente,

Francisco Cardoso Marques

Agua do Barreiro

(BEIRA ALTA)

Estimula fortemente o appetite; cura radicalmente a anemia, a chlorose e as doenças do estomago, facilitando ao mesmo tempo a digestão; purifica o sangue e, no periodo catamenial, é infallivel reguladora das *funcções delicadas das senhoras.*

Deposito em COIMBRA

MANUEL FERNANDES DE AZEVEDO & C.ª

Praça 8 de Maio e L. D. Luiz

Aos srs. facultativos e ao publico

A **Tromolna** é o melhor alimento, superior a todas as farinhas em albominoides. Análize do sr. Ch. Lepierre. Vende-a o sr. Alvaro Castanheira, largo de D. Carlos, e na Farmacia Sobral, rua Infante D. Augusto.

Agua minero-medicinal do Zambujal

A MELHOR E MAIS BARATA AGUA DE MESA

Indicada nos padecimentos de estomago, rins e bexiga

A venda em todas as farmacias

45

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — RAMADA CURTO

Redacção e administação — PATEO DA INQUISIÇÃO, 6

Composição e impressão — RUA DA MOEDA, 12 e 14

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso 20 réis.**

Annuncios — Cada linha, 30 réis. e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

Anno I | COIMBRA — Segunda-feira, 31 de janeiro de 1910 | N.º 32

31 DE JANEIRO!

Já lá vão dezenove annos que a alma nacional, alvorando epopeias, abriu um relampago formidavel de luz, na treva espessa e funda em que, ainda hoje — por desgraça nossa! — a Patria vive. A Ideia luminosa, a aspiração vibrante, de todo um povo martyr e escravo, que teve nessa madrugada o baptismo de sangue generoso dos heroes que por ella morreram, hade viver, hade triumphar em breve de facto, como hoje já triumpha nas consciencias. Não ha apostolados inuteis, todos são redemptores! Quando não façam triumphar a causa que defendem, redimem os apostolos. Isso basta!

Gloria aos Mortos, que com seus dedos hirtos apontam aos vivos o unico caminho, o caminho necessario, abrolhado d'espinhos, a senda dolorosa ao fim da qual se encontra a Terra Promettida, suprema Esperança de resgate d'uma Patria. Que os vivos o não esqueçam e que a Ideia do dever sagrado a cumprir abroquele os fracos e os timidos, escalde o sangue dos Fortes!

Factos & Commentarios

A cidade e o seu municipio

Pelos modos, a população d'esta boa cidade de Coimbra, está soffrendo o castigo da ingenuidade com que, sempre que ha eleições municipaes, acorre presurosamente a collocar nas cadeiras do municipio uma galeria de *super-homens*, com o inevitavel lente a capitanea-la.

Está-se assistindo ao fim d'uma auto-sugestão collectiva, — e ainda bem que assim é. Era caricato e tôlo o que passava!

Com o municipio de Coimbra dava-se o mesmo que, com as pilulas Pink ou com o *cinturão electrico* — em materia de reclame.

Não havia conimbricense nenhum que não se julgasse obrigado a proclamar as excellencias, as virtudes, as artes e capacidades de toda a ordem, que ornavam o espirito esclarecido e preclaro dos seus edis. E, acima de todos, radioso como um sol, soberano e omnisciente, lá estava o inevitavel doutor, o necessario doutor, *o sr. lente*, que era tão extraordinario, tão fóra do vulgar que — eia, rapazes! — até era *sucialista!*

Se as arvores, na primavera, floriam, com um vigor mais moço, a quem se devia isso era á Camara e, portanto: *viva o sr. dr. Marnoco!*

Se a cidade prosperava, alargando-se em bairros novos, tomando todo o aspecto d'uma cidade progressiva e moderna isso, não era devido ás suas forças proprias, ao seu trabalho, ao seu constante *afan* de fazer mais e melhor, mas devia-se á sabedoria da Camara, á sciencia do seu presidente e, portanto: — Viva o sr. dr. Marnoco!

Tudo, desde as beneficas alterações atmosphericas, favoraveis á agricultura, até á tracção animal ou electrica — era á camara e mais ao seu presidente que se devia!

Quem fazia com que houvesse sol era a Camara, quem fazia com que chovesse era a Camara!

E, não estamos longe de acreditar que, no dia em que o primeiro carro electrico percorresse as ruas de Coimbra, se julgasse que era a Camara que o fazia andar e, voz em grita, a acclamassem na rua aos gritos de «Força, rapazes! Isso é que é puxar!» — delirantes d'enthusiasmo e convictos!

Ora, pelo visto, está-se operando uma salutar reviravolta neste estado d'espirito.

Reconhece-se, por egual, que isto de receber o povo com embuscadas policiaes quando elle, no uso d'um direito, apresenta as suas justas representações — é tudo, menos *sucialista!*

Mas ao mesmo tempo, deve reconhecer-se que todos, absolutamente todos — velhos, novos, amanuenses, parteiras e segundos-sargentos — tiveram culpa nesta situação e que já que assim os quizeram, assim os aturem! E' uma reacção, fóra de tempo, contra um escagarrinhamento geral de louvores que parecia eternisar-se. E' bom que fique d'emenda!

A ultima questão, do imposto sobre os cães, e correlativa dóse de peixe espada que a camara se dispunha a fornecer — d'esta vez sem contador e por avença — aos lombos dos reclamantes vem levantar uma celeuma dos diabos.

Mas talvez que appareça ainda alguem a justificar-lhe o procedimento com o facto de estar um frio de rachar e a camara, sempre previdente, querer aquecer as costas aos municipes!

E nesse caso: — Viva o sr. dr. Marnoco mail-a companhia!

Espionagem

Como constasse que nas escolas de Lisboa se estava exercendo espionagem logo os rapazes da capital alarmados, trataram de nomear commissões e lavrar protestos contra o facto.

Santa ingenuidade!

E' o nosso *comer* desde ha muito e tão inveterado está nos nossos habitos que nem por tal já damos. A de cá é um estupôr muito batido, coeva da fundação do Estabelecimento, de rabo pellado e pello na venta mas paleolithica de intelligencia como boa filha de Minerva que é.

Mas lá bem informada anda ella sempre e se o leitor duvida, experimente. Pergunte-lhe de que louça é o nosso... vaso de noite e verá...

A distancia e o sentimento

A *Revue* chegada ha dias transcreve d'um jornal allemão o appello que a todo o mundo faz o professor Rodolphe Euken, de Iena a favor da desgraçada Finlandia, cada vez mais maltratada e opprimida.

«A sorte de um só homem como Ferrer, diz elle, excitou a indignação do mundo civilisado. Acaso um povo inteiro é menos digno de interesse como nação que um só homem?»

E' a tal lei da distancia no sentimento de que nos falla Eça de Queiroz.

Na Russia

Quadro actual da Russia, sob a politica fecunda do prestante «Paesinho e do insubstituivel Stolypine o incomparavel preconisador do regimen do «*repouso*» (repouso, é claro, synonimo de ordem e ordem aqui é a tal, a de Varsovia): Todos os logares de divertimentos, cafés concertos, theatros, etc., regorgitando: salas de conferencias, assembleias politicas — ás moscas. Mas não que elle é barro! As execuções succedem-se — uma em Karkof, tres em Ekatermoslaw, e todos acham que tudo vae bem, comtanto que o senhor carrasco os não incommode.

Valente regimen do repouso!

Sch!

Pio X, dizem os telegrammas da Havas, mandou 30:000 francos para as victimas das innundações em França. Sch!

D'esta vez lá fica o bom velhinho a broa e sardinha!

O Trust

O Mestre quando leu a noticia do *trust* dos livreiros ia desmaiando.

Comprehende-se facilmente que assim fosse. O illustre tem já completamente prompto o seu famoso tratado.

Se lh'o reprova o conselho ou lhe sobem o preço da edição, é dia de lucto nacional.

O que vale é que ainda nos fica o Pimpão.

Telegrammas

Consta que o *exoteriku* a quem chamaram bonito acaba de pôr o litoral no seguro.

Não percebemos.

— Informam-nos de que Keating (o dos pós) vem a Coimbra assistir ás festas do centenario.

Os da ideia d'esta vez fogem.

CELEBRES... DE BORLA

A ESTE NÃO!

E' preciso ter feitio
P'ra fazer versos a um macho.
Mas eu lanço um desafio
A qualquer vate com brio
Que os faça a tal *mamarracho!*

Foge a musa espavorida,
Fica a graça no tinteiro,
A minha alma, sucumbida,
Lamenta a porca da vida
E a cara d'este parceiro!

Foi republicano outr'ora
Descambou logo em franquista.
Isto basta. A musa agora
Ficou seria, foi-se embora,
Já não póde ser trocista.

Antes perder á roleta,
N'uma noite de desgraça,
As ceroulas e a jaqueta.
Mas versos a tal... careta
Isso não! Outro que os faça!

Dr. Watson.

A reunião do Partido Republicano

Realisou-se hontem a annunciada reunião partidaria, convocada pelo Directorio. O que essa assembleia foi, como demonstração de força, de competencia, de superior orientação provam-no o relato desenvolvido que d'ella fazem os jornaes diarios da capital. Ocioso já se torna repetir que em Portugal existe uma unica força politico-social, digna de dirigir os destinos collectivos d'este povo. Essa força é o Partido Republicano, unico em tudo, ou seja pela superioridade dos seus homens ou pela virtualidade propria dos seus principios.

Se necessario fosse ainda demonstra-lo, ahi tinhamos nós a reunião d'hontem. Publicamos a seguir as conclusões da mensagem do Directorio, que fallam por si, mais e melhor, do que todas as considerações que podessemos fazer a tal respeito:

Exposto nas suas linhas geraes o conflicto entre a nação e o regimen, o Directorio entende que lhe compete submetter a esta assembleia a apreciação de pontos concretos que devem ser motivo da acção partidaria em todo o paiz.

Ao Directorio não incumbe improvisar aquella revolução que realisa a mudança definitiva do regimen; mas compete oriental-a, desde que se manifeste, como facto social, determinado pela coincidencia do protesto da nação com as aspirações do partido republicano.

As acções decisivas não se inventam, aproveitam-se os meios deterministas, sempre alheios á intervenção individual. E, nesse sentido, o partido republicano não falta ao seu dever.

As velhas e romanticas formulas revolucionarias da simples conspiração acabaram; são hoje improficuas. A intervenção consciente, opportuna das vontades disciplinadas por uma alta ideia é que tudo póde — basta ver como estas tres revoluções do Brazil, da Turquia e da Persia realisaram um ideal definido.

Vendo acima de tudo a nossa Patria, passados noventa annos sobre a revolução de 1820, repetiremos a sua divisa — uma só vontade nos una.

Na exposição que acaba de vos ser feita, o directorio procurou nada omittir que importasse uma insufficiencia, e ao mesmo tempo procurou nada expôr que fosse uma superfluidade ou um exaggero. A verdade, a exactidão e a clareza foram a preoccupação maxima do directorio na redacção d'este documento.

Definida, como fica, a situação, considerando o directorio que o partido republicano necessita identificar-se cada vez mais com o paiz, e sendo certo que uma organisação politica tão vasta como elle é traduz uma força que os governos não pódem ignorar e que em todo o caso é necessario impor-lhes em nome da grande e crescente massa de interesses de toda a ordem que representa, consulta a assembleia sobre se deve considerar como urgentes as seguintes questões:

1.ª — *Reforma eleitoral*, consignando as maximas garantias do eleitorado e permittindo aos differentes agrupamentos politicos a representação e que tiverem direito;

2.ª — *Leis de excepção*, reclamar que sejam revogadas, pondo-se os interesses da justiça harmonicos com os legitimos direitos e liberdades individuaes;

3.ª — *Questão clerical*, reclamando a revogação do decreto de 18 de absil de 1901 e a adopção de providencias que impeçam a invasão do poder civil pelas auctoridades da egreja;

4.ª — *Questão constitucional*, consignar no codigo fundamental da nação as melhores garantias de todas as liberdades, mórmente da liberdade de consciencia;

5.ª — *Reorganisação administrativa;* reclamar a autonomia dos municipios na esphera das suas especiaes faculdades e naturaes attribuições;

6.ª — *Questão de impostos;* reclamando a diminuição gradual dos impostos de consumo, barateando-se pelo desaggravamento tributario os generos de primeira necessidade;

7.ª — *Defeza nacional*, no seu duplo aspecto terrestre e maritimo, comprehendendo-se nella o problema colonial;

8.ª — *Questão financeira*, reclamar o equilibrio orçamental pela diminuição de todas as verbas parasitarias, a reducção de todas as despezas exaggeradas, o adiamento de todas as despezas que não sejam urgentes e quantos meios e processos forem a elle conducentes;

9.ª — *Questão economica;* reclamar a defeza e protecção do trabalho nacional;

10.ª — *Reosganisação do ensino;* effectivar a lei da instrucção primaria obrigatoria, e pondo o ensino superior medio e technico em harmonia com o espirito scientifico moderno.

Apenas, aproveitamos agora o ensejo para manifestar a nossa absoluta discordancia ácerca da forma como essa reunião foi convocada. Mal nos iria a nós não o dizer e não julgamos faltar, em nada, á disciplina partidaria, manifestando, sincera e lealmente, a nossa opinião. Exactamente porque estamos num partido democratico, onde todas as opiniões, por mais modestas, teem valor, é que não nos julgamos no dever de nos calar e, pelo contrario, ficamos de bem com a nossa consciencia, fallando.

As nossas razões são simples e ei-las:

— No momento actual a voz que se deve elevar acima de todas as outras e que os dirigentes do partido devem escutar de preferencia, para, por ella pautarem os seus actos é a voz do Povo. E' a voz dos humildes, dos obscuros, dos verdadeiros sacrificados, dos verdadeiros martyres d'esta cruzada santa em que vem empenhada, de ha muito, fervorosa e dedicadamente a alma da Nação. A convocatoria para a reunião d'hontem não obedeceu a este criterio. O Directorio chamou para a ouvir a «aristocracia» do Partido — os seus deputados, os presidentes das commissões partidarias, todas as pessoas que dentro da nossa organisação partidaria formam uma especie de oligarchia que dirige e que tem especiaes responsabilidades. Não concordariamos com tal convocatoria, em momento algum e muito menos agora. Parece que se não gosta de ouvir fallar, directamente e sem intermediarios, a voz clamorosa do Povo e isto, que apenas *parece* e assim não é, dá-nos uma pessima impressão, sem contar que é pouco... democratico.

O povo pequeno e soffredor, a *arraia meuda*, ou como dizem os adversarios, a *canalha*, e como nós devemos dizer «o extraordinario povo portuguez, reservatorio de todas as viris energias de que hade sahir a redempção collectiva», tem, mais do que ninguem, o direito de se fazer ouvir, para melhor informar da sua vontade os seus mandatarios.

E temos dito.

CATURRICES

Meu caro: — Depois d'aquella conversa que hontem nós tivemos a uma mesa do Telles sobre estas duas coisas que, por egual, te enthusiasmavam — os progressos d'aquillo a que tu chamavas emphaticamente «psychologia experimental» e os olhos negros d'uma das *señoritas* que lá tocam — eu lembrei-me de, para corresponder a um amavel pedido teu, alinhavar para a *Revolta* umas caturrices sobre o que eu teimo em chamar «espiritismo»

Não te vou discutir a veracidade dos factos que andam citados em livros de procedencia varia e sob a responsabilidade de varios nomes, mais ou menos estrondosos.

As leves considerações que vou fazer são d'ordem geral ou seja — que me perdoem a vaidade da palavra — n'um ponto de vista «philosophico». Não te digo o que penso ácerca das *experiencias* de Lombroso e de Crooks nem das altas *fumisteries* de tantos outros. O que se trata, no fundo da questão, é do velho problema do Desconhecido, da Sobrevivencia, que vem desde que o mundo é mundo, apaixonando actualmente em Portugal, o sr. Fernando de Lacerda, chronista d'Além-Campa como na Antiguidade classica preoccupava, se bem que por outra fórma, Socrates e Platão.

Como responde o pensamento moderno, — ou por outra, como me parece que elle póde responder, no estado actual da sciencia, dada a miseria e o infantil das pseudo-verificações experimentaes de que tanto se fala — á velha interrogação do espirito humano ao Desconhecido, é o que eu vou tentar explicar-te.

E' necessario que partamos do principio que repugna a qualquer pessoa, considerar a psychologia, como uma sciencia de relações e pô-la, por essa fórma, ao lado de todas as outras sciencias da natureza. E' o velho prejuizo «antropocentrico». O que se vê, em relação á «psychologia» dá-se tambem em relação ás sciencias biologicas. Sempre que se trata de nós, ou do nosso figado, ou do nosso bofe ou da nossa alma, eis-nos logo a suppor-nos um pequeno universo em face do outro universo que existe fóra de nós, e superior a este, apesar da sua relativa pequenez. O homem admitte que lhe chamem rethoricamente «grão d'areia», mas accrescenta logo «grão d'areia pensante».

Alem d'isso nós temos o sentimento de que somos «activos» capazes «d'actuar» ou, mais vulgarmente, de «crear» produzindo uma mudança qualquer no que, fóra de nós, se considera como inerte, e por isso, sentindo-nos como «causa geradora» ou seja «força creadora».

E' este o ultimo baluarte dos metaphysicos da vida e dos do espirito — que nem o Espirito nem a Vida teem a susceptibilidade de se deixarem abraçar completamente pela analyse e reduzir a um encadeamento, a uma complicação de relações. A materia, sim, — é um systema de relações, mas um ser pensante, um ser vivo, creador e activo, teem de ser mais, é impossivel que seja tão pouco! Estas illusões custam muito a derrubar, teem raizes muito fundas e por isso viverão ainda muito tempo, como uma especie de «ponto d'honra» da pobre Humanidade. Ora a Sciencia nada tem que vêr com isto. Para ella todas as coisas, a moral humana ou um phenomeno physico, uma paixão ou uma desynteria — não são nada mais que «resultantes» «factos condicionados» systemas de relações de varia ordem. Antigamente ainda se era mais «antropomorphista» do que hoje. Hoje, porém, conhece-se melhor o poder e a extensão da actividade da materia que se analysa com muito maior segurança e que, á medida que avançamos nessa analyse, se reduz a condições de mais em mais, complexas e affastadas mas resolve-se sempre em relações, em systemas de relações sem deixar de ser «activa». O que sae fóra d'isto pertence a uma metaphisica bolorenta. Todo o dado scientifico não é mais que uma synthese que a Sciencia analysa, que reduz ás suas condições, que decompõem em «relações». Sendo isto assim e como um «systema de relações», difficilmente será eterno, é uma vez a «unidade» a «eternidade do espirito humano»! «E' uma vez», não digo bem

E não digo bem, porque não posso negar que seja «impossivel» a unidade e a eternidade de qualquer systema.

Digo apenas que é «difficil» que não é «provavel» mas não posso affirmar que seja «impossivel». A quem compete dicidir do caso? A' experiencia. Só ella póde vir a mostrar-nos se, por exemplo, a consciencia depende, é condicionada por outro systema de relações que seja outra coisa alem do nosso «organismo» do nosso «systema nervoso». As celebres «experiencias» de que tu me fallavas, já provaram qualquer coisa de semelhante a isto? De fórma alguma — é ocioso dizê-lo. A maior parte d'ellas são *trucs* ordinarios de prestidigitadores e tu, *meu pandigo*, sabes muito bem como a gente se ri á custa do proximo...

As poucas a que se póde dar crédito provam apenas isto: que ha certas forças naturaes certos movimentos mecanicos de que nós ainda conhecemos muito mal as manifestações e muito menos as condições e as leis. Todas as probabilidades são para a hypothese de que essas manifestações dependam do organismo humano — do inconsciente psychologico, da actividade biologica.

E eis o que no estado actual da Sciencia se póde responder, creio eu, a essas perguntas sobre o «au-delá».

E como esta vae estirada eu ponho ponto, pedindo-te milhões de desculpas da massada.

Teu

Sallustio

MIUDEZAS

Era o enlevo da familia o *enfant-gaté* do pae e da mãe, — o poeta Pitotinhas! Em casa, se presumiam que o rapaz, recolhido no seu quarto, partejava um soneto, toda a creadagem andava em bicos dos pés, ciciando baixinho pelos cantos, não fosse a inspiração fugir ao pequeno «grande-homem»!

Pitotinhas, por vezes, tocava a campainha, chamava um escudeiro:

— Avise, para não fazerem barulho, que eu vou produzir!

O escudeiro açodado corria a dar a grande nova:

— O menino está produzindo...

E o pae e a mãe, tremulos de comoção, caíam nos braços um do outro:

— O nosso filho produz... Que produzirá elle!?

E Pitotinhas, no remanso do seu gabinete luxuoso, fronte inspirada, olhar perdido no vago d'um sonho, todo se desentranhava em sonetos, em odes, em bucolicas, n'um semnumero de coisas geniaes.

A' noite, no salão illuminado, em frente das visitas que o pae convidára expressamente para que Pitotinhas puzesse o talento á mostra, era, ao fim da recitação, entre o delirio dos bravos e das palmas, a grande scena, em que o pae, com a voz embargada de soluços, caía nos braços da mulher, bradando:

— Nós temos um filho que m'honra, que t'honra e que s'honra...

E Pitotinhas, entre alas de lacaios com thuribulos, revestido d'uma dalmatica branca, recolhia de novo ao remanso do gabinete, na ancia de produzir mais e melhor, ante o olhar extatico das gentes.

Ora um dia foi jantar a casa de Pitotas, pae de Pitotinhas, o grande poeta Craveiro, auctor da *Morte de Satanaz*

Pitotinhas á mesa, guardára a gravidade scismadora, d'um pequenino genio, que vive dentro do seu sonho interior. E, no fundo da sua alma, havia o anceio, de mostrar ao grande poeta Craveiro, que tinha alli um rival, um competidor, um collega.

Tinha-se chegado á sobremeza. No salão luxuoso já velas ardiam, nos grandes caudelabros de prata e pela larga varanda aberta vinha de baixo, do jardim, o perfume alto dos lilazes em flor que se afogavam na sombra.

Era um anoitecer de primavera e o ceu parecia uma larga coberta azul, lantejoulada d'ouro.

No horisonte o pleni-lunio semelhava um incendio — e Pitotinhas sentia agitar-se lhe no cerebro, uma obra prima eminente. Que boa occasião para brilhar diante de Craveiro!

O pae, comprehendeu o que se passava no espirito do poeta e deu-lhe a occasião almejada:

— Filho, mostra aqui ao sr. Craveiro, a facilidade com que improvisas... Vae á janella e inspira-te!

Pitotinhas não se fez rogado.

Levantou-se, olhar vago, andar solemne e, um momento, encostado ao varandim de marmore, contemplou, mergulhado na sombra, o ceu estrellado, a lua enorme que subia

---

Folhetim d'A REVOLTA

BLASCO IBAÑEZ

O estabulo de Eva

Emocionados com tanta amabilidade, os esposos offereceram ao Senhor uma cadeira de braços. Que cadeira, calculam lá! Larga, comoda, com um accento de trancinha d'esparto do mais fino, como egual poderá ter um cura d'aldeia.

O Senhor, assentado a seu gosto, ouvia as queixas d'Adão, o muito que lhe custava ganhar o sustento dos seus.

— Ainda bem, ainda bem, dizia-lhe. Isso ha de ensinar-te a não acceitar conselho de tua mulher. Pensavas que isto ia ser o mesmo que os manjares do Paraiso? Sofre, trabalha, súa, aprenderás assim a não desobedecer, a não ter atrevimentos com os teus superiores.

Mas arrependido de tanta dureza accudiu em tom bondoso:

— O que está feito, está feito, e a minha maldição deve cumprir-se. A minha palavra é só uma. Mas já que entrei em tua casa não me irei sem deixar uma recordação da minha bondade. Eva, aproxima-me esses pequenos.

Os tres formaram uma fila ante o Todo-Poderoso, que, d'espaço, os examinou attentamente.

— Tu — disse ao primeiro, um gorducho muito serio, que o escutava de sobrancelha franzida, e um dedo no nariz — tu serás o encarregado de julgar os teus semilhantes. Fabricarás a lei, dirás o que é delicto, mudando todos os seculos d'opinião, e submetterás todos os criminosos á mesma regra, que é como diz, curarás todos os enfermos com o mesmo medicamento.

Depois apontou o outro, um vivo morenito, sempre com um pau a fustigar os irmãos

— Tu serás um guerreiro, um caudilho. Levarás após ti os homens, como quem leva um rebanho ao matadoiro, e apezar d'isso acclamar-te-hão: a gente ao vêr-te coberto de sangue te admirará e te adorará como um semideus. Se os outros matam, são criminosos; se tu matares, serás heroe. Inunda os campos de sangue, passa pelas armas povos inteiros, destroe, mata e os poetas hão de cantar-te e escreverão as tuas façanhas os historiadores. Um outro que faça o mesmo que tu... arrastará cadeias; nunca mais o sol o alumiará

Reflectiu o senhor um instante, e dirigiu-se ao terceiro:

— Tu açambarcarás as riquezas do mundo, serás commerciante, has de emprestar dinheiro aos reis tratando-os como eguaes, e se acaso arruinares um povo, o mundo admirará a tua habilidade

O pobre Adão chorava de agradecido, emquanto Eva, inquieta e tremente, intentava dizer alguma coisa, sem atrever-se No seu coração de mãe agitava-se já o remorso; pensava nos pobrezitos, encerrados no estabulo, que iam ser excluidos d'aquelle repartir de mercês.

— Vou mostra-los, dizia em voz baixa ao marido.

E este, timido sempre, oppunha-se murmurando:

— Seria demasiado atrevimento. Enfadar-se-ha o Senhor.

Neste momento o arcanjo Miguel, que tinha vindo contra vontade a casa de taes repobros, apressava seu amo:

— Senhor, é tarde.

E o Senhor levantou-se, e a escolta de arcanjos, descendo das arvores, acudiu correndo para *apresentar armas* á saida.

Eva, cheia de remorso, correu ao estabulo e abriu a porta.

— Faltam estes, Senhor. Alguma coisa para estes pobrezinhos.

O Todo-Poderoso olhou com extranheza aquella turbazita suja e asquerosa, que se agitava como um montão de vermes.

— Nada tenho para dar. Os irmãos ficaram-lhes com tudo. Pensarei, mulher. Veremos, veremos... no futuro.

— Alguma coisa Senhor; dai-lhes qualquer coisa. Que será d'elles, assim, no mundo?

O Senhor desejava partir. Já no limiar voltou-se:

— Têem destino! Têem destino! esses encarregar se-hão de servir e manter os outros.

E um sorriso de superioridade fez-lhe tremer as barbas brancas.

— E' d'esses infelizes — terminou o velho segador — é d'esses infelizes, que nossa primeira mãe ocultou no estabulo, que todos descendemos, nós os que, encurvados, como vermes, sobrinos a terra.

(Dos *Cuentos Valencianos*.)

no ceu, a placidez da noite que avançava...

O coração do pae palpitava de commoção e orgulho

Os lacaios de pé, em roda da meza, conservavam a immobilidade d'estatuas, hirtos nas suas librés de seda preta - e as luzes dos candelabros tremiam, com uma chamma mais alta...

Então a voz de Pitotinhas ergueu-se, velada e doce, como um murmurio de brisa:

— Acolá vem a lua,
Vomitando estrellas!
Ai, meu Deus, que bellas são
Ai, meu Deus que bellas!

E voltou para dentro, fitando triumphante Craveiro e, passando a a mão pela testa, murmurava, modesto:

— Foi o que me saiu, na occasião...

O pae, olhos razos d'agua, perguntou a Craveiro, enternecido:

— Então, que lhe parece, Mestre?

O Mestre ergueu-se, fitou o pae, fitou o filho, e respondeu, com gravidade, apontando Pitotinhas:

— Lá vae paraphrase!

— De teu filho, — juro eu! —
Colherás optimo fructo!
Ai, meu Deus, que bruto é!
Ai, meu Dens que bruto!

Iam-lhe batendo.

D. Fuas

EXPEDIENTE

Aos estudantes que assignavam A REVOLTA e tenham mudado de residencia, a administração d'este semanario pede a fineza de, caso queiram continuar as suas assignaturas, indicarem num postal para o Pateo da Inquisição, 6, a sua morada.

Revisão dos nossos peccados

O ultimo numero da *Revolta* saiu um tanto ou quanto enygmatico — até parecia «exoteriku» o maroto do jornal.

O leitor, que decerto é intelligente, facilmente emendou a maior parte dos erros typographicos.

Mas há alguns que nem o Papa os decifra. E assim, nos telegrammas, em vez de: «De toodos, senhoor!», puzeram-nos qualquer coisa como: «De todos os senhores!» ! (Este segundo ponto pertence ao presente numero.

Que os leitores nos queiram desculpar, e não julguem que a *Revolta* é uma segunda edição do *Almanach de Lembranças*.

Os armazens do Chiado

Foram postos os vidros das montras neste sumptuoso estabelecimento. O nosso Sol ameaça transformar com as suas obras a rua Ferreira Borges num cantinho de boulevard.

E como para solemnisar a collocação dos vidros deu feriado aos trabalhadores, aqui o felicitamos por mostrar assim, tendencias socialistas, muito de louvar...

Rakù

O japonez deu que fallar em Coimbra. Appareceram varios *valientes*, uns recebidos com favor, outros recebidos *á bruta* o que é uma injustiça e uma desigualdade de tratamento censuravel... Mas o que ficou provado é que não ha outro Rakù capaz de o vencer. Só se o vencer um outro Rá — que é exactamente o contrario d'este.

O sr. ministro das obras publicas determinou que se proceda á ligação da rede telephonica de Coimbra com a Figueira da Foz e ao estabelecimento da rede telephonica d'esta ultima cidade para 100 assignantes.

SECÇÃO LITTERARIA

LOHENGRIN

(Preludio)

Lá muito longe, para além do mar,
E para lá das terras habitadas,
Ha um sagrado e mystico logar
Onde brilham perpetuas alvoradas.

Jámais um só mortal passou alli;
No mysterioso e limpido logar,
E eternamente o sol brilha e sorri,
Com novo, extranho modo de brilhar.

Nem uma ave corta o azul do céu,
Um infinito azul, calmo e profundo.
Tudo parece alli que adormeceu
Nesse logar de Sonho, além do mundo.

E' Monsalvato o nome que elle tem,
Esse paiz de eterna primavera;
Esse paiz onde não foi ninguem,
Esse paiz de Lenda e de Chymera...

E, em Monsalvato, no paiz ideal,
Ergue-se ao céu, altiva, omnipotente,
Uma cupula d'oiro e de cristal
D'um colossal castello refulgente!

Fulgem ao sol abobadas gigantes,
E, entre columnas, vêem-se passar
Cavalleiros com arnezes fulgurantes
E grandes mantos brancos a voar.

Vibram vozes supremas na amplidão,
Sinos tilintam — e suavemente
Um canto sóbe ao céu, cheio d'uncção.
Resoam orgãos n'um gemer plangente.

Os sinos vôam no azul do ar,
Os orgãos gemem... — Fluidicamente
O mesmo canto sóbe devagar,
Cristalino, continuo, persistente. —

Na immensa nave brilham armaduras,
Escudos de prata, espadas scintillantes,
Elmos, arnezes de sublime alvura,
Da brancura dos gelos e diamantes!

E num altar de marmor precioso
Como um sanguineo sol aprisionado,
O Santo Gral, o vaso mysterioso,
Guarda o sangue de Deus crucificado!

— O' Sol espiritual! ó pura luz!
O' sacrosanta urna de crystal!
Sois vós, sagrado sangue de Jesus,
Que nos daes forças p'ra vencer o Mal! —

Quando na terra a Innocencia chora,
Quando a Fraqueza sollicita amparo,
Um cavalleiro vem na mesma hora,
Combater pelo Bem, formoso e claro.

Um grande cysne branco corta o mar,
Que logo fica manso como um lago,
Vem puxando uma barca... — Em roda, o ar
Tem a doçura amiga d'um afago.

E o campeão sagrado e mysterioso,
Vem na barca, de pé, altivamente,
Traz nas armas um timbre magestoso,
Um grande cysne, airoso e refulgente.

Bate-lhe o sol de chapa na armadura,
Vem num halo de luz sublime e forte,
E traz, no claro olhar e na figura,
Pr'ós bons a Paz e para os maus a Morte!

O ceu é mais azul... A brisa cae...
E o proprio mar mal se ouve suspirar...
— Uma harmonia fluida que se esvae,
Parece vir de longe pelo ar...

Sente-se em roda um sopro de mysterio,
Estanca-se o ar numa azulada calma,
Aves suspendem vôo no espaço ethereo,
E uma frescura corre pela alma...

Vem luctar pelo Bem, pela Verdade,
Pela sagrada causa da Fraqueza,
Pela Justiça contra a Iniquidade,
Por tudo quanto é fraco e sem defeza!

E se encontra na terra o sentimento,
D'um verdadeiro e puro e santo amor,
Póde ficar... — Mas tem um juramento,
Que o faz partir, se atraiçoado fôr.

Nunca dirá, nem mesmo ao ente amado,
O seu nome, quem é, e d'onde vem...
Em que paiz, longinquo e ignorado,
Elle deixou talvez, a sua mãe...

Porém, se um dia, o peito da mulher
A quem amar a Duvida sentir,
E, se a fatal pergunta lhe fizer,
Terá que responder e que partir.

O cysne branco ha de voltar á praia...
Tem de partir... O Gral assim o quiz! —
— E, emquanto sobre a areia o mar se espraia,
O cavalleiro volta ao seu paiz! —

A Duvida matou o seu amor,
— O cysne corta o mar, rapidamente... —
Lá longe, chorará a sua dôr,
Na paz de Monsalvato, eternamente.

Maio, 1907.

Ramada Curto.

BELISÇÕES

O que p'ra ahi foi quando elles chegaram!

O que menos, trazia na algibeira uma duzia de pyramides do Egypto ainda frescas; debaixo do coco duas arrobas de «Ideia nova» escolhida.

Em casa, ao abrir das malas, foi um deslumbramento. Até o gato se assanhou com o susto! Desdobravam-se as roupinhas novas, catitas; acamavam-nas por toda a parte. *Souvenirs* para todos; gravatas em competencia com o arco iris, sabonetes que cheiravam á gloria, espelhinhos floridos ao canto, lencinhos garridos com muitos bonecos... Ih Jesus!!

Era um nunca acabar, parecia que o fundo do bahú pertencia ao «campo das hypotheses». Tudo do bom, tudo «*signé*»: «Louvre», «Au Bon Marché», «Printemps»...

— Credo! Que despezão! gaguejava a creada, varadinha de pasmo.

E os caixotes! Valia a pena vê-los despregar.

Aquillo foi uma erupção vulcanica, mas mais bonita, com mais cores. Brotavam por todos os lados diccionarios, expositores, opusculos, folhetos, pamphletos, e até libretos. Havia livros de variegados tamanhos e feitios; com lombadas de diversissimas larguras; brochados, cartonados, encadernados á ingleza, á franceza, em marroquim, lona, pergaminho...; monochromicos, polychromicos, sem cor nenhuma.

A familia, em volta, protestava suavemente:

— Mas é demais, filho!

O heroe sorria. Agora os retratos dos seus amigos. Que reparassem naquellas testas enormes, na serenidade da expressão. Eram consagrados! Photographias de logares celebres e edificios historicos: «Notre Dame», o «Reichstag», arenas de Nimes, o deserto no tempo de Judas...

Os visinhos iam chegando, manuseavam, cahiam de cocoras:

— Tão lindo, tão bonito!

— Sch! Por onde elle andou, o Senhor Doutor!

A um canto o gato, espavorido, bufava teimosamente.

.....

Depois, nos dias que se seguiram, os drs. davam deliciosos passeios, pela tarde. A baixa boquiabria-se ante os seus magnificos chapeus molles, escancarava os olhos, arrebitava as orelhas, quando elles passavam, com o suave ranger das botas americanas, a ultima palavra em «genero confortavel». Quantas e quantas vezes a brisa indiscreta não teve pejo, ao entreabrir-lhes a rachinha do casaco!

Restam d'essa epoca corações femininos que ainda sangram. Os amigos recordam religiosamente a carteira do dr. abarrotadinha de bilhetes perfumados, coloridos, tarjados a oiro. E que nomes nos bilhetes! Fanny! Pilar! Margueritte! Palavras que tinham a onomathopeia de beijos, de surdo ranger de dentes.

A's vezes os drs. falavam. Tinham argumentado com Thopsius, não concordavam com elle. Um chapeu no extrangeiro custava cinco francos. Oh! as aulas fabulosas da Allemanha! As mulheres em Birmingham eram loiras e muito elegantes. Agora é que se ia ver o que eram reformas, os novos processos pedagogicos...

.....

E as reformas começaram agora. A base fundamental é a diversidade de processos.

Aqui ensinam-se bordados em grego; mas cheguem ali ao lado e ouvirão uma prelecção, em sanskrito, sobre a arte de deitar tombas na Jamaica; fundou-se uma aula de Direito bundu, as licções são papagueadas.

Ha cadeiras em que se chama um alumno por dia, noutras uma duzia; e, se nestas ha prelecções monologadas, vamos encontra-las acolá dialogadas; na aula d'um ha conferencias; na d'outro não ha... nada.

A variedade em cada processo é o supremo ideal.

S. ex.ª levanta-se hoje e declara que, se até aqui esperava o curso á porta, passa a vê-lo entrar d'outro sitio; no dia seguinte s. ex.ª affirma que vae mudar de systema de ensino; uma semana depois, nova transformação. Segue-se um mez, s. ex.ª avisa, vae ser cruel; dias depois previne de que passa a tornar-se crudelissimo.

E os processos de sugestão! Que diremos d'elles?!

As prelecções são ás vezes cortadas por suspirinhos de amor. O curso, hysterisado, chora, sente... Mas há disciplinas em que dá melhor resultado a crise de desespero; nestas até a cathedra se encolhe. Que deliciosas são as prelecções alegres! Mas é horrivel a impressão com que se sabe d'aquellas em que as necessidades do ensino exigem que o professor se lamente, trema de febre, adoeça...

Parece-nos demais; os cursos não resistem a tanto; pedagogia moderna, seja! Mas em tal quantidade, assim, de chofre...

E' horrivel, mas verdadeiro! Saibam-no todos, o paiz, a Europa, o universo!!

Saibam-no todos!

Na Universidade de Coimbra, á data em que escrevemos, lavra, provocada pelos novos processos pedagogicos, uma epidemia incuravel; 99 p. c. dos alumnos e 101 p. c. dos «outros» estão completa, horrorosa, irremediavelmente atacados pela fatal «Burrite aguda de caracter permanente»!

Basta de vertigens! Por Deus, basta!

Senhor ministro do reino, providencias!!

ANNUNCIOS

Conversação Franceza
Educação physica
E. ROCHET
Rua do Almoxarife, 29 — COIMBRA

ÁS MÃES

Quando vires os vossos filhos com dôres de ventre, vertigens, anemicos e estes symptomas quasi sempre acompanhados de alguma tosse, receae que todos estes males sejam produzidos por vermes que vivem no intestino das creanças. As lombrigas produzem grandes perturbações e desarranjos, tornando as creanças molles, aborrecidas, sem grande vontade de brincar e com pouco appetite.

Combatei todos estes males com o *Vermifugo Faria*, o remedio que tem salvo dezenas de creanças e que toda a gente hoje conhece pelos seus maravilhosos resultados.

Ha casos de creanças repellirem mais de 100 lombrigas com este preparado, ficando depois completamente boas.

O *Vermifugo Faria* é pois um remedio que deve existir sempre á mão em todas as casas e familia.

O *Vermifugo Faria* encontra-se á venda em todo o paiz a 250 réis o frasquinho.

Depositos em Coimbra:
Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges.
Drogaria Villaça — Rua Ferreira Borges.

CAIXEIRO

Para mercearia. Precisa-se no largo da Feira, 50.

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — **J. M. Mendes d'Abreu**

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se innumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender-se em caixas o verdadeiro giz para alaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia

Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, 68 — Coimbra — (Telephone 112)

AOS AGRICULTORES

Enxofres e sulfato de cobre.

Chegaram os adubos quimicos, compostos, para todas as culturas, assim como os elementares, nictrato de sodio, sulfato d'amonio, chloreto de potassio, fosfato Tomaz, e outros.

Armazem de azeite, farinhas e mercearia, e muitos outros generos, que vende a preços mui reduzidos.

Refinação d'assucar.

João Vieira da Silva Lima

Rua do Paço do Conde — COIMBRA

MAGNIFICA CASA

Subloca-se uma, no melhor ponto de vista da cidade, com 16 bellas divisões, todas ellas com excellente luz, 3 retretes, agua e gaz, na Cumeada, proximo á Santa Thereza e Penedo da Saudade.

Para tratar, na Avenida Navarro, 43, r. c., com F. A. Barreiro de Castro.

PADARIA

Trespassa-se com todos os moveis e utensilios; licença pela Direcção Geral de Agricultura, e com todos os direitos que por lei lhe pertençam.

Para tratar na Padaria Flor de Coimbra — Rua da Sophia 44

CASA

Vende-se uma casa na rua do Cosme, com os n.os de policia 21, 23 e 25, (frente para a rua Sá de Miranda), 44 a 46.

Tem oito compartimentos e uma bôa e bem acabada loja. A quem convier póde dirigir-se para o Arco d'Almedina, n.º 7

MOTOR

Da acreditada marca Stockport e dispondo da força de $2^1/_2$ cavallos, encontra-se á venda um motor, em bom uso, que poderá ser observado na fabrica *A Lusitana*, em Santa Clara.

Quaisquer esclarecimentos podem ser pedidos na Praça do Comercio, 22 a 26.

Aos amadores da bella pinga

O melhor vinho verde, maduro, tinto e branco, encontra-se no estabelecimento de

Julio da Cunha Pinto

74 — Rua dos Sapateiros — 80

CARRO E ARREIOS

Vende-se uma Victoria com arreios novos, para um ou dois cavallos, na casa penhorista de João Favas, Largo de S. João, n.º 6.

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.º 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muito chics, desde 90 réis cada metro!!!

Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 e 100 réis cada metro!!!

Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro!!!

Cassas, padrões recentes, a 100 réis!!!

Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro!!!

Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis!!!

Oxfords, para camisas, (enfestados) a 130 e 140 cada metro!!!

Cotins, dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170 180 e 200 réis cada metro!!!

Armures, pretos e de côr, em algodão, desde 300 réis o metro!!!

Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro!!!

Lãs, córtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis!!!

Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro!!!

Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro!!!

Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis!!!

Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumerar os seus preços!!!

Challes do povo!!! a 600 réis!!!

Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis!!!

Ditos com seda, a 2$500 réis!!!

Armures pretos, lavrados, a 700 réis!!!

Matellasses, pretos, a 1$200 réis!!!

200 lenços de seda, tapete, que eram de 1$800, a 800 réis!!!

100 cachenez, com seda, 100°, a 700 réis!!!

100 cachenez, matiz, 100°, a 800 réis!!!

Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro!!!

Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis!!!

Ditos, muito bons, a 6$000 réis!!!

Lenços brancos, a 25 réis!!!

Peugas, ás riscas, a 40 réis!!!

Ditas finas, a 80 réis!!!

Meias pretas, fixa, a 90 réis!!!

Camisolas d'algodão, a 150 réis!!!

Ditas de côr, fortes, a 240 réis!!!

Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis!!!

Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis!!!

Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia!!!

O Proprietario,

J. M. da Silva Constantino.

PAPELARIA MODERNA

(CASA DE MUITOS ARTIGOS)

Figueira da Foz

Situada no melhor ponto d'esta cidade — TRESPASSA-SE.

Pedir informações na Praça do Commercio, 22 a 26 — Coimbra.

NOVA HOSPEDARIA

R. da Sofia, 95, 97 e 99 — Coimbra

Recebe comensais, a preços comodos, com tratamento abundante, recommendando-se pelo esmerado aceio.

Tem bons quartos, gabinetes, fornece almoços e jantares para fóra, e tem serviço de restaurante e café, por lista.

A visita a este estabelecimento desde já agradece aos seus ex.mos amigos e ao publico em geral

O gerente,

Francisco Cardoso Marques

Agua do Barreiro

(BEIRA ALTA)

Estimula fortemente o appetite; cura radicalmente a anemia, a chlorose e as doenças do estomago, facilitando ao mesmo tempo a digestão; purifica o sangue e, no periodo catamenial, é infallivel reguladora das *funcções delicadas das senhoras.*

Deposito em COIMBRA

MANUEL FERNANDES DE AZEVEDO & C.a

Praça 8 de Maio e L. D. Luiz

Aos srs. facultativos e ao publico

A **Tromoina** é o melhor alimento, superior a todas as farinhas em albominoides. Análize do sr. Ch. Lepierre. Vende-a o sr. Alvaro Castanheira, largo de D. Carlos, e na Farmacia Sobral, rua Infante D. Augusto.

Antonio Dias Themido

COM

Estabelecimento de mercearia

E

FABRICA DE LICORES E OUTRAS BEBIDAS

Premiado em diversas exposições nacionaes e estrangeiras

129, Rua Ferreira Borges, 133 — Coimbra

Participa ao respeitavel publico que, além do grande e variado sortido em artigos de mercearia e bebidas de varias qualidades, que vende por preços muito limitados, tambem tem deposito de rolhas de cortiça de todas as dimensões, que vende pelos preços das fabricas de Lisboa, Porto e Oliveira d'Azemeis.

Quem precisar de qualquer d'estes artigos, prefira este estabelecimento, o que o annunciante muito agradece.

AUTOMOVEL

Vende-se um de DION BOUTON, força de 10 cavallos, em bom estado.

Para informações, casa Galtto & Cannas — Rua do Cego, 1 a 7.

Agua minero-medicinal do Zambujal

A MELHOR E MAIS BARATA AGUA DE MEZA

Indicada nos padecimentos de estomago, rins e bexiga

Á venda em todas as farmacias

A PORTUGAL (agencia)

Carimbos de borracha

Serviço especial de cobrança de dividas

Rua do Dr. João Jacintho, 38 — COIMBRA

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PRECOS MODICOS

Conducção gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

RELOJOARIA FERREIRA

— DE —

Manuel Nunes Ferreira

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — Coimbra

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10

Rua V. da Luz, 1 — **Coimbra**

Pianos **Gaveau** * * *

* * * Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**

* * * Machinas de costura **Naumann**

(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo

Instrumentos musicos, musicas, etc.

Alugueis e vendas a prestações

Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA * * * GARANTIA

* * * SERIEDADE * * *

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás, e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 156 — *Coimbra*

TABACARIA CENTRAL

DE **Arthur L. V. d'Andrade**

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro

Compra e vende mobilia usada.

Encarrega-se de leilões e liquidações.

Compra objectos antigos em todos os generos.

ESTAÇÃO D'INVERNO

Grande reducção de preços em todos os artigos da presente estação:

Chapeus que eram de 8$000, a 3$500 réis.

Formas de feltro que eram de 1$400, a 800 réis.

Reberines que eram de 1$500, a 600 réis.

Boas que eram de 2$000, a 1$000 réis.

Saias de feltro que eram de 3$000, a 1$500 réis.

Bordados, rendas, fitas, luvas, gravatas e espartilhos.

Sedas e mais artigos para bordar.

Sempre sortimento completo em todos os artigos de retrozeiro.

Retrozaria da Moda

R. Ferreira Borges, 61 a 67 — Coimbra

(Telephone 210)

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — *Coimbra*

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — **José Lebre.**

Tratamento das doenças dos olhos — **Abilio Justiça.**

Electrotherapia

Medicação eletroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

(Telephone 254)

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81

Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.

Impressos e livros escolares.

Encadernações e artigos de papelaria.

Execução rapida de encommendas.

Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — RAMADA CURTO

Redacção e administração — PATEO DA INQUISIÇÃO, 6

Composição e impressão — RUA DA MOEDA, 12 e 14

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso 20 réis.**

Annuncios — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

Anno I | COIMBRA — Quarta-feira, 9 de fevereiro de 1910 | N.º 33

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Prisões e buscas

O facto culminante d'estes ultimos dias foi a pequenina *pavoresa* que as auctoridades de Coimbra, com a cumplicidade do Juizo d'Instrucção estão levando a effeito na cidade. Inesperadamente, é assaltada a casa d'um estimado commerciante de Santa Clara, o sr. Francisco Maria da Fonseca, conhecido pelas suas ideias republicanas que elle, corajosa e lealmente, não procurava esconder de ninguem. Ou fosse pelo facto do sr. Francisco da Fonseca, rebelde a transigencias e a attenções com adversarios que as não merecem, ter suscitado odios previligiados e especiaes ou porque alguma torpe denuncia tivesse o intuito de incommodar este prestante e honrado cidadão — o caso é, que a sua casa foi invadida, a subitas, por uma quadrilha de *bufos* de cá e de Lisboa, que se retiraram todos anchos do feito, levando como presa, dois cannos velhos de espingardas!

Poucas horas depois, o sr. Fonseca era convidado a ir ao Governo Civil assignar o auto de busca e até hoje ainda de lá não sahiu.

Logo a seguir foram presos os nossos illustres correligionarios Joaquim Lopes Gandarez e Antonio José Correia.

A incommunicabilidade d'estes presos tem sido rigorosamente mantida. Pretexto absolutamente nenhum acceitavel! Affirmam-nos que se preparam mais buscas e é natural que assim seja para, como de costume, pretender coonestar a estupida e revoltantissima violencia. A cidade, estamos absolutamente certos, de que não assistirá, de braços cruzados, a esta tragicomedia que vem assim vexar e prejudicar altamente, alguns individuos que gosam da estima e da consideração geral.

Para quem conhece Coimbra, a pacatez tradicional dos seus costumes, a — a demasiada até! — falta de intensidade da sua vida politica, semelhantes despauterios provocam uma hilariedade irreprimivel. Nos miolos dementados d'esta gente que, por desgraça é ainda em Portugal a detentora do poder, os inofensivos cannos enferrujados que os *bufos* aprehenderam ao primeiro dos nossos correligionarios presos, tomam as proporções, d'outras tantas cabeças da hydra de Lerna! Não sabe a gente que mais admirar se tanta e tão suina estupidez, se a paciencia, a absurda paciencia do paiz, que os atura a todos.

Mas isto não póde continuar. O que se passa em Coimbra é indicio que o juizo de instrucção, já pouco á larga na capital, vae estendendo fóra d'ella, a sua rêde de violencias e imbecilidades. O espirito publico não ha de viver perpetuamente, nesta atmosphera de desassocego, que é a mesma, senão peor, da creada nos ultimos tempos da dictadura e que teve o seu natural e logico remate, no dia 1 de fevereiro.

Se pretendem justificar a farça com a quadra do anno que se atravessa nem por isso a deixamos de achar imbecil, estupida e insupportavel.

Quem pagará aos nossos correligionarios presos e ás suas familias, todos os dissabôres, os desassocegos, os prejuizos que esta violencia lhes acarretou? Que indemnisação, material e moral, receberão esses homens de bem, tão iniqua e absurdamente vexados?

Não póde ser! E' preciso que isto acabe e de vez!

Emquanto em Portugal o poder estiver em mãos das quadrilhas monarchicas, neste regimen que estrebuxa e pretende evitar a sua morte inconjuravel, não haverá socego nos espiritos, paz nos corações, possibilidade, por consequencia, d'uma vida collectiva serena e util.

Esperamos da cidade de Coimbra, lesada e offendida pela revoltante iniquidade praticada contra trez dos seus filhos, o protesto retumbante, justo e inadiavel.

Factos & Commentarios

Entre estudantes militares

Pedem-nos para que façamos referencia um caso passado, ha dias, na Universidade entre um alferes, alumno do primeiro anno de Direito e um estudante, soldado, alumno do quarto anno. Foi o caso que o alferes primeiranista, exigiu ao soldado a continencia da ordenança que este não lhe fizera visto ser uso velho em todas as escolas do paiz onde ha estudantes militares, afrouxar entre camaradas os rigorismos da disciplina. O alferes, sentindo-se desconsiderado, ameaçou queixar-se do seu inferior... Depois houve varias peripecias que nós propositadamente omittimos porque não queremos ser desagradaveis a ninguem. Não conhecemos detalhadamente os casos e não nos attribuimos, por escrupulos de consciencia, o papel de juiz em casos que, como este, bolem com muitas coisas sérias. Ha aqui duas coisas a distinguir: d'um lado a questão entre militares, do outro a questão entre estudantes e, a proposito occorre-nos um caso identico succedido ha uns annos na Escola Polytechnica em que um official — cremos tambem que alferes — por um motivo similhante collocou-se em tal situação de irreductibilidade com os alumnos seus collegas d'aquelle estabelecimento de ensino, que preferiu abandonar o curso que pretendia tirar, a aguentar a situação em que fallamos. Já por aqui se vê como estas coisas podem dar resultados graves para um e outro lado e, como é de melhor gosto, deixar a sua liquidação aos interessados, para que em sua consciencia a resolvam, do que trazê-las para uma detalhada publicidade.

O sr. Vilhena

Este homem mais parece uma creação genial de Offenbach do que um «homem a serio»! O que se acaba de passar, ácerca da entrevista Campos Henriques, excede, nos dominios do caricato, tudo aquillo a que o celeberrimo «porta-estandarte», de Ferreira do Alemtejo nos tinha habituado. E' uma situação de farça. Parece que se trata d'um caso de «sadismo de ridiculo» — doença ainda não estudada nos livros de pathologia.

Vilhena não póde supportar a ideia de não se «dar ao desfructe» do paiz durante um praso de tempo mais ou menos longo.

Nunca, em paiz nenhum, se viu um homem publico ser combatido a chufas, a *pied-de-nez*, a galhofa, por toda a gente como este pobre homem. Por cada acto da sua vida, estala sempre em roda d'elle um irrepremivel coral de gargalhadas, depois do que s. ex.ª, com a ponta do charuto a requeimar-lhe o labio, recolhe novamente ao remanso do seu gabinete a dar-se ares de pensador e de profundo. Não desesperamos de o ver um dia, já esgotados todos os recursos, sair de sua casa e pôr-se ás cambalhotas no meio da rua para satisfação dos seus nervos doentes e gaudio das gentes estarrecidas. Quem não deve, quanto a nós gostar da historia é Little Walter, que vê no ex-chefe do partido regenerador um competidor de temer.

Isto tudo seria muito interessante, se não denotasse a lamentavel, pavorosa e jogralesca comedia que o paiz atura para sua desgraça. Chega-se a pasmar que se tenha descido tanto e tão depressa quando se reconhece que o unico homem, no meio d'esta farçada, o que mexe os cordelinhos a todos os outros e os obriga ás mais risiveis peloticas é um velho decrepito e avelhacado a quem, em tempos que lá vão, todo o paiz conhecia pela expressiva alcunha do *Bacôco*.

Triste tudo isto! O paiz do *Bacôco!*...

Bombarden

Informam-nos de Gerolstein que *Bombarden* está bravo e faisca lume dos olhos, — o raio do homem!

Já saberá elle a esta hora quem é «o governo constituido?»

O inquerito á instrucção

Noutro logar inserimos um artigo d'um nosso presado collaborador, para o qual chamâmos a attenção do Centro Republicano Academico, por concordarmos, em absoluto, com a sua doutrina.

Os corpos gerentes d'esta collectividade, estamos certos, que, jubilosamente, acceitarão o alvitre apresentado.

O Cabeça de Comarca

Não é o titulo d'uma comedia do Gymnasio é o *sobriquet* porque é conhecida uma auctoridade d'esta terra.

E' pois ao Cabeça de Comarca que se devem, segundo nos informam, as violencias de que têm sido victimas alguns pacificos habitantes da terra onde tal figurão exerce o mando!

Consta-nos mais, que na furia de aprehender, o Cabeça de Comarca fez uma busca, sósinho, a uma agencia funeraria e... calculem lá os srs. o que elle lá descobriu?... Dá-se um pastel de nata a quem adivinhar.

Uma!... Duas! Trez!...

Pois descobriu lá um canhão, e dos Krupp, que levou para casa, segundo consta, o demonio do homem!

A Liga dos Filhos da Noite

Uma secção d'esta tremebunda «associação secreta» tem encontrado no Choupal, a horas mortas, o Cabeça de Comarca, com o seu *canhão* ao lado.

Quererá o homem filiar-se?

Nova busca

Consta-nos que numa busca passada a casa d'um illustre professor de... para que quer o leitor saber de que é professor o homem? — ... foi encontrada uma carabina de repetição e de carregar pela culatra.

A'cerca d'este caso, cremos que haverá reclamações das potencias.

Ai, os homens! — como são maus!

Um inquerito á instrucção portugueza

A 7 de Setembro do passado anno, e depois de uma agitada sessão, votou o Parlamento um inquerito á instrucção em todos os seus ramos mas, coisa curiosa! não sem que primeiro teimosamente o tentassem impedir dois illustres representantes cá do Estabelecimento, os srs. Costa Lobo e Montenegro, que se houveram no lance bem pouco airoso por signal, como genuinos e authenticos cathedraticos que se honram de ser.

Mas vamos ao caso.

Precisava o governo desviar ou preterir, por qualquer fórma, a discussão do orçamento e assim foi que, com um soberano e descarado desprezo pelas praxes parlamentares, o governo apresentou á discussão em vez da annunciada ordem do dia orçamental um caviloso projecto de subsidios a lyceus, substituindo embora uma arida discussão de *numeros*, por uma proveitosa discussão de *lettras*.

Posto que a principio a isto modestamente circumscripta, a discussão em breve acaloradamente recahia sobre instrucção, approvando d'ahi a pouco a Camara um inquerito geral á instrucção portugueza, inquerito que teve portanto origem mais numa necessidade momentanea de estrategia parlamentar, do que propriamente num intuito desinteressadamente preconcebido.

No entanto um inquerito se votou e uma commissão se elegeu e isto é que é o importante. Ora esta commissão para levar a bom termo os seus trabalhos, propõe-se consultar *os professores, os alumnos e os chefamilia*, numa palavra, *todos aquelles que representando interesses legitimos, se possam fazer ouvir por intermedio das suas associações.*

Muito embora sejamos frente á questão a parte mais legitimamente interessada, não temos, triste é dizê-lo, uma associação profissional, de classe, academica emfim, que nos representasse perante a commissão de inquerito fazendo valer junto d'ella o nosso depoimento collectivo.

Mas é forçoso que este depoimento se faça e já, de modo a ir a tempo de elucidar a commissão no seu trabalho, e bem encaminhar o inquerito na sua marcha. Mas não temos, é claro, a ingenuidade de suppôr que será a Universidade pezarosa e contricta, ciciando *mea culpa, mea culpa*, quem, voluntariamente confessando erros presentes e passados, venha humildemente prometter *não tornar mais*, poudo ao mesmo tempo á mostra ante os olhos pasmados da commissão d'inquerito toda a sua roupa suja caseira, todas as suas mazellas de incompetente e de má; mas muito menos ainda que elle ha de ser obra da academia.

Qual!

Ha de ser mais uma vez um pequeno grupo de rapazes que sobre si tomará o encargo de trabalhar por ella. E' para estes que nos dirigimos e a todos quantos, sempre e atravez de tudo, têem obscuramente trabalhado pela melhoria de tudo o que para ahi se arrasta, aquelles que dedicadamente collaboraram na questão academica, que lembramos o dever imperioso que sobre elles peza — quanto mais não seja por um dever de coherencia — de rematar agora a sua attitude de então, pois todos certamente estarão lembrados de que fomos propositadamente a Lisboa, só para depôr junto do Parlamento um pedido d'inquerito que era ao mesmo tempo então já, uma supplica de soccorro.

Pois bem. A tentativa frustrou-se, mas o acaso proporciona-nos agora uma nova occasião para dizermos ao paiz por intermedio da commissão d'inquerito, em nosso nome e no das gerações futuras, o incommensuravel perigo que representa a subsistencia do seu Primeiro Estabelecimento Scientifico, tal como ainda hoje vergonhosamente se mantém, a que tremenda baixesa elle tem descido, tremedal pavoroso em que gerações successivas se tem inutilizado, arrasados por esta atmosmosphera intellectual de baiuca e por esta disciplina feroz de presidio.

Ora é por todas estas razões que o depoimento se impõe. Nem sequer nos preoccupa agora saber se attenderá o Parlamento o que por intermedio da commissão d'inquerito lhe vamos dizer, ou se o desdenhará, tomando-o á conta de uma investida contra.... as Instituições de *gravatinhas* irreverentes e travessos.

O que importa é que o depoimento fique, quanto mais não seja como um vehemente e revoltado grito de protesto contra a situação angustiosa em que vivemos á sombra d'esta Montjuich intellectual, e das suas incompetentes, pôdres e assassinas praticas educativas.

«*Nós estamos numa epocha* — alguem o disse ha tempo — *em que já não é permittido que alguem se arrogue o direito de legislar para os os outros. São os agrupamentos profissionaes interessados, são aquelles para quem as leis são feitas que tem de fornecer os elementos de informação sobre que deverá basear-se a lei a promulgar*».

Ora ninguem melhor do que nós saberá apontar á commissão d'inquerito os defeitos, as podridões e os vicios de que o ensino universitario padece; ninguem como nós lhe poderá fallar com desassombro e verdade da sua mentalidade vêsga, sórdida e rizivel, da sua pedagogia mórna e chôcha, da sua incompetencia suprema, emfim.

E visto que é forçoso que tudo isto se diga e quanto antes, para que quaesquer reformas que tenham de ser feitas vinguem e fructifiquem, natural é que a iniciativa parta de quem tenha a coragem e a boa vontade necessarias, para a boa consecução da empreza. Excepção feita do Centro Republicano Academico, ninguem mais vemos por ahi capaz de tomar sobre si o encargo de dizer ao paiz alto e bom som o que é e o que vale a Universidade, muito embora o Centro nunca tivesse mostrado, pelo menos para nós uma actividade muito invejavel. Mas o que é certo é que se á roda de nós tudo o é mais

negro, viscoso, anodyno e amorpho. E' ainda no meio d'aquelle grupelho de rapazes que se encontra alguma coisa de *geito*. E não se prendesse o Centro tanto com o espartilho das fórmulas e com picuinhas superfluas, que seria bem outra a sua força. Mas adeante

E' já tradicional editar annualmente o Centro um manifesto ao paiz, quando a situação politica aperta e as situações precisam definir-se, sendo usualmente como que uma declaração collectiva de voto que sobre a marcha geral da politica portugueza os revolucionarios de todos os matizes subscrevem, e cuja pratica annual a todos se impõem e, egual e religiosamente, cumprem.

Pois bem — e aqui tem o Centro a nossa ideia — tome sobre si o encargo de por todos nós e em nosso nome escancarar bem á observação e á critica da commissão de inquerito e do paiz inteiro, o ensino universitario e os seus processos taes quaes os sentimos e palpamos em toda a sua pavorosa estreiteza e pequenez, — ai de nós! dia a dia, hora a hora, sempre — e bem merecerá da nossa gratidão e da dos que depois de nós vierem.

E visto que vae pela politica uma benefica e propicia calmaria, nada se perde substituindo-se este anno o costumado manifesto politico, por um outro que participando duplamente do caracter de depoimento minucioso de critica, com vista á commissão de inquerito á instrucção, e de relato publico sob a fórma de manifesto, a todos faça conhecer o que a Universidade e o seu ensino são, para que o paiz se compenetre, e quanto antes, da necessidade urgente e inadiavel que lhe incumbe da remoção da Grande Mumia.

Basta para isso que meia duzia de boas vontades rijas se congreguem firmemente decididas a bem desempenhar o seu mandato.

Quer o Centro effectivar a nossa ideia? Pois aqui a tem na certeza que nada lhe levamos por ella, e que por bem recompensados nos daremos só com a certeza de que bem saberá cumprir o seu dever, e corresponder ás esperanças que nelle pômos.

C. B.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assignantes de que vamos proceder á cobrança do primeiro trimestre, e muito gratos ficariamos a todos, que nos enviassem directamente a respectiva importancia, poupando-nos assim despezas desnecessarias.

COISAS DE CASA

Esta ultima reunião convocada pelo Directorio dá-nos occasião de manifestar o que pensamos a respeito da marcha das coisas dentro do partido.

Aproveitamo-la sem pretensão de querermos incarnar uma corrente d'opinião e apenas para salientar os sentimentos d'um grupo numeroso de correligionarios, na maior parte estudantes, que se não poderam fazer representar na assembleia de *senadores*, que tal é, pela sua constituição, a que acaba de reunir-se.

Se lá podessemos ir, este modo de ver teria sido conhecido de viva voz.

Como encontrámos a porta fechada viemos á imprensa.

Bem sabemos que alguem nos taxará d'insubordinados e irreverentes. Nem por isso deixaremos de manter a mesma opinião, que só se creou á vista de *factos* e de *attitudes*. Emquanto aquelles e estes se mantiverem ninguem nos forçará a sentir e a pensar d'outro modo.

Escusado é dizer que não obedecemos a suggestões estranhas ao virmos affirmar as nossas *tendencias*. Não somos por este contra aquelle pela simplicissima razão que consideramos os homens em face das ideias, como zeros collocados á direita d'um numero, servindo apenas para lhes multiplicar o valor e por conseguinte — *todos eguaes*.

E se resentimentos pessoaes existiram entre os homens em evidencia, entre aquelles a que vulgarmente se chama *caudilhos*, o que com certeza nunca soubemos, folgamos vê-los todos unidos e congrassados como o prova a reunião que acaba de realisar-se.

Estes factos julgamo-los bastantes para que ninguem fique com o direito de apodar-nos, ou suspeitar-nos sequer de *tocados* por este ou por aquelle.

*

Está o paiz farto de rethorica.

Usou-se e abusou-se d'ella cansando o espirito publico, insinuando a fraqueza do regimen e a força renovadora e sempre crescente dos elementos populares.

Isto foi necessario e talvez fosse util. Pelo menos assim o julgamos.

Veiu a dictadura e aqui como em todas as partes onde havia homens, que se presassem de o ser, preparamo-nos para intervir. Desde então entendemos que a orientação do partido já não era simplesmente doutrinar, criar adeptos e estorvar a marcha tenteante dos governos. Tinha chegado a hora de começar a organisação revolucionaria, séria e prudente, de certo, mas sem *empatas*, sem empecilhos, todos devotados a esta obra, cujo programma não se expõe, nem deve espôr-se nas proprias reuniões partidarias, mas que todos sentem e, o que é mais, *todos* querem.

Porque, é desenganarem-se, *todos* a querem. Chamem-nos impacientes, digam que compromettemos a obra solida e indemolivel que o partido alevantou por esse paiz fóra, aconselhem calma e serenidade que nós que não somos nem queremos ser conselheiros, apenas responderemos que o que é necessario é — prudencia.

Essa obra, essa organisação não se fez. Não existe e, o que é bem peor, talvez nunca venha a existir.

Temos andado constantemente a suggestionar-nos, a intrujar-nos e o que por ahi se consegue averiguar é que temos uma grande admiração pelos nossos *homens de governo*, como actualmente se costuma dizer. O partido começa a viver para ostentar-se, para mostrar á massa indifferente a ourivesaria dos seus *ministriaveis* e a montra rica dos seus *presidentes*. A fascinação ha de operar-se e até nós já antevemos o cidadão Manuel de Bragança (tout court!) a collaborar na obra de restauração que ha de iniciar-se! Os senhores não acreditam? Pois é a *orientação*.

Ora é com esta orientação que nós não concordamos. Não lhe chamamos nova, porque o não é, pois que a conhecemos de ha muito tempo.

O partido tem mais que fazer do que todos os annos reunir-se em parada de forças, para que os outros vão percebendo que elle aumenta. Já somos bastantes, senão para leva-lo a cabo, ao menos para começarmos a preparação do acto ultimo e decisivo, porque não estamos convencidos, porque ninguem está convencido que a monarchia se renda sem lucta.

Para esta obra e muito mais para a sua preparação, não carecemos d'idolos e de figuras decorativas, nem devemos esperar nem consentir a sua intervenção.

Mandatarios, unica e exclusivamente mandatarios

Menos rethorica e mais iniciativa. Menos palavras e mais acção.

E se não podemos ou não devemos pôr em perigo os nossos homens de governo, que outros surjam com bastante perseverança e audacia para congregar os que não somos uma utilidade futura e somos e queremos ser desde já uma utilidade perecivel sem frustrar as esperanças á patria e sem fazer chorar a grande massa indifferente.

Esses serão os nossos mandatarios, unico poder que reconheceremos, nós que perdemos toda a fé religiosa e que por isso já não podemos ter deuses, nem idolos.

Exigiremos apenas que nos não estorvem, como não estorvamos a politica de captação que julgamos optima, como meio, mas perniciosissima como a querem apresentar — desacompanhada.

Já nos iamos esquecendo de que somos meia duzia d'estudantes e por conseguinte nada podemos exigir.

Mas ella ahi fica exposta, a nossa opinião, e affirmadas assim as nossas *tendencias*. Que nos julguem sinceros os que nos lerem, que talvez democraticamente seja a unica coisa que possamos exigir.

Et sans rancune...

Uma interpretação

Fôra um estranho caso aquelle resistindo a todas as soluções. Suscitára-se a discussão a uma meza de *bridge* aonde elle, com gestos placidos, jogava, conversando.

Em volta, ouviam no boquiabertos, varados de espanto, meia duzia dos escolhidos, dos da *hante-gomme*.

Espraiava-se em metaphoras, em phrases rendilhadas, que escorrendo dos seus labios pallidos, muito pallidos, d'uma pallidez da moda, tinham não sei quê de dôce recordando-nos vagamente um nocturno de Chopin.

Brilhava-lhe no peito, prendendo a gravata, uma roseta de diamantes e na voz ao erguer-se, quente, e forte tinha caricias meigas de ama de leite enfartada.

Em volta pasmavam!

Alguem dizia:

— Que distincção, que á vontade de gestos! entra na discussão seguro da victoria!

Emquanto os outros tentavam, á força de pulmões, subornar os recalcitrantes, elle, impertubavel, segurando na mão direita, onde tremeluzia um brazão, as luvas, seguia lentamente, carinhosamente a fallar. E não havia fugir-lhe.

Os que não cediam aos argumentos, cediam forçosamente ante a voz que os prendia como se acaso fosse a *de alguem* a ciciar-lhes beijos.

Tinha uma intelligencia firme, garantida no mercado, aonde contrahira as melhores relações.

Nada de romantico physicamente: nem olheiras, nem neurasthenia.

Apezar d'isso era um lyrico, um sonhador.

Sempre o fôra. Sempre aquelle espirito cavalheiresco, prompto a defender tudo que se ligasse com o coração.

Era todo elle sentimento.

.....

Nessa noite havia reunião em uma casa, reunião familiar. Trinta pessoas quando muito, mas essas, oh!, essas, tudo quanto na terra havia de mais «rafiné».

Poetas, poetisas, titulares, que sei eu, meu Deus! tudo, menos *gente vulgar* que iria quebrar a nota *distinguée* d'aquella reunião..., *distinguée* até nos processos de salla.

Abrira com um soneto lyrico e fecharia..., — como todos estavam longe de suppôr como fechava!

Tinha-se dançado muito. As senhoras, fatigadas, descançavam tomando um gelado.

Na salla um murmurio grave de conversas em voz baixa, como que receiosas de profanarem o templo.

D'um grupo de homens em que Elle estava alguem lembrou a medo, que, para entreter, jogassem o «bridge».

Foi acceite unanimemente.

Todos elles, os do grupo, não dançaram. Isso estragar-lhes-ia a severa compostura de gestos e não permittiria que Elle mostrasse bem na capella a sua commenda. De mais sabiam elles quanto Elle a adorava.

Tinha uma tão larga historia essa commenda querida!

Passaram a outra salla, com janellas sobre a rua de onde subia o murmurio do povo espantado de tanta despeza... em gaz.

Offereceram-se mutuamente logares de honra. E foi, por fim o dono da casa, que, solemne, magestosamente, o occupou sacudindo de sobre a commenda uns ligeiros pós que lhe empanavam o brilho.

A' sua direita ficára o tambem celebre poeta auctor das *Brisas do Mirante*.

Começou o jogo lentamente, como se ás cartas custasse despegarem-se d'aquellas mãos tão macias, que as acariciavam.

A' medida que jogavam, as palavras que d'antes pareciam ditas ao pé de berços, iam-se tornando mais fluidas, mais quentes.

Discutiam-se durante uns momentos, saltitando sempre, todos os assumptos *finos*: desde a questão de Macau até á morte de Ferrer, e Elle sempre victorioso!

As cartas ficavam-se esquecidas nas mãos levantadas em bellos gestos, descahindo do alto lentamente num gesto decadente e «blasé».

Todos elles eram finos, distinctos, pertencendo a um club da moda e de fórma alguma abordavam na discussão um caso levemente escabroso.

O club tinha um nome exquisito, mal escolhido, que raspava um pouco no ouvido.

Quem seria o da lembrança de tal nome?

Mas, ora, afinal até no nome do club eram originais, davam a nota.

Passavam de carro. O povo estupefacto citava-os pela adjectivação do nome do club e elles orgulhosos, seguiam.

Como fôra que alguem nessa noite se lembrára da interpretação da palavra?

Inutil sabê-lo. Todos tentaram interpretar a malfadada palavra, melhor ou peor, como poderam.

Elle ainda não falléra.

Subito ergueu-se.

Machinalmente, á uma, todos se ergueram e então a sua voz dôce, unctuosa, elevou-se suavemente.

Attrahidos pelo subito silencio da pequena sala acolhiam senhoras.

A sua voz dôce dizia:

— Exoteriku?

E' facil, facilima a interpretação.

E' uma palavra grega composta de tres partes: «exo» que quer dizer só, «teri» presente indicativo do verbo ter, teem, e...

A sua voz doce, unctuosa, callara-se subitamente.

Oh! Fôra uma extranha interpretação aquella.

Coimbra, 5-1-910.

Fraklin

Cassiano d'Azevedo

Este nosso amigo foi hontem restituido á liberdade por ter expiado a pena que lhe foi imposta pelo tribunal de Soure.

Folhetim d'A REVOLTA

RAMADA CURTO

CLAUDIO JUSTO

I

«O Ginho»

Nesse domingo d'Abril o pequeno Claudio fazia oito annos.

Tinha-lhe morrido o pae em fins d'outubro do anno anterior.

De manhã, quando D. Joaquina, a avó materna entrou, no quarto para o accordar e vestir, segundo o costume, a creança sorria, adormecida e quieta, com a respiração muito serena. Uma nesga de sol, coada atravez as cortininhas de cassa branca da janella, ia brincar-lhe nos cabellos e a sua face magrinha e pallida parecia de cera sobre a alvura do travesseiro que o peso da cabeça afundára a meio, numa cóva.

Nos annos anteriores quem o ia accordar sempre naquelle dia era o pae.

Os dois pareciam adorar-se

Claudio fôra sempre, desde pequenino, extremoso pelo pae.

Como era muito fraco, muito doente, a sua vida inspirára sempre sérios cuidados. As pessoas que o conheciam não davam, como se costuma dizer, «nada por elle».

Muito nervoso, qualquer pequena coisa o fazia adoecer. Assim, tinha elle seis annos e a mãe, um dia, reprehendera-o, por qualquer motivo, com um ar severo, fingindo-se zangada. Isto fôra o bastante para que o pequeno passasse a noite inteira a arder em febre, agitadissimo. O pae afflicto, fôra sentar-se-lhe, logo á cabeceira. Claudio estendera o bracito fóra da roupa e com a sua mão magrinha apertava, nervosamente, a que o pae lhe abandonara. Só assim, de mãos dadas, conseguira adormecer. Mas, ainda de quando em quando, num sobresalto, abria os olhos brilhantes de febre, murmurava:

— Papá..

— Aqui estou...

Então, aquietado, fechava de novo os olhos, supplicava:

— Não vás, «ginho»...

«Ginho» era a abreviatura carinhosa de papáginho» porque elle tratava o pae.

O dia dos annos era uma festa. Logo de manhã, o pae entrava no quarto, curvava-se sobre a cama pequenina onde Claudio dormia, beijava-o com cuidado para o não accordar em sobresalto, segredando-lhe ao ouvido:

— O' «patarata» accorda! Fazes hoje annos... Olha isto que o papá te dá...

E era sempre um brinquedo, uma bugiganga qualquer, escolhida de vespera, carinhosamente, num bazar, que elle mostrava ao filho, estremunhado ainda, mas já sorrindo, estendendo-lhe os braços, pedindo logo:

— «Ginho», um beijo... um beijo...

E punha-se em pé sobre a cama, com o corpito franzino, embrulhado, quasi perdido, na sua camisa de noite muito comprida e muito larga, pendurava-se-lhe ao pescoço e ficavam-se os dois muito tempo assim, abraçados e beijando-se:

— «Patarata»...

— «Ginho».

— E's amigo?

— Muito.

— «Chi, coração»...

Só no anno anterior a scena variára um pouco. A certa altura o pae sahira arrebatadamente do quarto, a chorar, suffocado de soluços presentindo que a doença implacavel que o minava, hora a hora, não o deixaria voltar no anno seguinte a accordar o seu «patarata».

E não deixou. Em fins d'outubro d'esse anno morrera, como uma luz que se extingue, sem crepitação nem sobresaltos. As pessoas que o rodeavam, poucos minutos antes da morte, ainda lhe ouviram repetir:

— O pequenito... Coitadinho... O pequenito...

Depois uma lagrima, grossa e brilhante, rolou-lhe pela face devastada, foi sumir-se ao canto da bocca, sob o bigode que a doença tornára branco, como o de um velho. E foi tudo.

Ora, pensando nisto, a avó nessa manhã, ao entrar no quarto, depois de um momento, ter contemplado a creança adormecida, sentiu que se lhe opprimia a garganta e que os olhos se lhe enchiam de lagrimas.

Inclinou-se sobre o leito e, brandamente, puxou-lhe a dobra do lençol, chamou:

— Claudio...

O pequeno abriu os olhos, fitou-a.

— Accorda mandrião... São dez horas...

E tentou sorrir.

— E' o dia dos teus annos...

Mas não poude conter-se e quando o abraçou, soluçava, dizia entrecortadamente:

— Já não é o papá que te accorda... Já não é o teu «ginho».

Claudio callara-se, mas, subitamente, os olhos, muitos brilhantes, fixaram um ponto vago do espaço. A sua physionomia tomou a expressão de quem reflecte e procura recordar-se. Esteve assim um momento. Depois as feições contrahiram-se-lhe e, com um movimento brusco, voltou-se entre a roupa, enterrou a cara na almofada. Descobrira meio corpo e, atravez o tecido leve da camisa repuxado, viam-se-lhe as costas magrinhas, o seu tronco franzino todo ossos.

— Claudio, accorda... Olha, filho, — instou a avó.

Mas, de repente, Claudio Justo rompera a chorar, um choro de creança nervosa, sacudido e desfeito, repetindo baixo, dolorosamente:

— «O ginho», «o ginho»... «o meu ginho»...

E aquelle dia foi para todos em casa, um dia de lagrimas.

(Continua.)

SECÇÃO LITTERARIA

CARTA DE DESPEDIDA

Adeus! Eu vou partir! Vou deixar-te sózinha.
O outomno chegou. E, como uma andorinha
Que vôa para longe a algum paiz distante
Onde haja sol que aqueça o seu ninho d'amante
Assim eu vou tambem... A campina serena
Já tem um ar senil d'abandono e de pena.
Vae amarellecendo e caindo a folhagem,
Ha como um soluçar no aspecto da paysagem...
Adeus! Tu ficas só. Recorda-te de mim...
Não entristeças mais ao ver o campo assim
Tenho medo de ti, e não sei bem porquê...
Tu és tão triste já! Sinto não sei o quê
Que nenhum bem me diz! Tenho que te deixar
E vou, mas levo a alma anciada de chorar.
Meu doce e casto amor! minha linda creança!
Parece que fugiu com o sol do verão a esperança
Do nosso coração...
E que só nos ficou como um triste legado
A tristeza sem fim do outomno ennevoado.
A luz do sol faz bem, alegra a natureza
E o scenario do verão o amor embelleza
Vibra dentro de nós uma força maior
Vendo em roda o Amor, como descrer do amor!
Vendo em roda florir as sebes dos caminhos
E na gloria do sol o gorgear dos ninhos...
Se tudo em roda é luz, como pensar na treva!
Como pensar, que o sonho bom que nos enleva
E que nos faz brotar um beijo á flôr da bocca
Ha-de acabar tambem!... Oh! mocidade louca!
Oh loucura d'amor, que torna a gente grande!
Loucura que n'um beijo e n'um olhar se expande
Vale a pena viver, fazes a vida bella!
Vale a pena viver...

Avisto da janella,
Branca, na dubia côr da terra nua e rasa
A estrada, triste e só que vae á tua casa
(Que nunca me pareceu, tão triste como agora)
E penso que ámanhã estou longe, vou-me embora...
E nunca mais irei pela hora da sesta
Sol a pino a doirar a natureza em festa
Searas e olivaes ao longe nas campinas
Moinhos, no azul immovel das collinas
Onde a vinha a sugar a terra ardente e dura
Parecia querer subir para aquella frescura
Das vellas brancas, no ar, vencidas pela calma
Onde poisava o olhar e juntamente a alma.
E eu seguia, vê lá, sem sentir o calor
Por te saber, além, á espera, meu amor,
Junnto a esse pinheiro enorme e tão antigo
Que eu saudava a sorrir por ver nelle um amigo.
Tu lá estavas então ou, passado um instante,
Eu via-te apparecer. O meu olhar amante
Avistava-te logo ao fundo da alameda
E era como o sol surgindo na vereda!
Eu via-te avançar, no teu passo miudinho
E curvarem-se as flores, e as pedras do caminho
Parecerem disputar a honra de á passagem
Deixarem-se pisar a prestar-te homenagem.
Que diziamos nós nos rapidos instantes
Em que estavamos sós? Phantasias d'amantes
Chimeras, illusões que morriam no ar...
Mas, mais que a nossa voz fallava o nosso olhar
E no teu, transparente e calmo como um lago,
Ora brilhante e serio, ora dolente e vago
Olhar como não ha, não pode haver egual
Eu mergulhava o meu... Vinha-n'os d'um rosal
Um perfume maior que nos entontecia
Fazia-se um silencio e a tarde descia...
Quando eu voltava então, tu de pé e banhada
Pelo poente em luz seguias-me na estrada
Até perder de vista...
Entardecia. O ceu tinha tons d'amethysta...
Eu seguia a cantar, vibrava-me na alma
Uma doçura egual á paz serena e calma
D'aquelle entardecer...

Vou partir, vou deixar-te
Mudou tudo em redor! Tenho que abandonar-te...
Adeus, Adeus, Adeus... O inverno está a chegar
Começou a chover...

Comecei a chorar...

1-10-903. **Ramada Curto.**

As prisões

Foram postos em liberdade e remettidos ao poder judicial onde se affiançaram, os nossos presados correligionarios a cujas prisões noutro logar nos referimos. Isso não basta a que, contra elles, se tenha commetido uma parva e absurda violencia — baseada, no ridiculo pretexto d'um d'elles ter em sua casa duas carabinas, *sem coronhas*, ou sejam dois cannos enferrujados que apenas poderiam servir para... assoprar.

Certos, que o poder judicial os mandará a ambos em paz, d'aqui lhe enviamos, com um abraço, a expressão da nossa inteira solidariedade.

Cooperativa de pão

No proximo domingo, pelas 11 horas da manhã, reune na sala da Associação dos Artistas a assembleia geral para eleger os corpos gerentes.

«A Revolta»

Sae atrazado este numero, por motivo das festas carnavalescas e os collaboradores se terem esquecido, a jogar o entrudo, de fazer a gazeta.

Aos nossos assignantes as desculpas do estylo.

As transcripções

O *Portugal* de 4 do corrente transcrevia ao alto da primeira pagina um pedaço da nossa prosa.

Sempre o queremos advertir de que ninguem tem o direito de sublinhar por sua conta, sem que isto mesmo declare.

E quanto a transcrever, que o faça dos varios congeneres que por ahi tenha. De nós não!

Não lh'o agradecemos. Antes pelo contrario.

Arre, chiça!

CARTAS BRANCAS
(Sem moral e sem politica)

VII — Aos festeiros do meu paiz, com algumas pendentes disposições sobre o meu futuro centenario.

«Vi, com espanto e com extranheza, no prestante *Seculo* que a commissão do centenario de Alexandre Herculano abriu concurso para uma «marcha triumphal» solemnisadora do caso.

Deante d'esta exquisita noticia uma interrogação pavorosa se enrosca, apertadamente se enleia no meu espirito.

Porquê uma «marcha triumphal»? Que facto saliente e heroico na vida de Herculano justifica esta «marcha» com o seu roncar de trombones, os seus gritos estridentes de cornetim, o seu resoar cavo de bombo? Até á abertura d'este concurso extravagante Herculano era simplesmente um homem de lettras e um homem de historia: creando, sentimentaes e ôcas Hermengardas ou remexendo em Sanchos e Affonsos só por isso era conhecido e celebrado. Mas eis que, cem annos passados sobre o seu nascimento, uma commissão se forma e decreta que se celebre a memoria do pacifico homem de estudo e de imaginação com uma retumbante «marcha triumphal» como se elle tivesse reconquistado Ormuz ou chegasse victorioso do Cuamato.

Festeiros do meu paiz, eu quero crêr que essa musica heroica que ides fazer soar não encontra justificação nos possiveis e parcos tiros liberaes que Herculano tenha despejado nas canellas dos soldados de D. Miguel, quando do batalhão academico, quero crêr que esse triumphal clamor de metaes soando solemnise e celebre Herculano tal qual elle foi; mas sendo assim, ó festeiros, ó commissões, porque não recebesteis o sr. Roçadas ao som plangente do *fado liró* quando elle voltou d'Africa vencedor?

Emfim, esta ideia de ligar o nome de um homem de lettras a uma «marcha triumphal», á laia de homenagem, parece-me altamente patusca e o proprio sr. Orlando Marçal, tenho a certeza, não ficaria contente se alguem lhe assegurasse que na celebração do seu futuro centenario consagrariam á sua memoria — uma polka.

.....
.....
.....
.....

As fórmas patuscamente estravagantes que a «homenagem» vem revestindo de ha tempos para cá trazem-me inquieto, enleiado em receios justificados. Eu não sei (ninguem o sabe) o que serei ámanhã: se homem celebre, se homem obscuro e humilde estreitamente apertado num escasso emprego publico.

Em todo o caso nada mais facil de conseguir que a celebridade, nestes levianos tempos que correm, e por isso, porque elle me póde um dia, desprevenidamente, acolher ao seu seio macio e quente (debaixo dos pés se levantam os trabalhos) acho prudente — neste momento em que os meus receios despertam apavorados perante a *Marcha triumphal Herculano* — indicar ás festeiras commissões do meu paiz, rapidamente e com modestia, os generos de homenagem que mais particularmente me fazem dar cavaco e detestar a celebridade como coisa incommoda.

Se eu fôr um dia um homem celebre, ó compatriotas, um d'aquelles homens dos quaes é uso dizer-se «que deram lustre á sua patria» não celebreis jámais a minha memoria pelo chapéo, pelo sabonete ou pela bolacha.

Nada mais desagradavelmente irritante para mim do que andar sob a fórma de chapéo molle a cobrir um penteado qualquer, seja a revolucionaria cabelleira em juba, seja o correcto cabello de risca aberta ao meio.

Na minha qualidade de chapéo, inconsciente e de feltro, eu estou sugeito a proteger todos os craneos quer elles guardem um cerebro intelligente, quer contenham relesmente uma minguada mioleira de cretino, e isto, esta contingencia terrivel, embora seja honrosa, é detestavel.

Não menos contingente e não menos detestavel é esse uso perfumado de homenagear uma celebridade gravando-lhe o nome num sabonete e pondo-lhe o retrato no envolucro, porque se a homenagem se póde desfazer em espuma leve e macia ensaboande um lindo collo de mulher, tambem póde derreter-se em espuma não menos leve nem menos macia friccionando os asquerosos joanetes d'um brasileiro qualquer que tenha o habito semanal da lavagem de pés.

A bolacha é talvez de todas as fórmas da moderna homenagem a mais antipathica e a mais imesthetica. Compra-se na mercearia e destina-se ao estomago, á prosaica funcção digestiva com todas as suas consequencias. Considerando bem a homenagem pela bolacha é deshonrosa. O celebrado pelo industrial bolacheiro e admirador soffre uma longa tortura desde que sae da lata do mercieiro até que dá fundo num estomago Molham-no em chá a ferver, trituram-no lentamente, expulsam-no ferozmente a palito do queixal furado onde se alojou, engolem-no com delicia, — digerem-no e finalmente... E' pavorosa a bolacha!

Heis de estar admirados, festeiros do meu paiz, da minha repugnancia pelas homenagens usuaes e muito naturalmente estaes perguntando qual o genero que prefiro. Em rigor nenhum, mas se um dia a minha celebridade fôr tão transbordante que não caiba dentro de mim proprio e seja preciso exteriorisa-la, então eu posso ceder-vos o meu nome para que o deis a uma pessoa, a uma coisa ou a um animal da vossa predilecção: ao vosso filho, á vossa casa, ao vosso cavallo.

E justamente, amigos festeiros, esta do cavallo agrada-me, porque, finalmente, o que sou eu, o que somos nós todos senão umas pobres pilecas arrastando esfalfadamente a carroça da vida pela ladeira aspera e ingreme da morte!

Perdôem-me este hippismo final, ó bravos festeiros, ó commissões incançaveis! Continuem d'olho attento e mão prompta para empolgar as celebridades nacionaes e creiam-me eternamente homem obscuro e amigo.»

Coimbra, fevereiro de 1910.

Feliciano Santos

BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

"SOCIALISMO E ANARQUISMO,,

Traducção de Ribeiro de Carvalho

A Bibliotéca de Educação Moderna, que iniciou a sua publicação com o livro *A Egreja e a Liberdade*, de Emilio Bossi, o famoso autor do *Cristo nunca existiu*, acaba de pôr á venda um novo livro, notabilissimo tambem, intitulado *Socialismo e Anarquismo*, devido á penna do grande pensador Hamon.

E' um estudo, completo e claro, ácerca d'estas duas doutrinas sociais. Poderiamos dar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos estes assuntos são tratados no livro:

O que é o socialismo — A sua origem, os seus diversos sistemas e doutrinas — O que querem os socialistas — A sociedade futura — A suppressão da miséria — A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios — O casamento sem autorisação paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado — O amor livre — Como se póde pôr em pratica o socialismo — O socialismo e a religião — A marcha incessante para a revolução — A união de todos os revolucionarios — A propriedade e o trabalho — A constituição da familia e do ensino — O que é o Collectivismo — O que é o Communismo — O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social — O socialismo catolico é uma burla — Os progressos do sindicalismo.

O que é o anarquismo — A sua sua origem e os seus diversos sistemas — O que querem os anarquistas — Opiniões dos seus maiores escriptores — A liberdade integral, aspiração dos verdadeiros revolucionarios — O internacionalismo ou união de todos os povos — A evolução da ideia patria — Os martires do Anarquismo — Os socialistas-anarquistas portuguezes — A Anarquia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o *Socialismo e Anarquismo*, segundo volume da Biblioteca de Educação Moderna, é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejem instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociais.

Preço do volume: brochado, 200 réis. Magnificamente encadernado em percalina, 300 réis.

A' venda em todas as livrarias. Remette-se, tambem, pelo correio, para todas as terras da provincia, Africa Brazil. Pedidos á Livraria Internacional, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44 — Lisboa.

ANNUNCIOS

ESTAÇÃO D'INVERNO

Grande reducção de preços em todos os artigos da presente estação:

Chapeus que eram de 8$000, a 3$500 réis.

Formas de feltro que eram de 1$400, a 800 réis.

Reberines que eram de 1$500, a 600 réis.

Boas que eram de 2$000, a 1$000 réis.

Saias de feltro que eram de 3$000, a 1$500 réis.

Bordados, rendas, fitas, luvas, gravatas e espartilhos.

Sedas e mais artigos para bordar.

Sempre sortimento completo em todos os artigos de retrozeiro.

Retrozaria da Moda

R. Ferreira Borges, 61 a 67 — **Coimbra**

(Telephone 210)

ÁS MÃES

Quando vires os vossos filhos com dôres de ventre, vertigens, anemicos e estes symptomas quasi sempre acompanhados de alguma tosse, receae que todos estes males sejam produzidos por vermes que vivem no intestino das creanças. As lombrigas produzem grandes perturbações e desarranjos, tornando as creanças molles, aborrecidas, sem grande vontade de brincar e com pouco appetite.

Combatei todos estes males com o *Vermifugo Faria*, o remedio que tem salvo dezenas de creanças e que toda a gente hoje conhece pelos seus maravilhosos resultados.

Ha casos de creanças repellirem mais de 100 lombrigas com este preparado, ficando depois completamente boas.

O *Vermifugo Faria* é pois um remedio que deve existir sempre á mão em todas as casas e familia.

O *Vermifugo Faria* encontra-se á venda em todo o paiz a 250 réis o frasquinho.

Depositos em Coimbra:

Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges.

Drogaria Villaça — Rua Ferreira Borges.

Conversação Franceza
Educação physica

E. ROCHET

Rua do Almoxarife, 29 — COIMBRA

Theatro Principe Real

Empreza cinematographica

Espectaculos todas as noites. Sessões permanentes. A mais completa collecção de fitas d'arte e novidades cinematographicas que se exhibe em Coimbra. Numeros de variedades sensacionaes.

Preços: cadeiras, 160 réis; camarotes de frente, 800 réis; de lado e frizas, 700 réis; geral, 100 réis, incluindo o sello.

CHAPELARIA TRANSMONTANA

— DE —

Augusto d'Almeida

106 — Rua Ferreira Borges — 108

Clinica de Especialidades

Rua Ferreira Borges
Arco d'Almedina, 11
COIMBRA

Prof. **Angelo da Fonseca**

Cirurgião especialista de doenças das vias urinarias, antigo monitor da clinica do Hospital Necker, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas das 2 ás 5 horas da tarde

Prof. **Sobral Cid**

Antigo assistente da clinica charcots da Sulpetriere e da clinica do Hospital Enfants-Malades, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas de doenças nervosas e geraes, das 2 ás 5 horas da tarde

Consulta especial para creanças, ás segundas, quartas e sextas, ao meio-dia

Padaria Flôr de Coimbra

Nesta acreditada padaria fabricam-se diariamente as seguintes qualidades de pão:

Pão de familia, pão de bolacha, abiscoitado francez, fórmas, tranças, pão de agua, pão de uso commum e outras qualidades.

Grande sortido de bolachas e biscoitos.

Telephone n.º 73

Succursal: 50, Rua dos Banhos, 56
Figueira da Foz

CORTINHAS & FERREIRA

42, Rua da Sophia, 44 — COIMBRA

MERCEARIA

Completo sortido de generos de 1.ª qualidade, recebidos das melhores procedencias.

Chá do Japão, Lypton e outras marcas.

Massas, arroz, conservas nacionaes e estrangeiras.

Chocolates diversos e cacau.

VINHOS DO PORTO
E
CHAMPAGNES

Café, da casa, lote especial a 720 réis o kilo

Sucursal em Coimbra para a venda de pão: Largo D. Luiz — MERCEARIA DO SR. ARTUR CRUZ

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.º 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muito chics, desde 90 réis cada metro!!!
Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 e 100 réis cada metro!!!
Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro!!!
Cassas, padrões recentes, a 100 réis!!!
Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro!!!
Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis!!!
Oxfords, para camisas, (enfestados) a 130 e 140 cada metro!!!
Cotins, dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170 180 e 200 réis cada metro!!!
Armures, pretos e de côr, em algodão, desde 300 réis o metro!!!
Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro!!!
Lãs, córtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis!!!
Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro!!!
Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro!!!
Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis!!!

Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumerar os seus preços!!!
Challes do povo!!! a 600 réis!!!
Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis!!!
Ditos com seda, a 2$500 réis!!!
Armures pretos, lavrados, a 700 réis!!!
Matellasses, pretos, a 1$200 réis!!!
200 lenços de seda, tapete, que eram de 1$800, a 800 réis!!!
100 cachenez, com seda, 100c, a 700 réis!!!
100 cachenez, matiz, 100c, a 800 réis!!!
Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro!!!
Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis!!!
Ditos, muito bons, a 6$000 réis!!!
Lenços brancos, a 25 réis!!!
Peugas, ás riscas, a 40 réis!!!
Ditas finas, a 80 réis!!!
Meias pretas, fixa, a 90 réis!!!
Camisolas d'algodão, a 150 réis!!!
Ditas de côr, fortes, a 240 réis!!!
Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis!!!
Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis!!!
Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia!!!

O Proprietario,
J. M. da Silva Constantino.

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — J. M. Mendes d'Abreu

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se innumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender-se em caixas o verdadeiro giz para alaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia
Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, 68 — Coimbra — (Telephone 112)

COLCHOARIA CENTRAL

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PRECOS MODICOS

Conducção gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade; o melhor e mais barato no genero.

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás, e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 156 — *Coimbra*

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *Bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encommenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se da tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia*.

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

TABACARIA CENTRAL

DE Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA
(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio, 33
COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil e Africa Oriental e Occidental.

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10
Rua V. da Luz, 1 — **Coimbra**

Pianos **Gaveau** • • •
• • • Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**
• • • Machinas de costura **Naumann**
(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo
Instrumentos musicos, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA • • • GARANTIA
• • • SERIEDADE • • •

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, n.º 6

Empresta sobre tudo que represente valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro
Compra e vende mobilia usada.
Encarrega-se de leilões e liquidações.
Compra objectos antigos em todos os generos.

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81
Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.

Impressos e livros escolares.

Encadernações e artigos de papelaria.

Execução rapida de encommendas.

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — **José Lebre.**
Tratamento das doenças dos olhos — **Abilio Justiça.**

Electrotherapia
Medicação eletroionica

R. Visconde da Luz, 8 — COIMBRA
(Telephone 254)

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — *Coimbra*

RELOJOARIA FERREIRA

— DE —

Manuel Nunes Ferreira

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — Coimbra

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 5 de novembro de 1909

Partidas da estação de Coimbra A

MANHÃ

2,45 *Correio* — Pampilhosa, Porto Beira Alta até Guarda e ramal da Figueira.
4,40 *Recoveiro* — Porto. (Serviço de passageiros para ali e Luso.)
5,25 *Misto* — Miranda do Corvo e Louzã.
6,42 *Tramway* — Alfarellos e Fig.
8,45 *Misto* — Pamp., Porto, B. Alta, Villar Formoso, ramal da Fig. e Hespanha.
10,10 *Misto* — Alfar., Entroncamento, Lisb., Beira Baixa, Leste e Fig.
10,49 *Rapido* — Entronc., Lisb., B. Baixa, Leste e Fig.
11,25 *Omnibus* — Miranda e Louzã.

TARDE

12,55 *Rap.-Luxo* — Pamp., Porto, B. Alta e Paris.
1,40 *Tramway* — Alfar. e Fig.
3,16 *Omnibus* — Pamp., ramal da Figueira e Porto.
3,54 *Omnibus* — Miranda e Louzã.
4,10 *Tramway* — Alfar. e Fig.
6,38 *Expresso* — Alfar., Entronc., Lisb., B Baixa, Leste e Torres Vedras.
7,5 *Sud-Luxo* — Alfar., Lisb., Entronc., B. Baixa, Leste e Fig.

NOITE

8,10 *Omnibus* — Pamp., Porto e B. Alta até Mangualde.
8,48 *Rapido* — Pamp., Porto e B. Alta até Mangualde.
12,47 *Correio* — Alfar., Entronc. e Oeste.

Chegadas á estação de Coimbra A

MANHÃ

3,32 *Correio* — Lisb., Entronc., B. Baixa, Leste e linha de Torres.
5,15 *Recoveiro* — Lisb. (Serviço de passageiros.)
7,40 *Tramway* — Alfar. e Fig. (Só nos dias 23 de cada mez.)
8,39 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
9,15 *Tramway* — Fig., Alfar. e Oeste.
10,39 *Omnibus* — Pamp., Porto, B. Alta e Vizeu
11,15 *Rapido* — Porto e Pamp

TARDE

12,47 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,22 *Rapido* — Lisboa e Entronc.
2,10 *Tramway* — Porto e Pamp.
3,8 *Omnibus* — Miranda e Louzã.
3,49 *Omnibus* — Lisb., Entronc. e linha de Torres.
6,57 *Omnibus* — Porto, Pamp. e B. Alta.
6,33 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
7,25 *Sud-Exp.* — Porto, Pamp., B. Alta e Paris.

NOITE

8,38 *Omnibus* — Lisb., Entronc., B. Baixa e Fig.
9,12 *Rapido* — Lisb., Entronc. e Fig.
11,24 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,18 *Correio* — Porto, Pamp. e B. Alta.

Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — RAMADA CURTO

Redacção e administração — PATEO DA INQUISIÇÃO

Composição e impressão — Typ. Litteraria, LARGO DA FEIRA

Condicções de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso, 20 réis.**

Annuncios — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

ANNO 2.º | COIMBRA — Quinta feira, 17 de fevereiro de 1910 | N.º 34

A unica Associação Secreta

Conhecemo-l'a nós e vamos denuncia-l'a. Toda a nossa vida a temos combatido e continuaremos a combate-la.

N'essa lucta anda empenhado todo o nosso esforço, toda a nossa inteligencia, toda a nossa boa vontade. Temos por ella, pela sua obra, pelos seus intuitos o odio esbrazeado e feroz que despertam as coisas infames e a repulsão physiologica do vomito que provocam as coisas ascorosas.

E ella é bem digna d'isso.

Peior que a «Maffia», peior que a «Camorra» essa tragica agremiação de malfeitores excede nos feitos, tudo o que, de mais reles e mais infame, a Historia narra das Associações congeneres.

E' seu campo d'acção todo um paiz, são suas victimas cinco milhões d'homens!

Os seus fins são estes: encher a *pansa* dos seus socios á custa do soffrimento e da miseria das victimas; tripudiar sobre a desgraça d'um povo generoso e bom; envenenar a vida social d'uma Nação; impossibilitar a marcha ascensional e progressiva d'uma raça inteira; escravisar, vilipendiar, roubar, fazer o mal pelo prazer unico de o fazer, não recuando ante nenhuma consideração d'ordem moral para conseguir os seus fins. Dura isto ha oitenta e tantos annos e não se comprehende que assim seja!

Uma unica coisa excede a maldade requintada dos membros d'esta seita — e é a inalteravel, a resignada paciencia das victimas. Os meios d'acção de que ella se serve para se assegurar do exito são estes: entorpecer pela ignorancia, quebrar as resistencias pela fome, reduzir pela miseria, tyranisar, opprimir, corromper e, ao fim, quando isto não baste, sellar nas boccas dos que protestem, com uma boa balla de espingarda, os ultimos gritos de revolta.

Tem o veneno, tem o presidio, tem a balla! Para o veneno, o jesuita e o frade; para a balla os pretorianos a soldo!

A sua direcção é no Terreiro do Paço, e os seus directores, chamam-se, por um euphenismo de mau gosto «politicos». Os «mysterios» passam-se nas «secretarias» nos «palacios» dos chefes. Mas não tem conseguido reserva-l'os por completo e, com um descaro soberano, alguns «mysterios» tem vindo a publico. Um dos mais curiosos tem o nome de «adeantamentos» e nem a imaginação mais phantasista podia calcular o que, d'inaudito e de monstruoso esse mysterio representa.

Ora é a esta Associação secreta, que nós acabamos de denunciar, que necessario se torna aplicar todo o rigorismo das leis. Das leis consignadas nos codigos? Não! D'outras leis, mais elevadas, mais nobres, mais justas, que a consciencia dos povos decreta em momentos supremos da Historia e cuja violencia implacavel e sagrada, as gerações que vêm depois, absolvem e aplaudem como justa.

D'outras leis eternas, immutaveis, qualquer coisa como um reflexo da justiça suprema e incontigente, superiores á tacanha justiça dos tribunaes communs e claras e fortes, como a Verdade!

A grande França promulgou-as em 89 e é, á sombra d'ellas, é, mercê dos seus beneficos resultados, que a Humanidade d'hoje póde progredir, póde respirar, póde viver. O tribunal que as aplica é a praça-publica, a Camara que as discute é a grande voz clamorosa do povo revoltado. Tem a sancção das lagrimas, dos sacrificios generosos, do sangue vivo e quente, que alaga as pedras das calçadas!

E' necessario que o monstruoso processo d'esta Associação em que fallamos, se julgue — e de pressa! O contrario seria uma «denegação de justiça» o que é uma affronta á consciencia juridica de todos os tempos.

E' necessario que os juizes, o *unico juiz*, o povo, se apreste para dar o seu veridictum definitivo. Vae n'isto a salvação commum e, angustiadamente o exige a tortura improlongavel das victimas que anceiam pela hora do Resgate.

«A REVOLTA»

Reune no local e horas do costume.

MIUDEZAS...

Bombarden acavalou os oculos no mavortico nariz, pigarreou grosso, recostou-se na poltrona e começou a ler a representação que lhe dirigira o capitão Fuinha.

Bombarden custava-lhe um pouco a soletrar, mas não gostava que dessem por tal e presumia d'amante das bellas-lettras. Era até mesmo exigente com os sargentos da secretaria.

— Abreviem! abreviem o expediente! — gritava elle implacavel, a proposito de tudo.

Até mesmo, um dia que o sargento Lesma, escrevia, com o seu bello cursivo, uma participação acerca d'um cabo d'artilharia, Bombarden debruçou-se-lhe sobre o hombro e repetiu o seu estribilho favorito:

— Abrevie, homem, abrevie! Escreva «cabo» abreviado... C a, cá em baixo, b o, «bó» em cima...

E o sargento abreviou.

Ora o capitão Fuinha presumia de litterato. Na representação que dirigira a Bombarden, rebuscava o estylo e, acerca d'uma questão de rancho e de batatas, fallava na «doçura do nosso clima» e exclamava emphaticamente ao fim d'um periodo: — «quão bellas são as nossas veigas, esmaltadas de mil florinhas, etc.!...»

Bombarden rosnava:

— Este Fuinha tem geito para estas endrominas! — e no esforço que fazia para perceber, franzia a testa medonhamente e pelas faces corria-lhe, em bagas, o suor das grandes situações.

A certa altura estacou diante deste bocadinho:

— Já o dizia o grande Victor Hugo, ácerca das cebolas...

— Victor Hugo! Quem demonio será este typo! — murmurou Bombarden, pensativo.

O sargento da secretaria arrumava uns papeis sobre a meza.

— O' sargento?...

— Meu general...

— Você conhece o sr. Victor Hugo?

O sargento aturdido com a pergunta callou-se.

— Um sr. Victor Hugo que tratou de cebolas, não sabe? — insistiu Bombarden.

— Saberá o meu general que, não snr... tornou o sargento.

— Procure ali no almanack do Exercito... Isto deve ser coronel reformado...

O sargento começou procurando.

— Encontrou? — perguntou Bombarden, passado instantes.

— Não vem cá, meu general...

— Essa é boa! — fez Bombarden, pasmado.

E, um momento, general e sargento, entreolharam-se, procurando ambos vêr se recordavam tal nome.

De repente, o sargento lembrou:

— Esse senhor Victor, que tratou de cebolas, é o nosso capitão encarregado do rancho que está a fazer tirocinio em Mafra, meu general!...

— E' isso é! Eu é que já não me lembrava... O capitão Victor?... Um muito alto?... E' isso, é... E aqui está a razão porque aqui lhe chamam «grande»... O grande Victor! E taludo que elle era...

E Bombarden, compenetrado, proseguiu a leitura.

D. Fuas

Factos e Commentarios

«Alma Nacional»

Appareceu finalmente esta revista tão anciosamente esperada. O mais que d'ella podemos dizer é que corresponde em absoluto a estas tres coisas: ao titulo, aquillo com que se devia contar do nome prestigioso que a fundou, e á anciedade com que o seu apparecimento era esperado.

Tem, d'antemão, a *Alma Nacional*, um logar de previlegio na imprensa portugueza. Preencheu-o e com isso folgamos, desejando-lhe. como é da praxe, e n'este caso com a maior sinceridade, uma longa e prospera existencia.

Ao «Povo» de Vianna

Só agora lemos as amabilissimas referencias, de todo o ponto immerecidas, com que este nosso distincto collega nos honrou, por occasião do nosso reapparecimento.

Embora já tarde, d'aqui lhe enviamos a expressão sincera da nossa gratidão.

Transcripções

Não vae no feitio dos reaccionarios, á maneira do Padre Mattos e Conde de Samodães, o reconhecimento da liberdade de exame e de critica para aquelles que sincera e livremente estão dentro dum partido politico.

Nem outra cousa se esperaria de tarados máus, como o Padre Mattos, ou dessorados impotentes, como o Conde de Samodães.

Já não é só o «Portugal», ao que nos dizem, que se entretem transcrevendo palavras da «Revolta», sublinhando-as e invertendo-lhes o sentido, arbitraria e... catolicamente.

Tambem a «Palavra», babadinha de goso, desde que o «Povo de Aveiro» entrou enchendo o olho respeitavel da sacristagem nacional, segue imitando o seu colega de Lisboa.

Pois, em boa paz, lhes diremos:

Continuem usando de tal processo. Mas fiquem-se nesta: — não pensem em egualar-nos ao *outro!*

... Cá na casa, todos nós somos solteiros!

Bombarden

O diabo do homem, segundo nos contam, parece que tem *busca-pés* no... *sim senhor*. Está bravo e quando se... *assoa* dizem que é um cheiro a polvora que ninguem póde parar ao pé d'elle.

Mas, afinal de contas, o homem sábe ou não «quem é o governo constituido»?

«O Norte»

Está em Coimbra este *terrivel* conspirador, — Constantino Mendes, o Norte.

Havemos de contar, por miudos a odysseia de martyrio e de desgraça d'este pobre rapaz, que a estupidez suina das auctoridades portuguezas tomou á sua conta, já por varias vezes. Vale a pena de ser narrada, porque é edificante. Faz rir, por vezes, mas confrange e arripia sempre. Pobre Norte! a quem aos dezasseis annos partiram um braço na cadeia e esfregaram os olhos com salmoira de sardinha e a quem tiveram oitenta e tantos dias preso como... *cumplice no regicidio!*

Ah! que se os cães que assim torturaram um pobre rapaz aleijado e faminto, tiverem a sua hora de justiça, justo é que se vá buscar á Historia, as receitas de Torquemada!

Fallaremos.

Na Hespanha

Cahiu o ministerio liberal do sr. Moret. Subiu ao poder o não menos liberal, o liberalissimo sr. Canalejas.

D'esta vez é fuzilado Sol y Ortega, o dos incendios dos conventos.

O Padre Cabral

S. Rv.ª offereceu em Campolide um almoço aos tunos de Valladolid. Almoço não. Espumoso da bairrada e *dedos de dama e jesuitas*.

Os rapazes sairam com fome e voltaram aos hoteis a almoçar.

Não tiveram fé bastante para acreditar na dadiva do *Provincial*.

Os peccados do seculo! A incredulidade do mundo!

«A Farça»

Dizem-nos que vai mudar de titulo esta revista.

Passará a chamar-se *A Tragedia*.

Sentimos.

Agradecimento

Ao «*Povo*» do Funchal agradecemos a transcripção do artigo do nosso camarada Pestana Junior, sobre a attitude do Reitor do Collegio de Campolide por occasião do convite para callaborar no Centenario de Herculano.

Na Encruzilhada...

Em liberdade

Já se encontra em liberdade o nosso amigo e correligionario Mont'Alverne, do segundo anno de Direito.

Emfim a praxe ainda é alguma coisa.

O caloiro, o *unannista* nunca poderia ter razão.

Ainda bem que os principios da boa moral se mantêm entactos...

Desmentido

Pedem-nos para desmentir que tivesse sido assaltada a Loja «Redempção.»

Até para o mais profano é escusado o desmentido.

Não, que ellas mordem...

Não é verdade terrivel *Hocke?*

Na Estrada da Beira

Queixam-se os moradores d'este sitio da immoralidade d'algumas *cidadãs*.

Que diado, um pouco mais de recato e nós não temos nada com a vida de ninguem...

E viva a *tolerancia*... e a policia!

Liga dos Filhos da Noite

Reune amanhã no Pio ás duas horas da noite a secção n.º 69 d'esta Ligá.

Preside o *Cóm-Osgas*.

Assiste o Cabeça de Comarca e o *Canhão*. O *sancto* é o que os socios sabem. Teem de o dar á entrada e só então lhes será respondido com a *senha* que é ainda o... *e tres quinze do* costume.

A attitude da minoria republicana

Na proxima sessão parlamentar, a minoria republicana manterá a attitude de inquebrantavel intransigencia com o governo e de absoluto isolamento de todos os grupos da Camara.

Nem outra podia ser a attitude dos republicanos. Ella é determinada por altas razões d'ordem moral e pela necessidade que ha em collocar o debate por parte dos nossos deputados n'um campo de absoluta e necessaria intransigencia com o Regimen e com quem o representa. Já passou o tempo e a opportunidade para um *tentamen* de cooperação entre os homens da Republica e os da Monarchia. Se essa attitude, por parte dos repuplicanos continuasse, seria sobre inoportuna, inintiligente, dada a forma grosseira, descarada e tôrpe, como a Monarchia soube, na sessão passada, corresponder a essa orientação.

A questão a tratar agora é a questão politica geral, ou seja, o libello violento e implacavel dos comicios e das conferencias publicas, feito do alto da tribuna parlamentar, d'onde terá maior ecco, quer no paiz, quer no estrangeiro.

A Monarchia, sem prestigio, sem gente, ré confessa de todas as accusações que lhe fizerem, só terá para se defender o recurso da violencia que será o seu logico fim.

Porque — e é preciso não o esquecer — é necessario que nos preparemos para que quando ella nos procure nos encontre...

Braga, a catholica...

— N'essa linda terra de Braga, — a Roma portugueza, — onde ha muitos padres, muitos titulares de varios ferros e muita mulher da gente cair... de bruços, deu-se hontem o caso picaresco d'uma beata ser apanhada n'uma egreja, vestida d'homem, a escutar as edificantes palestras d'um *santinho* da Companhia de Jesus que, pelo visto, só com homens se entende e falla.

Não diz a noticia se a beata era nova e bonita. Se assim fosse até nós gostavamos de lá estar.

Não ha nada que levante mais os sentimentos religiosos d'um homem, do que uma linda mulher em *travesti*.

E então lá que as ha *de chupeta*...

E catholicas romanas, com reserva mental para casos de consciencia... Verdade seja que a mania do *travesti* não é nova na terra, segundo nos dizem, mas *ás avessas*...

As prisões em Coimbra

Não são tardias, como á primeira vista parece, as considerações que vamos fazêr. Ha quinze dias que as prisões e buscas domiciliarias se déram no meio da maxima tranquilidade publica e ainda não surgiu uma explicação cabal para taes factos.

Nós, pelo menos, ainda não vimos a que condicionar uma tal exorbitancia d'autoridade.

Dentro da *paz pôdre* criada por diversas causas no meio revolucionario português surgiu, é verdade, o celebre balão dos *balandráos* com a concumitante *floresta* e os engraçadissimos *primos pagãos*. Mas isso foi em Lisboa. Em Coimbra, nesta boa terra de revoluções e chuchadeiras, apenas conheciamos como sociedades secretas as diversas secções da *Liga dos Filhos da Noite* e a benemerita sociedade dos Makavenkos. A primeira, toda empenhada na conquista dos grandes e, enormissimos canhões que por aí abundam, a segunda resolvendo patrioticamente a crise economica pelo consumo.

Podem sêr tudo menos anti-dinasticas as duas associações. Têem mesmo um certo quê, um certo caracter brigantino.

Senão que se veja, pelo que ahi deixamos dito e por demais todos sabiam, se devem ou não sêr simpathicos aos descendentes de D. João V e D. João VI a *Liga dos Filhos da Noite* e os grandes garfos e profundos copos da gloriosa *troupe* makavenka!

Mas vieram as buscas e nós estavamos todos á espéra que da grande cabeça do representante do sr. Antonio Emilio junto do úbere fertil de Minerva saisse tambem um balandráo, um punhal e alguns kilos de dynamite. Que aquella a cabeça é... partodas estas coisas!...

Não houve um deus bastante possante que abrisse a golpes de machado o enormissimo recipiente craneano do sr. Pereira e de lá tirasse, renovando a scena mithologica, a Revolução Coimbrã armada de ponto em branco. E nós continuâmos a ficar possuindo, em vês da *Floresta*, o Choupal e em vez dos *primos* lisboetas, os *irmãos* filhos da Noite e os *compadres* makavenkos.

Pouca sorte, que talvez nos desse mos bem com aquelle ramo da familia...

Nada apareceu, a não sêr os dois cannos enferrujados encontrados em casa do sr. Fonseca. *Sociedades*, nenhumas; que o sr. Fonseca e até o amigo Gandarez já estão velhos para o serviço da artilharia dos canhões de sitio e um pouco maduros para dár estalinhos de lingua com o *verdasco* dos compadres do sr. Ferreira do Amaral.

Nem a estas elles pertenciam!
Mas porque foram as buscas?
Porque se fizeram as prisões?
Denuncia, talvez.

O sr. Pereira, neste caso, depois de se certificar que o denunciante de mau gosto o tinha ludibriado e lhe fizera uma partida de carnaval processava-o por de respeito á autoridade e se não tivesse o nosso aplauso, porque o não damos a qualquer, tinha a nossa glacial indiferença e o silencio aprovador de toda a gente, o que talvez lhe conviesse.

Se a denuncia fosse um facto, teriamos, pois, a esta hora o processo criminal instaurado e seguindo rapidamente, tendo como tem ás suas ordens, crêmolo, uma comarca nas aguas-furtadas da sua administrativa personalidade.

A cabeça de s. ex.ª indicava-lhe com certeza esta solução.

Suspeitas? Mas o sr. Administrador não tem, como qualquer mediocre brachicephalo, o direito de suspeitar apenas.

Não sendo, não podendo sêr nem a denuncia, nem as suspeita as determinantes do seu acto, fica apenas uma terceira e unica explicação. O sr. Pereira queria o logar de comissario. Precisava salientar-se, apresentar uma folha de serviços que valesse a nomeação. Serviços á monarchia. Estendêr até Coimbra a *rede*, a famosa rede de sociedades secretas, descobrir por entre as malhas as cabeças mordiscantes da hydra revolucionaria valia bem... um comissariado de policia.

Não lhe occorreu outra melhor.

Não soube inventar.

Perdeu a partida e comprometeu a fama grande da sua cabeça... maior.

E dizêr a gente que o antecessor do sr. Pereira foi o Sherlock!

Mesmo pequenino e pataqueiro não cahia nessas, não...

Ora valha-o Deus, sr. *ex-futuro* comissario de policia!

SECÇÃO LITTERARIA

A NEVE

A neve cae do ceu. Olha não vês,
Como é tão branca, a neve!
Como vem pelo ar cair-te aos pés,
N'uma graça de vôo, airoso e leve?

Toda a estrada, vê lá, como branqueia!
O campo envelheceu
E, como a noite está de lua cheia,
Parece prata que caindo do ceu!

E que lindo ficou o pinheiral,
Empoado, a brilhar...
Cada pequeno arbusto é um chrystal
E os chystaes são diamantes, ao luar.

Na linda noite em que Jesus nasceu,
Dizem lendas suaves,
Vêm á terra os anjos que ha no ceu,
Com azas brancas, como grandes aves,

E, como é longa e grande a caminhada,
Caem pennas, no ar.
— Pois os fócos da neve immaculada
São as pennas caindo, devagar...—

Talvez não queiras n'isto acreditar?
Se não crês, fazes mal,
Pois tu não vês quasi sempre nevar
Na noite de Natal?

Digo-te mais: essas pennas ligeiras
Largam de si um pò
Que fizeram, aos poucos, traiçoeiras,
A cabecita branca á tua avó!...

E tu sorris... O tempo vae passando
E então verás, amor,
O teu cabello negro ir-se mudando
Até ficar assim d'aquella côr.

E que linda que tu has-de ficar,
Branquinha, como so gelos!
— Mas que extranho contraste ha-de formar
Teu negro olhar co'a côr dos teus cabellos! —

Porque o incendio d'esse olhar amado
Nada o fará morrer.
E, se eu o quero ver suavisado,
E' preciso beija-l'o, para o ver...

* * *

E a neve cae! Faz frio. Fecha a janella
E olha para mim.
Qu'importa o frio que lá por fóra gela
Quando tu, meu amor me olhas assim...

5-12-902 **Ramada Curto.**

---

2 Folhetim d'*A Revolta*

RAMADA CURTO

Claudio Justo

II

A Casa da Riquezeira

Claudio Justo nascera em Lisboa, n'uma pequena casa d'um só andar, modesta e quasi esquecida n'uma rua quieta para os lados da Graça.

Fôra para alli que os paes tinham ido morar logo depois do casamento.

Ao tempo, o pae era tenente do exercito e o soldo não lhe chegava para viver no centro da cidade onde as casas são mais caras.

Depois a casinha era nova, tinha-se acabado de construir. Com a sua frente de tres janellas, toda em azulejos claros, as pinturas interiores ainda recentes, o bocado de quintal e a vista lindissima de collina, dominando a cidade, abraçando todo o panorama do rio, ella seduzira o pae de Claudio como a promessa d'uma felicidade recolhida e discreta para o casal de noivos que lá fosse morar longe do bulicio da cidade, na quietação aldeã do bairro-excentrico.

Um promenor, sobretudo o encantára.

A casa estava isolada no meio duma grande extensão de terreno, esperando futuras construcções. Não havia a receiar visinhos encommodos e, na primavera, quando elle lá entrára pela primeira vez, ao abrir uma janella, deparára-se-lhe toda aquella terra transformada n'um jardim selvagem, coberta, até perder de vista, d'um tapete de verdura matizado profusamente de margaridas brancas e amarellas e de papoilas enormes, dum vermelho sanguineo e vivo.

A' brisa da tarde, sempre fresca, vinda do lado do rio, tudo aquilo ondulava. Lá ao longe, as janellas d'um casarão branco, com seu ar de mysterio, isolado no alto d'uma collina, faiscavam, com um fulgôr d'ouro ao sol poente. No rio sereno e largo, uma vela branca de falúa, afastava-se, n'uma esteira d'espuma e a linha sinuosa dos montes da Outra-Banda, esbatia-se, quasi confundida, no azul delido do ceu.

Casaram. O pequeno nascera. Os tres primeiros annos de casados decorreram serenos e felizes. Só por vezes, a saude fragil de Claudio inspirava cuidados.

Mas no fim do terceiro anno, o official começara a sentir-se doente, com um mal-estar vago, uma fadiga constante e as noites agitadas, sem conseguir dormir. Ao principio não fizera caso. Pedira uma licença de dois mezes, atribuindo aquillo a excesso de trabalho e fora para casa da familia na provincia com a mulher e o pequeno, contando voltar curado.

A familia que lhe restava era um irmão e uma irmã, ambos solteiros, vivendo com os criados da lavoura, na velha casa das Devezas, onde elle nascera, em pleno campo, no meio dum pinhal cerrado e selvagem.

Elle adorava aquillo.

Ao longe avistava-se o mar, muito azul, cortado de velas brancas, e uma grande extensão d'areia a que chamavam o Médo, faiscava ao sol, brilhante como ouro. Quando havia vento ouvia-se o ruido surdo, monotono e constante, das vagas. Nas noites d'agosto, o pinhal parecia todo de prata, sob a poeira luminosa do luar.

Alli passára os dois mezes da licença, passeando com o filho, durante horas, nas veredas cheias de sol e de flôres campestres. Mas voltára a Lisboa, sentindo-se peor, preoccupado e triste. Fôra consultar um medico amigo, clinico illustre, seu companheiro dos tempos do lyceu, que o atterrára, tirando-lhe logo toda a esperança de salvação. Estava perdido, com uma doença incuravel que o forçou a abandonar o serviço activo. E uma sombra de tristeza irremediavel, pairou, d'ahi por diante, na alegre casinha da Graça.

Claudio crescia. Nos vagares penosos da doença, o pae ensinava-o a ler, contava-lhe historias que o encantavam. E agora que no pequeno quintal, n'um pombal improvisado, arrulhavam pombas, que todas as manhãs voavam n'uma bandada alegre para os lados do rio e voltavam á tardinha, agora que um pé de lilaz, ao canto do muro, floria perfumando o ar por tal forma que toda a casa cheirava bem, era na verdade muito triste, morrer assim na força da vida, abandonando o lar, a mulher e um filho pequeno ainda por crear.

E pensando n'isto, sentado em frente da janella aberta, olhando scismadoramente o vôo lento e branco das gaivotas sobre o rio, com o pequeno Claudio nos joelhos, ao cair lento da tarde, o pobre doente sentia que uma lagrima furtiva teimava em rolar-lhe pelas faces. O pequeno fitava-o gravemente e chamava-o á realidade:

—Papá... Não estejas assim...

E elle beijava-o, disfarçando.

—Eh! «patarata».

Os vidros do velho casarão branco, lá ao longe, sobre a collina, flamejavam como n'um incendio.

— Olha papá, olha!... A casa da «Riquezeira» a arder... — dizia Claudio, estendendo o braço para lá.

O pae olhava e sorria. «A casa da Riquezeira»! Como fôra que na imaginação da creança, aquelle casarão mysterioso, isolado sobre a sua collina, alcançára aquelle nome inesperadamente, sem que ninguem lh'o tivesse sugerido? Uma tarde apparecera com aquillo. Elle surprehendido interrogára-o e o pequeno explicára a sua ideia. Era aquella a «casa da Riquizeira». Estava cheia d'oiro, de muito oiro. A' tarde, quando o sol batia nos vidros das janellas, via-se todo aquelle oiro brilhar, que parecia fogo. Tinha umas salas muito grandes, de paredes negras e tectos muito altos, tão altos que nem se viam bem e lá dentro não havia viv'alma.

Nunca ninguem lá tinha ido e nunca ninguem lá iria, porque ella ficava muito longe e era aspero e difficil o caminho e todo o oiro que ella guardava havia de continuar lá dentro para sempre, brilhando ao sol atravez os vidros das janellas, p'ra toda a gente vêr, de longe.

— Diz, papá. E' a «casa da Riquizeira, pois não é?

O pae confirmára que era, afagando-lhe os cabellos, scismando n'aquella ideia extranha da creança.

Talvez fosse um symbolo que o pequeno creára inconscientemente, aquella casa cheia d'oiro e de riqueza, onde ninguem podia chegar mas em que toda a gente pensava, quando via brilhar ao sol o oiro que lá estava.

E maior, mais profunda, mas mais resignada e calma, era a dôr que lhe vinha da certeza da sua morte proxima, da derrocada da sua pobre felicidade humilde porque tanto sonhára outr'óra, — a sua «casa da Riquizeira» caindo em ruinas.

Lembrava-lhe a sua infancia pobre, o seu nascimento humilde. Tanto sacrificio para adquirir uma posição modesta! Depois o seu casamento d'amor com uma menina sem fortuna e muito nova que elle adorava.

Ao menos, que a Morte lhe désse uma agonia serena, junto dos seus, na casa das Devezas, onde tinha nascido entre os pinhaes, ouvindo ao longe a voz monotona do mar, e vendo em torno os campos cobertos de flôres na caricia macia do ar e da luz da primavera.

A noite ia descendo. O pé de lilás, afogado na sombra do muro, rescendia, com um perfume mais forte. E elle, com Claudio abraçado, os olhos semi-cerrados, cantava docemente uma romanza triste, que fallava em morrer.

Vorrei morire n'ella stagion del anno
Quando è tepida l'aria e il ciel sereno...

— Papá... Estás triste? perguntava Claudio.

— Não, meu amor... — e continuava.

Lieta farebbe á Dio l'alma ritorno
Ah! primavera e il suo morir d'el giorno.

No ceu, ao alto, palpitava a primeira estrella da noite.

(*Continua*).

A EITO

A proposito do Chantecler

13 de fevereiro

O successo estupendo do Chantecler (os senhores sabem, é claro: essa peça extranha em que um gallo atiradiço, á luz da ribalta, com uma crista estanhada, sem olhar a quem está, faz um jogo descarado a uma das mais gentis faisôas da nossa primeira sociedade!) o successo estupendo do Chantecler, sobretudo por banda das gazetas que, açodadas, dão conta ao mundo do entrecho d'essa obra tão singularmente gallinacea, e descrevem sem lhes faltar nada, commovidamente, essa rara capoeira armada n'um parlamento pedante onde passarôlos rethoricos, de todos os feitios, pedem a palavra com pose e gosmilham a sua sentença em verso, — o successo estupendo do Chantecler faz-me pensar com vertigem o que por hi não irá se esta nova idêa péga e desáta a influenciar o theatro, de forma a podermos inda vêr no palco dois artistas celebres convenientemente disfarçados em suinos, discutindo pacificamente, em versos claros, toda uma philosophia transcendental; e de maneira tambem a vermos a critica enthusiasmada dizer: «Inexcedivel o actor Fulano! Sobretudo no monologo arrebatadamente lyrico do 3.º acto fez lindamente de pôrco. Outro tanto se não póde escrever já do actor Sicrano, que foi por vezes incorrecto na dicção, exagerando muito todas as scenas, principalmente aquella em que, ao mesmo tempo que o seu collega recita a sua paixão por uma bella porca, vae deixando cahir no soalho pequenas pyramides molles e fumegantes que a platéa só póde affrontar de lenço no nariz. Muito mais gostámos de o ouvir, outro dia, no seu papel de lagarto, sem querer agóra falar na sua corôa de gloria que, sem duvida é — a ameijoa»!

Eu não ouvi, nem sequer inda li o Chantecler. Venho com isto, simplesmente p'ra fazer notar a ancia d'originalidade que espicaça todos os intellectuais homens de lettras e que os faz cambalhotar doidamente em *jougleries* macabras, sempre n'um esforço derrancado, esfalfado, d'apparecerem com alguma coisa nova que, ou p'lo descaro da côr, ou p'lo arrojo da idéa encafuada n'uma *toillette* bizarra, possa ferir, prender a attenção, fazer parar a mulridão apressada que mistér se faz chamar aos gritos, com rufos interminaveis de tambôr, de cima d'um tablado.

O publico, por via da vida rapida e curta d'hoje, cheia d'impressões fortes e bruscas, cosummida toda p'la lucta esgotante e p'lo prazer — principalmente se se remexe nos brouhahas das grandes cidades em que a alma ganha chloroses e o corpo adelgaça, afila, enfraquece — adquire um extenuamento de nervos, uma sensibilidade exquisita, doentia, febril, e o resultado é que nunca se satisfaz, constantemente á cata do inedito, do desconhecido, do inconcebivel, cousa emfim que o frissone rapido e forte e o atire um momento p'ra uma sensação funda, indefinivel réz-vés com a côr. Cada vez exige mais: hoje um processo d'impressionar, amanhã outro, porque o primeiro perdeu o poder, de sorte que, necessario se faz ir quintessenciando os artificios té os subtilisar, acontecendo com o publico o mesmo que com certos velhos viciosos e gastos que procuram e sonham fórmas phantasticas e novas d'accordar a sensibilidade falida, pondo de parte hoje a forma de que hontem se tinham servido, tornada já impotente. E por isso os escriptores que vivem p'rá gloria e precisam d'impressionar o publico destrambelhado, estorcem-se, modificam-se, torturam-se, espremem o toutiço até deitar sangue, como uma têta apolegada, rebuscam, martyrisam-se té á loucura e no fim conseguem deitar coisas d'uma originalidade dolorosa, rente com o ridiculo, deante das quaes se fica n'uma duvida atrapalhada: — serão geniaes ou simplesmente idiotas?!

Assim surgem os Chantecleres com as suas capoeiras!

E um dos resultados bem vincados d'essa necessidade extenuante de encontrar a originalidade é a desorientação que vae por esse mundo de Christo das lettras: — Nada de predominante. Impossivel fisgar n'um momento um conceito seguro sobre arte litteraria. Muitos processos, succedendo-se, morrendo uns empoz d'outros, sem durarem um dia, postos logo de parte, agora exaltados lógo aborrecidos, agóra parecendo infinitamente duraveis p'ra logo cahirem miseravelmente. E sempre, sempre uma onda de coisas novas, novissimas, e inda mais novissimas, onde toda a gente se perde, onde se endoidece e onde ninguem consegue já saber o que quer, o que faz e o que diz — n'este grande Rilhafólles das lettras. De sorte que, por mais estapafurdia que uma obra devesse parecer ao bom senso, mal faz abrir a bocca d'espanto a alguem. E assim é que ninguem extranharia se, amanhã, o Snr. Rostand, farto de explorar o reino animal descesse ao vegetal e escrevesse uma peça na qual o Snr. Guitry tivesse o rico papel de — couve lombarda!

João Pinto Figueiredo

«A Farça»

Appareceu o 4.º numero d'esta brilhante revista que vem interessantissimo, litteraria e artisticamente.

Aos seus redactores e collaboradores artisticos os nossos parabens.

A ultima do Xandre

Xandre, o incomparavel Xandre, que, numa upa mais arrojada da sua carreira, conseguiu deitar as mãos a uma cadeira de deputado e á direcção de um jornal — *Liberal* de seu nome — escreve na dita gazeta um artigo sobre blagues coimbrãs, respondendo a alguem que lhe perguntou se era authentica a celebre phrase atribuida ao Mestre sobre o imposto em Roma.

Que não, diz Xandre, não é authentica, é uma d'aquellas blagues que a *troça esfusiante* da academia costuma forjar a respeito dos lentes para assim se vingar das suas exigencias.

E assim o Mestre que é um homem intelligente, tem sido, por ser bastante exigente, o alvo dos epigrammas, um dos lentes mais causticados pela blague academica.

Mas então, Xandre amigo, qual a razão por que, havendo por cá tantos lentes exigentes, muito mais exigentes do que o Mestre (é escusado citar nomes que o Xandre bem conhece) nunca se contou a *ultima* d'esses lentes?

Porque será?

E o livro dividido em uma *Parte Unica*, tambem é uma blague?

E tantas outras, authenticadas pelo consenso unanime dos cursos que as ouviram, tambem são blagues?

Ha realmente as blagues, mas por entre ellas apparecem (e Xandre bem o sabe) as verdadeiras e que são as melhores.

Diz o homem que dos lentes do seu tempo o Mestre era um dos melhores.

Os outros que lhe agradeçam.

Xandre no seu tempo, quando atravessava Coimbra com o seu monoculo vermelho e a sua cabelleira até aos hombros, na geração de iconoclastas a que pertenceu (isto lhe temos ouvido numerosas vezes) fez parte de um grupo que tinha por obrigação inventar a *ultima do Mestre*, diz elle agora no seu artigo, quasi penitenciando-se de tão negra acção.

E referindo-se ao livro do Pad-Zé chama-lhe inferior, inferiorissimo.

Ah! pobre Pad-Zé! que falta que tu fazes!

Uma das pretensas glorias de Xandre é o centenario da sebenta que, todos o sabem, foi principalmente devido ao Pad-Zé e outros rapazes de espirito como Xandre nunca teve em dias da sua vida.

Com essas pennas se tem enfeitado, usurpando a gloria do Pad-Zé, e agora, morto elle, é que lhe vem criticar o livro.

Porque não o fez em vida d'elle?

O Xandre! O iconoclasta Xandre!

O cabotino Xandre!

Arre!

TRIDUOS ESPIRITUAES...

Com a natural tendencia de todo o ser pensante, reconhecendo-se como foi, para muito logicamente se affirmar tal como é: evoco hoje momentos do meu passado entre os jesuitas de S. Fiel, propondo-me fallar sobre uma pratica de influencia decisiva nos destinos de muitas creanças, de quasi todas as que teem a infelicidade de receber educação nos collegios da «Companhia».

Fallarei sobre «Triduos Espirituaes» sem a critica que qualquer psychologo melhor do que eu faria, mas, se nitidamente fôr o meu trabalho, isso me bastará e serei tão contente como sempre o fico, quando julgo ter cumprido um dever; na exposição estará toda a minha critica e no facto narrado uma das fontes da revolta que contra o Jesuita nutro.

Em regra o Triduo espiritual tem logar no mês de novembro, n'esse triste mês em que as incertezas do tempo, ora nos traduzem n'alma o primaveril de alegrias sãs, ora nol-a fecham em nostalgias invisiveis, como o azul dos ceus em dias nevoentos.

Logo de madrugada, a luz anemica e incerta de escassas lampadas, soado o Benedicamus, fará dançar nas paredes amarellecidas, do dormitorio, já n'um cancan final, essa grotesta mas horrivel cohorte de monstros, que maus sonhos geraram, perturbando descanços, tornados pesadelos horriveis; mas luz bendita que dá conforto, bem pouco dura: emquanto nos dormitorios se gasta o tempo indispensavel para todos se vestirem e ajoelharem em segunda resa, já fora dos leitos. A forma a dois, silenciosa e triste, passa ao longo d'esses corredores por cujas escassas janellas entra o crespusculo d'alva, não luz do dia para tantas pobres creanças, mas cumplice do jesuita e mau amigo d'ellas a quem vae avivar os pesadellos da noite, quando lh'os reproduzir nos horriveis quadros que adornam as paredes d'esses corredôres, quadros cheios das brutaes visões de fogos eternos, que começarão a incinzeirar já: as debeis chammas, os mansos fogos em crepitação nos pequeninos cerebros das creanças, as quaes horrorizadas, não podem deixar de os fitar..

Entrada a agreja, o pesadelo com o que enfraquece e os espiritos das creanças, suaves como as rosas, procural-as-hão em qualquer altar, n'uma avidez de doentes, como que instinctivamente, buscando o viço, que estas, já murchas, perderam na gargalhina estreita os boccaes, na agua insubstituida ou pobre para lhes dar vida, de pequeninas jarras onde as metteram.

Outras creanças, porem, emquanto a missa se vae gastando, n'um automatismo de quem só tem uma ideia fixa: o affastamento do temor mystico que as invade, desfiarão resas, padre nossos, ave marias, glorias, sem fé e sem esperança, sem amor e sem uncção, apenas no intuito de affogarem males internos na voragem de resas a eito.

Algumas haverá tambem, que procurando esquecer-se de si, caminhem em pensamentos lá para fóra, olhando as duas janellas fechadas, que lateralmente ao altar mor se elevam juncto á nave; outras ainda dormirão talvez, cabeceando nas bancadas, mas aquelles e estes seram em escasso numero, porque n'esse inferno de collegio onde já estive tal como no Inferno do Dante: a gente é perdida no meio da eterna dôr...

. . . . . .

Sahiram as «divisões» (classes de alumnos por edades e desenvolvimento physico) e aquella a que eu pertenci, a terceira (então de creanças de dez a trese annos) ordenamente sob a forma a duas alas, se encaminha para a sala de estudo, n'esse dia destinado a resas e n'esse momento ao terço, e á meditação, já para que nas creanças não se mude o estado psychico anteriormente creado, quer para que os creados transformem uma «camarata» (dormitorio) em um salão para as praticas d'esse dia, até á noite, em que elle será outra vez camarata e emquanto durar o trino com trato sucessivo. Pobres creados, que n'esse dia terão um acrescimo de trabalho e cuja gorjeta será... a de uns dias de indulgencias, que qualquer santo se encarregará a pedido dos Jesuitas de lhes dar por tal intento.

Digo intento, porque as indulgencias estou certo que ellas serão dadas pela intenção do trabalho: uma das condicções para as «praticas» se fazerem, porque pelo trabalho material lá está o dictado: Quem para Deus trabalha, d'elle terá o pago...

Em fim: entrou-se na Salla de Estudo, resou-se o terço, leu-se o livro de orações quotidianas, os rapazes almoçaram muito ligeiramente chá e pão com manteiga, os carpinteiros e creados do collegio arredaram camas, recolheram-nas noutras camaratas, trouxeram bancos, collocaram-nos em fillas, levantaram ao fundo da salla designada uma cathedra-pulpito arrastaram um Cristo enorme que maceraram em mais lividez, quando encostaram a madeiro morme e negro da sua cruz, á alvura virgem e mystica da parede nua.

* * *

A predica ou «pratica» (como lá diziamos) vae começar, ageitada a divisão, pela ordem da forma enchendo os bancos, logo que os cantores (alguns rapazes para esse fim annualmente escolhidos) tenham ançado o hymno, em latim que não entendia, n'uma toada grave, em que toda a divisão tambem se lançava como n'um canto estertoroso, no meio do qual os nossos olhos se fixavam attonitos e fixos no Cristo lá ao fundo, no Cristo do Jesuita, agonisante e livido o Cristo dos Loyolas: o Inclemente, o terrivel, o Tenebroso.

(*Continua*).

Dr. Sobral Cid

Foi nomeado presidente honorario da Tuna, este illustre professor da Universidade.

Ramon y Cajal

Foi nomeado senador vitalicio pelo ministerio Canalejas, este illustre homem de sciencia, gloria da Hespanha.

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 5 de novembro de 1909

Partidas da estação de Coimbra A

MANHÃ

2,45 *Correio* — Pampilhosa, Porto, Beira Alta até Guarda e ramal da Figueira.
4,40 *Recoveiro* — Porto. (Serviço de passageiros para ali e Luso.)
5,25 *Mixto* — Miranda do Corvo e Lou.
6,42 *Tramway* — Alfarellos e Fig.
8,45 *Mixto* — Pamp., Porto B. Alta, Villar Formoso, ramal da Fig. e Hespanha.
10,10 *Mixto* — Alfar., Entroncamento, Lisb., Beira Baixa, Leste e Fig.
10,49 *Rapida* — Entronc., Lisb., B. Baixa Leste e Fig.
11,25 *Omnibus* — Miranda e Lousã.

TARDE

12,55 *Rap.-Luxo* — Pamp., Porto B. Alta e Paris.
1,40 *Tramway* — Alfar. e Fig.
3,16 *Omnibus* — Pamp., ramal da Fig. e Porto.
3,54 *Omnibus* — Miranda e Lousã.
4,10 *Tramway* — Alfar. e Fig.
6,38 *Expresso* Alf., Entronc., Lisb., B. Baixa, Leste Torres Vedras.
7,5 *Sud Luxo* — Alfar., Lisb., Entronc. B. Baixa, Leste e Fig.

NOITE

8,10 *Omnibus* — Pamp. Porto e B. Alta até Mangualde.
8,48 *Rapido* — Pamp. Porto e B. Alta até Mangualde.
12,47 *Correio* - Alfar., Entronc. e Oeste.

Chegadas á estação de Coimbra A

MANHÃ

3,32 *Correio* — Lisb. Entronc., B. Baixa, Leste e linha de Torres.
5,15 *Recoveiro* — Lisb., (Serviço de passageiros.)
7,40 *Tramway* — Alf. e Fig. (Só nos dias 23 de cada mez)
8,39 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
9,15 *Tramway* — Fig., Alfar. e Oeste.
10,39 *Omnibus* — Pamp. Porto, B. Alta e Vizeu.
11,15 *Rapido* — Porto e Pamp.

TARDE

12,47 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,22 *Rapido* — Lisboa e Entronc.
2,10 *Tramway* — Porto e Pamp.
3,8 *Omnibus* — Miranda e Louzã.
3,49 *Omnibus* — Lisb., Entronc. e linha de Torres.
6,57 *Omnibus* — Porto Pamp. e B. Alta,
6,33 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
7,25 *Sud-Exp.* — Porto, Pamp. B. Alta e Paris.

NOITE

8,38 *Omnibus* — Lisb., Entronc., B. Baixa e Fig.
9,12 *Rapido* — Lisb., Entronc. e Fig.
11,24 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,18 *Correio* — Porto Pamp. e B. Alta.

Da Louzã partem para Coimbra 3 comboios: um ás 7,10, chegando a Coimbra ás 8,39; outro á 1,55, chegando a Coimbra ás 3,8; e outro ás 5,24 chegando a Coimbra ás 6,33.

ANNUNCIOS

ESTAÇÃO D'INVERNO

Grande reducção de preços em todos os artigos da presente estação:

Chapeus que eram de 8$000, a 3$500 réis.

Formas de feltro que eram de 1$400, a 800 réis.

Reberines que eram de 1$500, a 600 réis.

Boas que eram de 2$000, a 1$000 réis.

Saias de feltro que eram de 3$000, a 1$500 réis.

Bordados, rendas, fitas, luvas, gravatas e espartilhos.

Sedas e mais artigos para bordar.

Sempre sortimento completo em todos os artigos de retrozeiro.

Retrozaria da Moda

R. Ferreira Borges, 61 67 — Coimbra

(Telephone 210)

AS MÃES

Quando virdes os vossos filhos com dôres de ventre, vertigens, anemicos e estes symptomas quasi sempre acompanhados de alguma tosse, receae que todos estes males sejam produzidos por vermes que vivem no intestino das creanças. As lombrigas produzem grandes perturbações e desarranjos, tornando as creanças molles, aborrecidas, sem grande vontade de brincar e com pouco appetite.

Combatei todos estes males com o *Vermifugo Faria*, o remedio que tem salvo dezenas de creanças e que toda a gente hoje conhece pelos seus maravilhosos resultados.

Ha casos de creanças expellirem mais de 100 lombrigas com este preparado, ficando depois completamente boas.

O *Vermifugo Faria* é pois um remedio que deve existir sempre á mão, em todas as casas e familia.

O *Vermifugo Faria*, encontra-se á venda em todo o paiz a 250 réis o frasquinho.

Depositos em Coimbra:

Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges.

Drogaria Villaça — Rua Ferreira Borges.

Conversação Franceza
Educação physica

E. ROCHET

Rua do Almoxarife, 29 — COIMBRA

Theatro Principe Real

Empreza Cinematographica

Espectaculos todas as noites. Sessões permanentes. A mais completa collecção de fitas d'arte e novidades cinematographicas que se exhibe em Coimbra. Numeros de variedades sensacionaes.

Preços: cadeiras, 160 réis; camarotes de frente, 800 réis; de lado e frizas, 700 réis; geral, 100 réis, incluindo o sello.

CHAPELARIA TRANSMONTANA

— DE —

Augusto d'Almeida

106 — Rua Ferreira Borges — 108

Clinica de especialidades

Rua Ferreira Borges
Arco d'Almedina, 11
COIMBRA

Prof. **Angelo da Fonseca**

Cirurgião especialista de doenças das vias urinarias, antigo monitor da clinica do Hospital Necker, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas das 2 ás 5 horas da tarde

Prof. **Sobral Cid**

Antigo assistente da clinica charcots da Sulpetriere e da clinica do Hospital Enfants-Malades, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas de doenças nervosas e geraes, das 2 ás 5 horas da tarde

Consulta especial para creanças, ás segundas, quartas e sextas, ao meio-dia

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — *José Lebre.*

Tratamento das doenças dos olhos — *Abilio Justiça.*

Electrotherapia — Medicação eletroionica

Rua Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone 254

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade, o melhor e mais barato no genero.

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **Gaveau**
Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**
Machinas de costura **Naumann**

(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo
Instrumentos musicos, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA · GARANTIA · SERIEDADE

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.º 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muitos chics, desde 90 réis cada metro.
Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 e 100 réis cada metro.
Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro.
Cassas, padrões recentes, a 100 réis.
Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro.
Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis.
Oxfords, para camisas, (entestados) a 130 e 140 cada metro.
Cotins dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170, 180, e 200 réis cada metro.
Armures, pretos e de côr em algodão, desde 300 réis o metro.
Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro.
Lãs, córtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis.
Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro.
Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro.
Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis.
Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumeror os seus preços.
Challes do povo!!! a 600 réis.
Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis.
Ditos com seda, a 2$500 réis.
Armures, pretos, lavrados, a 700 réis.
Matellasses, pretos, a 1$200 réis.
200 lenços de seda tapete, que eram de 1$800, a 800 réis.
100 cachenez, com seda, 100 c., a 700 réis.
100 cachenez, matiz, 100 c., a 800 réis.
Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro
Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis.
Ditos, muito bons, a 6$000 réis.
Lenços brancos, a 25 réis.
Peugas, ás riscas, a 40 réis.
Ditas finas, a 80 réis.
Meias pretas, fixa, a 90 réis.
Camisolas d'algodão, a 150 réis.
Ditas de côr, fortes, a 240 reis.
Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis.
Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis.
Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia.

O Proprietario,

J. M. da Silva Constantino

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — J. M. Mendes d'Abreu

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se inumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender se em caixas o verdadeiro giz para alfaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia

Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, — COIMBRA — (Telephone 112)

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

2, Rua Visconde da Luz, 6

COIMBRA

RELOJOARIA FERREIRA

DE

MANUEL NUNES FERREIRA

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — **COIMBRA**

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, 6

Empresta sobre tudo que representa valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro.
Compra e vende mobilia usada.
Encarrega-se de leilões e liquidações.
Compra objectos antigos em todos os generos.

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.
Impressos e livros escolares.
Encadernações e artigos de papelaria.
Execução rapida de encommendas.

TABACARIA CENTRAL

DE **Arthur L. V. d'Andrade**

27, Rua Ferreira Borges, 29—COIMBRA

(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encommenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encararregar-se tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia.*

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio 33,

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil Africa Oriental e Occidental.

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — *Coimbra*

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — *RAMADA CURTO*

Redacção e administração — PATEO DA INQUISIÇÃO

Composição e impressão — Typ. Litteraria, LARGO DA FEIRA

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso, 20 réis.**
Annuncios — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

ANNO 2.º | COIMBRA — Sexta feira, 25 de fevereiro de 1910 | N.º 35

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assinantes da provincia que vamos começar a cobrança. Rogamos a todos que nos simplifiquem o expediente, com um bocadinho de pontualidade, para não embaraçar a vida da gazeta e não sofrerem interrupção na sua remessa.

Um passeio militar

Um passeio militar até Lisboa seria, no dizer dum general hespanhol, a unica coisa capaz de acabar com as dissensões internas na nação visinha.

Em volta de tal emprehendimento, o mais popular e o mais grato a todo o hespanhol, sem distincção de classes ou de opiniões, acabariam todas as dissensões politicas, todas as retaliações partidarias, todas as divergencias d'opiniões, de principios e de crenças. Para a conquista de Portugal a Hespanha inteira se reuniria em volta do governo que a tentasse, com a certeza antecipada e grata do triumpho.

Isto é um facto, de ha muito. De ha muito que se sabe que em Hespanha se pensa assim a nosso respeito. Ultimamente até, este assumpto tem sido tratado na imprensa, desassombradamente, com inteligencia e com patriotismo. Em Portugal tratar d'estes ou d'assumptos congeneres, o mesmo vem a ser que «prégar no deserto». Não só os nossos patrioticos governos, muito preoccupados com o terror panico da Hydra, fazem systematicamente «ouvidos de mercador» a estas quejandas frioleiras mas a opinião publica, lê — quando lê! — os artigos dos ingenuos que lhe chamam a attenção para taes assumpto e passa adiante, sem ligar ao caso mais importancia que a que se liga a uma *blague* inofensiva.

Mas agora o caso é mais serio. Já não é o depoimento d'um qualquer que julgue conhecer a Hespanha e as correntes d'opinião d'esse paiz e que venha a publico, isoladamente, sem outra garantia que não seja a sua sinceridade denunciar um problematico perigo. Agora não se trata de nada d'isto. Quem falla é um general hespanhol, um chefe do exercito hespanhol, um nome prestigioso e celebre entre o exercito da nação visinha.

Diante d'isto tem de se reconhecer, forçadamente, que muita razão tinham os patriotas que apontavam o perigo.

E, concomitantemente, somos forçados tambem a constatar que existindo esse perigo, nós estamos diante d'ella absolutamente desprevenidos, absolutamente incapazes de o conjurar, á mercê de que, mais tarde ou mais cedo, elle nos caia em cima.

Pois bem: o que fazem os governos? Perseguem a Hydra, as sociedades secretas, os *balandraus* tragicos que tiram o somno ao rei e aos mesmos governos, dum modo geral ao «regimen que felizmente nos rege» e que, só por um descuido, nos reduziu á triste situação de paiz sem camisa e que não póde com uma gata pelo rabo, quanto mais com a Hespanha! A opinião que faz? Essa, dormita, ao que parece e não se rala muito. E o exercito? que faz o exercito? Que fazem aquelles que tem a sagrada e indeclinavel missão de defender a integridade da Nação que lhes paga? Que nós saibamos, o exercito, não faz nada.

E isto espanta-nos. Espanta-nos e afflige-nos. Porventura o exercito portuguez, — sem duvida capaz d'heroicidades, de prodigios de valor, de extremos de dedicação patriotica, sobejamente provadas nas guerras d'Africa, — tem a ingenua, a risivel pretensão de poder oppôr, n'um momento dado, um dique serio a uma invasão das tropas hespanholas, numerosas, bem armadas, por egual cheias de valor e capazes d'heroismo, e absolutamente senhoras de todos os elementos que, na guerra moderna, asseguram o triumpho? De forma alguma. Os nossos officiaes mais distinctos teem sido os primeiros, a vir dizer a publico, que o nosso exercito, na Europa, apenas póde desempenhar o serviço de guardas, escoltar procissões, e intervir com uma força facil, sempre que as ordens do poder o chamem a fusilar, na rua, o povo inerme que protesta. Esta é a dura, a comprovada verdade, por mais que a todos pese.

E' pois ao exercito — que, para nós, como para toda a gente continua a ser sphynge que ninguem decifra — que compete fallar e fallar alto, para se livrar d'esta situação aviltante e perigosa. Nem o brio, tão sobejamente comprovado da officialidade portugueza, nem as suas tradicções brilhantes d'audacia e de patriotismo, lhes permitte conservar por mais tempo, um silencio que seria sobre inhabil, criminoso.

Decerto que aos nossos militares aterra como a nós, o dominio da Espanha clerical e fradesca sobre esta boa terra de Portugal que, a elles, mais do que a quaesquer, compete defender e amar.

Decerto que, não houve nenhum soldado portuguez, digno d'esse nome, que não sentisse ao ler as palavras de Weyler, um estremeção de colera e ao mesmo tempo, não tivesse a desolada convicção da sua absoluta impotencia.

Decerto, que a todo aquelle militar que fôr brioso e digno, repugna o vêr-se degradado ao papel de parasita vistoso, servindo apenas á pompa das cerimonias officiaes e força ao serviço das exacções e das tropelias dos de cima, mechanica, irracional, divorciada da Nação que a sustenta e ao lado do Poder que a rebaixa até á situação em que se encontra.

O exercito tem que fallar, deve fallar e, estamos certos nós, elle saberá dizer, forçado pelas circumstancias, a palavra necessaria que o paiz d'elle espera no interesse commum — e no d'elle mais do que no de ninguem.

MIUDEZAS...

Ella era uma linda mulher, duma belleza forte e sádia, com fundos olhos negros, e um perfil a um tempo fino e voluntarioso, de medalha antiga. Elle era um pobre-diabo, magrinho e com olheiras, typo d'amanuense e professor de instrucção primaria, encolhido e «gauché.»

D'ella dizia-se:

— Succulenta!

D'elle, dizia-se:

— Não dá nem para uma canja!

Um contraste — e tanto mais terrivel, quanto os dois, com pasmo e gaudio dos maldizentes, uniram-se pelos sagrados laços do hymineu, em dia de S. Cornelio, na parochial da terra, com estrondo e espalhafato, á hora festiva do meio dia.

Entre os convidados, flamante na sua farda de grande galla cujos doirados scintilavam ao sol, lá estava o esplendido Raposas, — o mais garboso, mais sanguineo e mais forte de todos os tenentes de cavallaria do Universo. Raposas era intimo da casa — como succede sempre, n'estes casos.

Passaram uns mezes, depois da boda. Ella, educada em rigorosos principios, era muito religiosa, excessivamente religiosa, com pequeninos escrupulos de beata. Não comia carne á sexta-feira, sem bulla, e nunca — ó nunca! — misturou carne com peixe o que é peccado gravissimo e que a Egreja verbera com especialissimo rigor.

E como sentisse, religiosa como era, a necessidade espiritual de aliviar a consciencia, procurou o padre Moderno, — um padre do bom-tom, especialista em damas «da alta» com um criterio muito seu, para avaliar as culpas dos penitentes, e um bello sorriso cheio de benevolencia pelas fraquezas do mundo, a illuminar-lhe a physionomia insinuante.

Ajoelhada em frente do confessionario, na sombra da alta nave, ella desafogava a alma oppressa.

A voz do padre interrogava:

— Cumpre o preceito?

— Cumpro, meu padre...

— Nunca mistura, não é verdade?

— Deus me livre de tal...

As vozes baixaram e agora era só ella que fallava — como n'um murmurio de resa, muito chegada ao ralo do confissionario não fosse um Santo Antonio de olho frascario, que parecia fita-la no altar proximo, ouvir alguma coisa.

— Raposas... Um bello rapaz... Conheço... — soltou mais alto a voz do padre ligeiramente perturbada.

Novo silencio. A um canto uma beata velha mastigava um rosario interminavel, ajustando a sua conta corrente com o Altissimo. O sacristão sacudia a poeira do altar-mór.

— Mas é tambem preciso não misturar — recommendava a voz do confessor.

— Por isso esteja Vossa Reverencia descançado...

— Mas então, seu marido?

Baixinho, muito baixinho, ella cciciou:

— Esse é só p'rós dias de «magro».

No altar o S. Antonio, desmanchou-se, começou a rir, disfarçadamente.

D. Fuas

CELEBRES... DE BORLA

O MICROBIO DO SOMNO

Hygienista afamado
Terror de « micro-organismos » !
Tem no prélo este tratado:
— « Da arte de estar sentado
Em cima dos autoclismos ». —

Só um microbio faz frente
A tanto saber e estudo:
Trypanozoma valente!
— Em elle fallando á gente,
Dorme a gente e dorme tudo!

Nós sabemos a razão
D'este caso d'espantar.
— Como tem um *bigodão*
O microbio brejeirão,
Foi-se lá dentro aninhar!

E mal a bocca descerra
O *bicho* salta de lá,
— Em roda adormece a terra,
Todo o curso o « galho » ferra,
Qu'é mesmo, « um ar que lhe dá »!

Deve-se-lhe uma affirmação,
Um conselho salutar:
—«Em nenhuma occasião
Por causa d'uma infecção
A's sebentas, á licção
Ninguem se deve « assoar ».

Dr. Watson.

Factos e Commentarios

Uma carta

Assignada por « um obscuro estudante da Universidade » recebemos n'esta redacção uma carta interessante que não publicamos, por ser um pouco longa e nos faltar o espaço.

Aquelle que a escreveu é pelo menos, um bem intencionado. Na carta expõe-se uma ideia que é a seguinte: promover entre a Academia de Coimbra — vae com letra grande! — a elaboração d'uma mensagem dirigida ao parlamento, afim de conseguir que na proxima lei eleitoral que está na forja, se consigne o principio da representação proporcional. Esta mensagem — diz a carta — seria assignada por todos, como extra-partidaria que deveria ser. N'ella não se faria politica e apenas se reclamaria uma coisa util que, a todos, sem distincção, por egual interessava.

A geração academica de 1848 — ha que annos, isto! — fez coisa semilhante, em manifesto ao paiz com cerca de 500 assignaturas — informa ainda o « obscuro estudante ».

A ideia ahi fica.

Não damos nada por ella exactamente porque, tal cousa, a fazer-se, seria pelo menos, decente. A academia está muito preocupada . . tem que jogar a batota e que resolver a crise vinicola — pelo consummo. Já vê o illustre anonymo que é ingenuo, não é verdade?

Uma questão

Pedem-n'os para dizer da nossa justiça, ácerca d'uma questão que nos informam ter se levantado, entre lentes.

Mas não temos nada com isso. Lentes á bulha ou meigos uns para os outros são-n'os absolutamente indifferentes. E' bom que assim seja até: *ralham as comadres, descobrem-se as verdades*. Estamos apenas na espectativa a vêr, *quem são os tezos*. Se a questão, como por ahi se diz, vier para a imprensa, nós, de palanque, faremos os commentarios que nos appetecerem. Antes d'isso não. A nossa tactica é a dos socialistas antiparlamentares: não temos nada com as questões da burguezia.

Um vapor suspeito

A policia e o governo, andaram ha dias em *palpos d'arenha* por causa d'um vapor Allemão que se suspeitava trazer contrabando d'armas para Portugal. Afinal, como de costume, não encontraram nada de suspeita.

Cada marinheiro tinha a sua arma, de carregar pela culatra como se usa no exercito allemão, mas essas como pertenciam á equipagem não as poude o Governo aprehender.

Os cortes no recenseamento

Sobem a milhares, os córtes feitos nos recenseamentos da capital, dos vótos republicanos. Este anno foi-se mais longe que de costume na proeza. Sem contar que por outro lado, se inscreve toda a policia de Lisboa com dois vótos — um pela residencia do policia e outro pela esquadra onde o mesmo faz serviço.

Está certo. O que é necessario é teimar com a monarquia dentro do campo da legalidáde, p'ra vêr se ella tem dó da gente — não é verdade, ó *senhores moderados?*

D. Miguel de Bragança

Este principe de Bragança, noivo de miss Annie Morgan que o comprou e mais ao sangue-azul para ter filhos *meio-sangue*, queixa-se de que lhe poseram os *tarecos* em hasta — publica, depois de o burlarem obrigando o a assignar dividas phantasticas. Nós acreditamos.

Este Bragança andava em solteiro metido com má gente, em Londres, nos bairros escusos que têm vigilancia policial. Isto foi-lhe sempre uma perpetua fonte de semsaborias, porque abusaram sempre d'elle segundo consta.

Foi naturalmente, n'uma d'essas incursões nocturnas que lhe arrancaram as assignaturas com que hoje o causticam. E elle assignou, coitado, porque, feminino e timido, nunca soube o que era fazer frente a ninguem e especialmente aos malandrões de *Whittechapel*.

O regimen do conta gotas

O juizo d'Instrucção Criminal continua com as prisões destinadas a pôr a claro o escuro e mysterios caso da *rêde de secretas*.

Um dia por outro lá se effectua mais uma prisão. D'esta vez foi prezo um pobre homem de 60 annos, pedreiro de seu officio e o unico amparo d'uma filha, rapariga doente e que não póde trabalhar.

Ella, — a triste doente, — lá anda em peregrinação pelas esquadras, toda em lagrimas, arrastando a sua doença e a sua miseria, a pedir que não façam mal ao pobre velho de sessenta annos! Os policias chasqueiam-n'a e riem da sua afflicção. A' hora em que aquella filha soffre esta abominavel tortura, as filhas dos illustres mandatarios de tudo isto, contentes e felizes, gosam, nos theatros e nos bailes o conforto e a *aisance* que lhes vem da posição dos papás.

O' as barbaridades revolucionarias! Os excessos das multidões! Os horrores das grandes crises como a de 89!

Deixa!...

Visitas

Os senhores do poder tem ultimamente visitado os *confortaveis* calabouços do Governo Civil de Lisboa. S. ex.as não podem, n'uma rapida inspecção avaliar das commodidades que elles offerecem a quem lá tem a sorte de cair. Nos propunhamos que se nomeasse uma commissão que os inspeccionasse por dentro — deixando-n'os, de fóra, e com a chave. E alvitravamos que, — para não deitarem o homem de todo á margem, — escolhessem o Espregueira, para presidente d'essa commissão.

Revisão

Saiu uma desgraça no passado numero. A « secção litteraria » foi a que mais soffreu. Assim saiu lá « parece prata que *caindo* do ceu » por, « parece prata que *caiu* do ceu » e « fócos » por « frócos » E... « ainsi de suite ». Mil desculpas ao leitor benevolo.

O agente Branco

Este policia prendeu o reporter do «Mundo» porque este lhe chamou... *moreno!!* E' caso para lhe dizer os versos: *não negues, confessa*...

Ora o raio do homem!

Era capaz de engavetar tambem quem lhe chamasse por exemplo: filho *d'uma junta de bois*

Uma pergunta

Quem será o magistrado *muito em evidencia, n'uma especialissima evidencia*, que, falando com um amigo pouco depois do regicidio, declarou, que em sua opinião, *o Buissa era um heroe?* Quem será?

Dez carroceiros presos

O regio automovel chocou, em Lisboa, com uma carroça da carne. A policia prendeu por causa do desacato e a requerimento do *nosso sympatico rei*, dez carroceiros!! A' ultima hora, consta-nos que as mulas que puxavam as carroças estão incomunicaveis — por suspeitas d'implicadas no regicidio.

E, sabemos alem d'isso que se preparam rusgas em Sernache dos Alhos, por haver la muita somma de armamento de guerra, pronto a atacar o regimen, á traição.

A' Ill.ma e Ex.ma Sr.ª D. Camara Municipal

Tezissimo, Ex.ma senhora, Tezissimo! Aquellas obras do cano da calçada marcham que é mesmo uma *bulleza!*

E' o « sucialismo » do esterco e do chiqueiro, não é verdade?

Ora pois! quem pozesse a V. Ex.ª, senhora D. Camara, uma cataplasma d'aquellas *papas*, nos administrativos lombos!

Um anniversario

Passa no ultimo dia d'este mez o terceiro anniversario do inicio em Coimbra, do movimento conhecido pelo nome de questão Academica.

Não podemos deixar de o relembrar, ainda que de passagem. Vivemos essa questão com todos os nossos nervos, com toda a nossa crença ingenua de que a geração a que pertenciamos, atravessava n'esse momento uma crise suprema, de que, a ter se salvo, sairia apta a fazer uma larga e luminossa obra de saneamento moral, na sociedade portugueza. A sua solução amargurou-nos, deu-nos o mais profundo desgosto, por que, até hoje, ainda temos passado.

Abstrahindo de tudo — porque tudo é de somenos importancia — o que apenas queremos fazer resaltar na questão, o que julgamos ser o seu altissimo aspecto, foi o espontaneo, nobilissimo, altivo movimento de solidariedade que, n'um momento dado, uniu como um só, todos os escolares portuguezes. Como isso foi nobre como isso foi bello!

A geração não se siucidou — mataram-n'a.

A culpa foi do meio e desesperadamente e tragicamente, ella luctou contra o meio, em quanto poude. Quantos pequenos dramas de familia, o a'testam, por esse paiz fóra!

Mataram na as gerações passadas, as que antes d'ella vieram e que não podiam consentir que tão alto e tão acima ella se elevasse.

Quem commandou, quem dirigiu o infame attentado foi João Franco, o bandido, — desdobrado em centenas de outros tantos bandidos como elle, d'esde Villa Real de Santo Antonio até Melgaço!

E' o maior, o mais estupido, o mais abjecto dos crimes, d'esse homem sinistramente estupido. E, porem, certo que elle não estava só... Adiante.

Aos nossos camaradas salvos do descalabro geral, o nosso enternecido abraço de saudações.

Aos outros, o desejo de que resgatem de futuro o que fizeram e guardem um odio sagrado aos que os obrigaram a entrar na Vida, por uma tão triste porta!

DR. LOBO D'AVILA

Concluiu brilhantemente as provas do seu concurso para professor da Faculdade de Direito, o dr. Jose Lobo d'Avila.

E' com prazer que registamos este facto porque o novo professor é um rapaz muito intelligente, com pouca predisposição para, subindo á cathedra a breve trecho, se transformar num bonzo intellectual, seguindo, sem talento e sem brilho, na esteira de muitos outros. E' o dr. Lobo d'Avila uma esperança e — sem lisonja o dizemos — uma bella esperança.

Oxalá que o meio ambiente em que vai viver d'hoje para o futuro, não consiga dar cabo d'elle. O maior louvor que, em nossa consciencia, lhe podemos prestar é consignar aqui a nossa admiração por a faculdade lhe ter aberto as suas portas. E' caso para extranhar. O novo lente tem « mocidade intellectual ». Ora as « intelligencias novas » que, para lá, entram, tem todas... 80 annos, pelo menos.

D'ahi o nosso espanto.

Ao novo professor os nossos parabens e os nossos mais vivos desejos de que a «vinagreira» o não transforme.

A cerebração feminina

Permittam, enthusiastas leitores da *Revolta*, que Lucifer, o já velho, mas sempre juvenil Lucifer, venha reoccupar hoje o seu modesto logar nas fileiras desassombradas dos luctadores que acerrimamente pugnam nesta barricada do direito e da liberdade.

E' a aproximação da primavera que, neste velho tronco endurecido pelos seculos, mas estuante de seiva todas as vezes que é galvanizado por uma ideia generosa, por um sentimento nobre ou pela urgencia duma injustiça a debelar, faz rejuvenescer e florir a fronde sobria mas virente e robusta.

Oh! a Primavera!...—eis a grande propulsôra do amor e da vida, portanto!

Ora eu, fallando, sigo o meu destino, cumpro o meu fado: contradigo. Contradigo o erro, a injustiça, o preconceito: sou o eterno espirito rebellado.

Exactamente porque este valeroso periodico se apellida *A Revolta*, eu me julgo no direito de aqui, mais propriamente que em qualquer outro, versar todos os assumptos que signifiquem e sejam rebelião contra os preconceitos.

Foi esse o plano que me definiu quando pela primeira vez a minha rigida prosa aqui foi consentida, e essa tem sido tambem a minha conducta, atravez das edades, desde que no esburacado Olympo me rebellei contra o despotismo senil do Velho Padre.

Já em numeros anteriores aqui aflorei uma questão, que, no meu conceito, sobreleva muitas outras com que a maioria dos homens se embaraça: — a questão feminista, como impropriamente é designada.

Impropriamente, digo eu, porque essa questão não é tão sómente feminista, mas puramente — humana.

Ora esta questão é preexcellente entre as mais excellentes. Ella é estrictamente solidaria com a Verdade e com a Justiça, alicerces sobre que importa que se firme a sociedade futura, se esta algum dia pretender realizar, mais ou menos completamente a utopia d'hoje.

Negue-se á mulher a capacidade intellectual e moral pela qual ella se integre na Humanidade, e a Verdade, *ipso facto*, é disfarçada e decapitada; não se lhe tolere a liberdade de integro e completo desenvolvimedto, restrinja-se-lhe o direito á instrucção, ao amor, á producção e cooperação no bem individual e commum, e ter-se-ha mantido em ferros a Justiça.

Sem a Verdade illuminando o mundo moral e a Justiça guiando a Humanidade através da vida, a civilização é uma mascara ridicula com que as sociedades atrabiliarias cobrem as ulceras pustulentas que lhes denunciam a sua propria vetustêz e corrupção.

Mas será a mulher capaz de se integrar na Humanidade?...

Não ha muito que a imprensa, essa claridade, sublime irradiação da mentalidade humana, que tanto erro tem dissipado, alavanca formidavel que propelle

---

3 Folhetim d'*A Revolta*

RAMADA CURTO

Claudio Justo

III

A linda visinha

Mezes depois da morte do official, a viuva abandonou a alegre casinha da Graça e foi viver com o pequeno Claudio para casa dos paes, — na rua do Moinho de Vento, á Patriarchal Queimada.

Era um terceiro andar com uma varanda corrida, n'um predio pintado de azul.

Estava-se no inverno.

Pelas tardes, cinzentas e tristes, Claudio ia sentar-se a um canto da janella, olhando por entre os vidros a rua, as raras pessoas que passavam de chapeus abertos, fugindo á chuva e as copas das arvores do jardim fronteiro fustigadas, torcidas pela invernia agreste. A mãe e a avó, cobertas de luto, sentavam-se em frente uma da outra e não trocavam uma palavra. Claudio olhava-as mas vendo-as mudas, immoveis, quasi sempre chorando, não se atrevia a dizer-lhes nada e sentia-se muito só, com a vaga impressão de que o tinham esquecido e que ninguem já d'oravante se importaria com elle. Então, com a ponta do seu bibe preto limpava a humidade dos vidros, encolhia-se todo no seu canto, e ficava-se, muito triste, olhando a rua que os aguaceiros varriam, puxados pelo vento.

Breve anoitecia e começavam a acender os candieiros. Os vultos da avó e da mãe, immoveis nas suas cadeiras, eram duas formas mais negras, na sombra que se adensava. De longe, chegavam-lhe aos ouvidos, prolongados e tristes, os pregões dos jornaes da noite e o som d'um sino, muito distante, batendo lentamente, espaçadamente, as horas. Sentia frio. O seu coraçãosinho de creança opprimia-se e começava a chorar baixinho, lembrando se do pae, que lhe chamava o «seu patarata» e que cantava com elle no collo.

Mas o inverno passou, chegaram os primeiros dias bonitos da primavera. A mãe e os avós já, por vezes, o beijavam e lhe sorriam.

Na janella, as plantas que tinham vindo em vasos e caixotes do quintal da Graça começavam a florir.

Uma tarde, no azul do ceu, muito ao alto, elle viu cruzar-se o vôo lento das primeiras andorinhas que voltavam e saudou-as, da varanda, com um grito alegre:

— As andorinhas!.. Mamã, vem vêr... As andorinhas!...

No predio do lado, n'uma varanda pegada, estava uma mulher nova muito loira e muito branca que o fitava e lhe sorria, enternecida com o seu enthusiasmo.

O brilho claro dos seus olhos azues demorando-se carinhosamente sobre elle fez-lhe o effeito d'um affago que o encheu de confiança.

— Olhe, olhe as andorinhas, — disse-lhe elle, indicando-lh'as com o dedito espetado, apontando ao alto.

A visinha sorriu, aproximou-se.

— Gosta das andorinhas?

O som d'aquella voz, encantou-o, atrrahiu-o.

— Gosto. Na Graça havia muitas... Gostava de apanhar uma...

— Morrem, se as prendem... tornou-lhe a visinha.

O pequeno fitou-a, callado.

Que bonita que era aquella senhora! Nunca vira ninguem com os cabellos d'aquella côr d'ouro e que lhe falasse com uma voz tão doce!

— Como se chama, o menino? perguntou-lhe ella.

— Claudio...

— E' um nome muito bonito...

N'isto a mãe chamou o de dentro, imperiosamente:

— Claudio, vem cá...

Elle voltou-se mas não foi logo, encantado com o aspecto d'aquella mulher tão bonita.

De novo a voz da mãe, insistiu:

— Anda cá...

— Adeus — fez elle, acenando á visinha que continuava a sorrir-lhe.

— Com quem estava o menino a fallar?

Elle explicou.

— E' feio estar a fallar com visinhos...

— Porquê, mamã? E' uma senhora muito linda.. Riu-se para mim. Disse que Claudio era um nome bonito...

A avó, commentou, do lado, com azedume:

— Estas mulheres são assim Qualquer pretexto lhe serve para se metterem...

— Coitada! Ha tantas como ella .. E esta é recolhida. Não dá escandalo... — conciliou a mãe.

E, de facto, não dava escandalo, a linda creatura. Vivia alli, tendo por unica companhia uma creada velha. Raro saia, logo ao anoitecer, a fazer as compras nas lojas da rua, sempre com a creada. Uma vez por outra ia a um theatro com o amante — um rapaz alto, bem vestido, typo d'inglez, que entrava todas as noites cerca das onze horas e saia de manhã muito cedo. Mas sabia-se que ella fugira ao marido que a mal tratava e vivia com aquelle rapaz e isso era o bastante para collocar mal a linda visinha, no conceito da rua.

Claudio não percebeu o que a mãe e a avó diziam uma á outra, mas ficou serio, fitando as duas, com o ar de quem reflectia.

E, logo que se encontrou só na sala, correu á varanda, para vêr novamente a visinha, com um enorme desejo que ella lhe fallasse e sem se atrever a fallar-lhe.

Ella la estava ainda e mal o viu, fez-lhe a vontade, chamou-o logo, sorrindo lhe ainda com o seu lindo sorriso.

— Venha aqui, sim?

Claudio correu. O seu pequeno coração batia apressado, com a commoção do primeiro acto prohibido... As varandas eram contiguas e apenas o separava da visinha uma grade de ferro muito baixa.

Ella affagou-lhe os cabellos com as suas mãos cumpridas e finas, cheias de anneis e perguntou lhe, baixinho, quasi ao ouvido:

— A sua mamã chamou-o para não estar aqui a fallar commigo, não foi?

— Foi... respondeu elle.

Coitada da visinha que ficou logo tão triste!.

E quando se inclinou para elle, lhe segurou a cabeça nas mãos e o beijou, os seus olhos azues, não tinham já a mesma expressão de ha pouco.

Foi talvez por isso que elle a beijou uma, duas, trez vezes como fazia á mamã quando a via chorar..

— Vae, meu amor, vae... Não digas nada...

E colhendo uma flôr, d'um vaso:

— Toma esta flôr, amiguinho...

— Adeus...

— Adeus...

N'essa noite, quando a avó como de costume o foi deitar, não reparou que elle escondia qualquer coisa na mãosita fechada.

Era a flôr da visinha. Adormeceu com ella e teve um sonho lindo. Viu-a toda a noite, com os seus olhos azues, o seu cabello d'oiro, as suas mãos compridas e finas e sentiu na face a caricia da sua bocca que cheirava bem.

(*Continua*).

tão notavelmente o genero humano na conquista do futuro, esfumador colossal que vem apagando as fronteiras que separam os povos, preparando a grande nação do futuro — a Humanidade, não ha muito, escrevia eu, a imprensa nos participou a ultima das façanhas notaveis que traduz o esforço d'um cerebro feminino no campo da sciencia. Refiro-me á já celebre M.me Curie, distincta professora da notavel Universidade da Sorbone.

Confrontemos, raros leitores que me toleram, essa mulher com os seus collegas d'esta Lusa-Athenas, que, enfatuadamente, como os pavões do tecto, se enfileiram nos cadeiraes da sala dos Capellos dita.

Se a confronto com elles, é porque elles são anti-feministas, na sua maioria, se não todos, profundamente reaccionarios.

Como é triste, ao confrontal-os, constatarmos quanto estes, na sua enfatuada improductividade, no zero do seu valor como cooperadores da sciencia, ficam na multidão anonyma dos *dilettanti* que lêem cousas, que fingem estudar cousas, sem que jamais a sciencia registe o mais pequeno avanço que a esses figurantes seja devido!...

Emquanto elles tem o desplante imbecil e ousado de affirmar, como consta que um affirmara n'um congresso catholico sem protesto dos collegas, que quanto mais aprofundam as sciencias experimentaes (sic) mais se compenetram intimamente da veracidade das larachas ecclesiasticas, aquella mulher, estudando e ensinando, surprehende no seu laboratorio a materia em condições taes, que, depressa, o monismo terá a primeira e de suas afirmações demonstrada irrefutavel e exhuberantemente á luz dos factos registados pela observação e experimentação scientificas.

A unidade da materia será o grande passo para se chegar á demonstração da unidade de substancia — á unidade de tudo o que existe.

M.me Curie está agora experimentando as desintegrações do *Polonium* que por si se transmuda no *Helium* e que se espera que venha a transubstanciar-se no *Chumbo*.

Mas prepare, muito embora, a Professora Curie essas migalhas scientificas que tendem a revolucionar toda a philosophia; empregue ella o seu *não talento*, o seu talento feminino, em resolver essas incognitas angustiantes do grande problema, que as potentes *cerebrações masculinas* dos nossos professores, modestos e seguros, prudentes como convém a homens que sabem o que são, continuárão a *crer* firmemente em que a Terra foi feita do *Nada*, o sol fabricado e acêso para alumiar durante o dia os homens tementes a Deus, e os outros astros para os alumiarem e entreterem durante a noite!!...

Valentes... cerebrações, estas cerebrações masculinas!....

E' que não ha sexos intelligentes e sexos estupidos: ha individuos intelligentes e outros que são broncos; ha eruditos e ignorantes; ha observadores criteriosos e crentes imbecis e allucinados. E, para os que á força de obstinação na rotina estupida pretendem capciosamente negar ás mulheres, que sobresáem no cultivo das artes, das letras ou sciencias, os caracteres exclusivos de feminilidade, julgo urgente lembrar que M.me Curie, tendo casado, foi esposa modelar e mãe desvelada.

Todavia, os homens que sobresáem, como propulsôres do progresso estão em enorme maioria...

E' verdade.

Veremos subsequentemente que isso prova e qual o motivo de esse facto.

Lucifer.

Cooperativa do Pão

A Conimbricense

Em cumprimento dos Estatutos e por decisão da Assembleia reunida no proximo passado dia 20, são convocados os socios desta Cooperativa para que se reunam em Assembleia Geral, no proximo dia 27 do corrente, na sala da Associação dos Artistas pelas 12 horas do dia.

Ordem: eleições dos corpos sociaes.

Se não comparecer a maioria dos socios, como exigem os Estatutos fica a sessão para o domingo immediato.

O Secretario da Assembleia Geral.

Floro Henriques

SECÇÃO LITTERARIA

Flôr d'Outomno

Esta agonia calma do outomno,
Cheia de paz e de serenidade,
Esta tristeza errante, este abandono,
Este perfume vago de saudade;

A lembrança do sol da primavera,
E dos sonhos de luz que elle creou,
Muita côr, muita flôr, muita chymera,
Que, com o sol e para o sol voou;

Esta morte suave da paysagem,
Sem sobresaltos, pacificamente,
E o longo soluçar que traz a aragem
Na nevrose doirada do poente,

Toda esta meia tinta indefinida,
Apaga, em mim, a força e a vontade,
— Como se aos poucos se extinguisse a vida
E se fosse gelando a mocidade. —

E, na minh'alma já pacificada,
Como as lagôas tristes, ao luar,
— Onde fluctua a alvura immaculada
Da branca e casta flôr do nenuphar, —

Anda uma flôr á tona, vagamente,
Immovel quasi, na dormente paz,
Do recordar nostalgico e silente
Dos sonhos que ficaram para traz...

Toda nimbada d'um luar d'opala
Com extranhas e febris crepitações
Tem, no aroma mystico que exhala,
O perfume das mortas illusões.

Extranha flôr! Triste flôr! Tu que ficaste
Solitaria, entre toda esta ruina,
Já esqueceste o passado e olvidaste
O tempo, em que eras bella e purpurina?

Não te lembras do verão? — Canções vermelhas,
Sol, riso, côr, azul dos horisontes,
Papoilas nas searas, mel de abelhas,
Vinhas verdes a rir, subindo os montes,

Pó da estrada, alegria, mocidade,
Um grande amor cantando, doidamente,
Olhos em luz, vibrantes de Verdade,
Rubros labios a rir, ingenuamente!

Tu pousaste n'um seio a palpitar,
E o teu vermelho grito de revolta,
Por um momento, veiu incendiar
A negra noite d'uma trança solta.

Sentiste beijos, pelas noites calmas
Em que o luar desflora os jasmineiros...
Viste vibrar unisonas as almas,
No estertor dos momentos derradeiros...

Braços que se enlaçavam! Voz fremente,
— Um mesmo coração em cada peito,
Um desmaiar supremo de repente...
Tendo o ceu por docel, trigo por leito.

E, era então, que um bafo perturbante
Perpassava na noite, estranhamente...
Oh carnação marmorea e palpitante!
Trillos de rouxinoes... — corpo fremente!

Extranha e gélida flôr toda mysterio,
Melancholica flôr crepuscular,
Pallida, immovel flôr de cemiterio...
Reviverás! — O sol ha de voltar!

Da morna exhalação que te illumina,
D'esse calmo luar opalescente,
Resurgirá, de novo, a luz divina,
— O teu grande explendor d'antigamente —

Até lá, vae boiando, vae boiando...
— O outomno é um grande mar, sereno e manso, —
Não tem ondulação seu dorso brando,
Dá nos a paz, a calma e o descanço...

Recordação, saüdade... — tintas d'oiro
Da paysagem já toda adormecida. —
Ha-de voltar o sol brilhante e loiro...
Resurgirás! — Ha-de voltar a Vida! —

Melancholia esparsa .. — Folhas mortas
Voando ao vento, á poeira dos caminhos,
— A primavera ha de bater ás portas,
Hão-de voltar mais uma vez os ninhos

Attende! Espera! Dorme socegada!
E, na lagôa verde em que fluctuas
Verás surgir a proxima alvorada
Vestirem-se as campinas hoje nuas!

E, então, ó flôr dormente e esmaecida,
Ao fecundo calôr d'um grande beijo,
Serás de novo a rubra flôr da Vida!
Serás de novo a dhalia do Desejo!

Valle da Pinta, outubro de 1904.

Ramada Curto.

Cartas Brancas

(Sem moral e sem politica)

VIII

Aos poderes publicos a respeito dum caso extranho.

Vejo no *Seculo* de hoje, 22 de fevereiro, que em Carrazeda d'Anciães foi ha poucos dias exonerado do seu cargo um administrador do concelho, que falleceu «somente» ha oito annos.

Esta exoneração phantastica e macabra deve surprehender muita gente, que nella verá «desleixo do Estado», «incuria dos poderes publicos», «desleixo de administração». A mim não me surprehende nada e onde os outros vêem desleixada mandria eu vejo simplesmente finura. Deixando que um individuo morto exerça durante oito annos o cargo de administrador, eu julgo que vocês, ó poderes publicos, tiveram em mira uma questão interessante: provar que um concelho é coisa tão facil de administrar que um individuo qualquer, mesmo reduzido já a um modesto e desataviado esqueleto, o pode fazer «com uma perna ás costas».

Nesta facilidade que vós fazeis entrever é que está a vossa finura, ó poderes publicos, porque se algum dia os vivos se recusarem a ser administradores e a vencer eleições, vós não hesitareis meio minuto em povoar de cadaveres os concelhos do paiz. Pois não está provado que já um concelho foi administrado durante oito annos muito correctamente por um defuncto?

O facto em questão vem modificar e alargar o codigo administrativo, tornando-se necessario um appendice em que se expliquem largamente as attribuições e os deveres dos finados funccionarios, porque, na verdade, não se pode exigir que um administrador de concelho morto ha muitos annos preste juramento nas mãos do governador civil, a não ser que este funccionario, por um grande amor á causa publica, se disponha a ir receber-lhe o juramento ao outro mundo dando estoicamente um tiro na cabeça.

Certamente já a estas horas os Orlandos, os Posadas e outros luminares do direito administrativo estão magicando theorias sobre o extranho successo, que as infelizes gerações vindouras terão de decorar e recitar quando frequentarem o seu curso de direito.

Realmente o caso é pittoresco e se não fôra o bulir com os mortos, o que lhe empresta um certo macabrismo lugubre, roçava na patusquice gaiata da «revista do anno».

Eu quero crer que vocês, ó pandegos poderes publicos, tencionem, depois de feita a experiencia de Carrazeda d'Anciães, transformar o funccionalismo num immenso jazigo de familia. Estou já a ler em futuros «Diarios do Governo» os novos e extranhos despachos: « Fulano de Tal, fallecido ha vinte annos com uma lesão cardiaca, nomeado amanuense da repartição de fazenda »; « Sicrano, morto com uma cutilada na batalha d'Aljubarrota, nomeado fiscal do sello», e assim por ahi fóra, nomeados todos os mortos para qualquer logar, desde que apresentem certidões de obito em regra e uma carta de empenho de D. Affonso Henriques, o Conquistador.

Não penseis que fico estarrecido e pasmado se lêr algures que está aberto concurso para Mestre d'Aviz, por D. João I se negar teimosamente a continuar no exercicio desse cargo; nem grande tambem será a minha admiração se um dia vir publicado um decreto exonerando o Marquez de Pombal do seu cargo de secretario de Estado....

.....

Decididamente tem razão um meu visinho, patriota desilludido, quando affirma scepticamente que isto é um «paiz morto!»

Fevereiro, 1910.

Felliciano Santos.

ANNUNCIOS

ESTAÇÃO D'INVERNO

Grande reducção de preços em todos os artigos da presente estação:

Chapeus que eram de 8$000, a 3$500 réis.

Formas de feltro que eram de 1$400, a 800 réis.

Reberines que eram de 1$500, a 600 réis.

Boas que eram de 2$000, a 1$000 réis.

Saias de feltro que eram de 3$000, a 1$500 réis.

Bordados, rendas, fitas, luvas, gravatas e espartilhos.

Sedas e mais artigos para bordar.

Sempre sortimento completo em todos os artigos de retrozeiro.

Retrozaria da Moda

R. Ferreira Borges, 61 67 — Coimbra

(Telephone 210)

AS MÃES

Quando virdes os vossos filhos com dôres de ventre, vertigens, anemicos e estes symptomas quasi sempre acompanhados de alguma tosse, receae que todos estes males sejam produzidos por vermes que vivem no intestino das creanças. As lombrigas produzem grandes perturbações e desarranjos, tornando as creanças molles, aborrecidas, sem grande vontade de brincar e com pouco appetite.

Combatei todos estes males com o *Vermifugo Faria*, o remedio que tem salvo dezenas de creanças e que toda a gente hoje conhece pelos seus maravilhosos resultados.

Ha casos de creanças expellirem mais de 100 lombrigas com este preparado, ficando depois completamente boas.

O *Vermifugo Faria* é pois um remedio que deve existir sempre á mão, em todas as casas e familia.

O *Vermifugo Faria*, encontra-se á venda em todo o paiz a 250 réis o frasquinho.

Depositos em Coimbra:

Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges.

Drogaria Villaça — Rua Ferreira Borges.

Conversação Franceza
Educação physica

E. ROCHET

Rua do Almoxarife, 29 — COIMBRA

Theatro Principe Real

Empreza Cinematographica

Espectaculos todas as noites. Sessões permanentes. A mais completa collecção de fitas d'arte e novidades cinematographicas que se exhibe em Coimbra. Numeros de variedades sensacionaes.

Preços: cadeiras, 160 réis; camarotes de frente, 800 réis; de lado e frizas, 700 réis; geral, 100 réis, incluindo o sello.

CHAPELARIA TRANSMONTANA

— DE —

Augusto d'Almeida

106 — Rua Ferreira Borges — 108

Clinica de especialidades

Rua Ferreira Borges
Arco d'Almedina, 11
COIMBRA

Prof. **Angelo da Fonseca**

Cirurgião especialista de doenças das vias urinarias, antigo monitor da clinica do Hospital Necker, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas das 2 ás 5 horas da tarde

Prof. **Sobral Cid**

Antigo assistente da clinica charcots da Sulpetriere e da clinica do Hospital Enfants-Malades, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas de doenças nervosas e geraes, das 2 ás 5 horas da tarde

Consulta especial para creanças, ás segundas, quartas e sextas, ao meio-dia

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — *José Lebre.*

Tratamento das doenças dos olhos — *Abilio Justiça.*

Electrotherapia — Medicação eletroionica

Rua Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone 254

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade, o melhor e mais barato no genero.

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **Gaveau**
Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**
Machinas de costura **Naumann**

(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo
Instrumentos musicos, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.º 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muitos chics, desde 90 réis cada metro.
Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 e 100 réis cada metro.
Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro.
Cassas, padrões recentes, a 100 réis.
Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro.
Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis.
Oxfords, para camisas, (entestados) a 130 e 140 cada metro.
Cotins dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170, 180, e 200 réis cada metro.
Armures, pretos e de côr em algodão, desde 300 réis o metro.
Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro.
Lãs, córtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis.
Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro.
Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro.
Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis.
Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumeror os seus preços.
Challes do povo!!! a 600 réis.
Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis.
Ditos com seda, a 2$500 réis.
Armures, pretos, lavrados, a 700 réis.
Matelasses, pretos, a 1$200 réis.
200 lenços de seda, tapete, que eram de 1$800, a 800 réis.
100 cachenez, com seda, 100 c., a 700 réis.
100 cachenez, matiz, 100 c., a 800 réis.
Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro.
Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis.
Ditos, muito bons, a 6$000 réis.
Lenços brancos, a 25 réis.
Peugas, ás riscas, a 40 réis.
Ditas finas, a 80 réis.
Meias pretas, fixa, a 90 réis.
Camisolas d'algodão, a 150 réis.
Ditas de côr, fortes, a 240 reis.
Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis.
Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis.
Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia.

O Proprietario,

J. M. da Silva Constantino

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — J. M. Mendes d'Abreu

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se inumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender se em caixas o verdadeiro giz para alfaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia

Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, — COIMBRA — (Telephone 112)

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

2, Rua Visconde da Luz, 6

COIMBRA

RELOJOARIA FERREIRA

DE

MANUEL NUNES FERREIRA

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — **COIMBRA**

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, 6

Empresta sobre tudo que representa valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro.
Compra e vende mobilia usada.
Encarrega-se de leilões e liquidações.
Compra objectos antigos em todos os generos.

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.

Impressos e livros escolares.

Encadernações e artigos de papelaria.

Execução rapida de encommendas.

TABACARIA CENTRAL

DE Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encommenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encararregar-se tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia.*

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio 33,

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil Africa Oriental e Occidental.

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — *Coimbra*

Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — RAMADA CURTO

Redacção e administração — PATEO DA INQUISIÇÃO

Composição e impressão — Typ. Litteraria, LARGO DA FEIRA

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso, 20 réis.**

Annuncios — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

ANNO 2.º | COIMBRA — Quinta feira, 3 de março de 1910 | N.º 36

O serviço militar obrigatorio

N'uma das ultimas sessões parlamentares o deputado republicano João de Menezes que juntamente com o seu collega Camacho tem tomado a seu cargo o tratar de pequenos assumptos pouco vistósos mas uteis, apresentou um projecto de lei, tornando o serviço militar pessoal e obrigatorio no nosso paiz. Esse projecto, como de resto todas as coisas serias e honestas que se apresentam no parlamento caiu no limbo d'onde não mais sairá e foi juntar-se, «ás coisas innoportunas» de que fallava o sr. Julio de Vilhena, que, para o caso, era apenas um ecco do que pensam todos os illustres estadistas de regimen.

E, como este problema do serviço militar obrigatorio tenha, alem d'um vasto alcance moral, uma alta significação patriotica nós, já agora, não esperamos que elle seja resolvido ou mesmo sequer tratado pela vasta colecção de *paes da patria* e ingratos filhos da *dita*, que occupam, mercê do ministerio do reino, as cadeiras da representação nacional.

Logicamente, estão, d'um lado e d'outro, tanto republicanos como monarchicos, absolutamente dentro do seu papel.

Uns teimando em fazer d'isto uma Nação, outros luctando por conseguir que isto continue a ser, uma pocilga.

Para todos aquelles que desejam que a dentro da collectividade portugueza, haja um nexo moral, superior ao baixo interesse dos estomagos, o primeiro passo a dar, será, sem duvida, procurar, por qualquer forma que seja, crear aquillo a que os tratadistas da Sciencia Politica, chamam uma *consciencia nacional*. Essa *consciencia nacional* não é, quanto a nos, uma abstracção de metaphysicos, mas antes uma realidade positiva e, como tal, ella não é mais que a somatoria de todas as consciencias individuaes, solidariesadadas entre si, com a noção nitida e precisa de que fazem parte d'um corpo social chamado Nação, como a celula faz parte d'um organismo. Ora em Portugal existe isto? De forma alguma.

D'um paiz onde a percentagem de creaturas que receberam o baptismo das primeiras letras é tristemente irrisoria, não se pode esperar logicamente que, n'um momento dado, n'elle despertem as energias necessarias e sufficientes, para affirmar, por *sacrificios conscientes*, a vontade de ser uma nacionalidade autonoma. Alem d'isso, temos mais que, quando no povo existe a noção de que esta coisa de *dar o seu sangue pela Patria* se satisfaz facilmente, por parte dos filhos da gente rica, com o pagamento de *150:000 reis*, é logico esperar que tudo se desagregue, tudo se dissolva, tudo caia n'esta *apagada e vil tristeza* signal certo de norte, nas nacionalidades em decadencia.

Isto não é pessimismo mas apenas a constatação facil de factos de que todos tem conhecimento.

E senão vejamos:

— Uma Nação affirma-se pelo grau da sua cultura intelectual e moral e pelo seu *potencial* de defeza, ou seja, pela resistencia que é susceptivel de oppôr ou que, — melhor ainda, — *sente a necessidade de oppôr*, áquelles que ameaçarem a sua existencia autonoma e livre. Quando esta noção não existe no sub-consciente dos individuos que compõem um determinado agrupamento, fixada pelo habito, inveterada pela transmissão de paes a filhos, prompta a transformar-se em energia dynamica ao primeiro appello, pode afoitamente dizer-se que esse agrupamento tem apenas uma existencia geographica, uma cathegoria de mappa, arbitraria e risivel, que não se impõe, nem na realidade merece, o respeito dos outros agrupamentos concorrentes.

Isto é, quanto a nós, uma coisa clara e em que é escusado insistir.

Em Portugal, portanto, ha a necessidade urgente e inadiavel de crear essa *consciencia nacional*, de dar a todo o cidadão portuguez a nitida noção de que é parte integrante d'um todo, do qual, no seu proprio interesse, não tem vantagem nenhuma em separar-se. Isto consegue-se pela escola e — tenhamos coragem de o dizer — pela *caserna*.

Nós sabemos quanto para o facil modernismo, para o *revolucionarismo de porta para a escada* de muita gente, esta palavra *caserna* é uma bicha de sete cabeças.

Nem a mentalidade d'essa gente merece as honras d'uma discussão, nem o superior interesse que nos anima, ao lançar no papel estas considerações, nos permitte delongas.

Por emquanto apenas frisamos isto: é necessario, é urgente, que acabe a vergonha moral das remissões militares. E' necessario, é urgente, que esta phrase *a Nação em armas*, seja mais que uma phrase, — uma realidade e que, cada cidadão portuguez desde que seja valido e capaz, qualquer que seja a sua situação pessoal, de classe e de fortuna, se sinta o irmão, o companheiro, o collega do humilde cavador dos campos, na obra commum de assegurarem a independencia da sua Patria.

MIUDEZAS...

A ama do padre Domingos a esvelta Custodia, moçoila das bandas do Turcifal, membruda e forte, com grandes olhos negros e brilhantes e uns encantos abundantes de Venus Calypigia, olhava com uma especial complacencia o Zé Candeias, sacristão em actividade de funcções.

E verdade seja que o Zé Candeias, ou fosse do vinho das galhetas ou do ripanso da sua rica vidinha sem fadigas, era tambem o que vulgarmente se chama « um pedaço d'um homem ».

Ora, n'esse dia, padre Domingos porque lhe tivesse chegado de mais no « verdasco » da ceia, amodorrára na sua larga cadeira de crina, e ressonava como um bemaventurado.

E tanto assim que nem sentiu os passos do Zé Candeias, e o cumprimento amavel que elle fez á Custodia.

— Boa noite, Custoidinha...

E o mariola, pé ante pé, foi-se aproximando, por detraz da cadeira da ama, e sempre com o olho no padre não fosse elle accordar, — começou a coxixar-lhe ao ouvido longamente, com todas as mostras d'um interesse vivo...

Certo, seriam assumptos eclesiasticos — o que é natural entre ama de padre e sacristão, mas d'elles só podia testemunhar o Carocho, um gatorro nedio e lustroso, que, de cima d'uma cadeira, fitava nos dois os seus olhos brilhantes e vivos.

Ora, deu meia noite. No corredor escuro um vulto avançava, cautelosa, contendo a respiração. De ha muito que Padre Domingos se recolhera e n'outro quarto Custodia, dormia o somno da innocencia que só é dado ás consciencias sem peccado. E o vulto avançava, murmurando:

— Segunda... A' esquerda...

Mais dois passos e empurrou uma porta, entrou n'um quarto. Lá do fundo, vinha o ruido regular d'uma respiração compassada e serena.

— De repente um grito, em sobresalto:

— Que é lá!? Quem está ahi?! Moita!

— Quem está ahi, que diabo?!

Sente-se o riscar d'um fósfóro e padre Domingos de barrete de dormir, semelhava a estatua do Assombro com a bocca escancarada, fitando o Zé Candeias que, por sua vez, perdera a falla.

— Que é isto, ó Zé?

— E' snr. prior... é que... é que...

— Desembucha!...

— E' que... E' que eu vinha saber se amanhã era dia santo?

Padre Domingos, deu um salto da cama, fulo e berrou, congestionado:

— O' grande traste, então isto aqui é folhinha?!

E Padre Domingos tinha razão em zangar-se.

Effectivamente, não eram horas para se ir perguntar semelhante coisa, a um eclesiastico respeitavel.

D. Fuas.

Factos e Commentarios

Na Encruzilhada...

Por doença do nosso estimavel collaborador artistico aparece hoje a *Revolta* sem esta costumada secção.

Ao nosso bom amigo desejamos rapida e franca convalescença, para que no proximo numero nos possa já honrar com a sua Arte brilhantissima.

Carlos Amaro

Recebemos na passada terça-feira a amavel visita deste nosso presado amigo e distintissimo advogado.

E' sempre agradavel encontrar o Carlos Amaro, mas mais é encontra-lo em Coimbra onde com ele sempre mantivemos a mais estreita camaradagem, neste meio onde ele foi uma figura tipica e inapreciavel.

Que saudades nós tivémos das suas *blagues* e da sua *vérve!*

Ao nosso amigo d'aqui enviamos um apertado abraço.

Antropótagos...

Consta p'rá'hi que ha uns meninos que resolveram comer dedos aos parceiros. E já começáram.

Sempre lhes diremos que é fraco manjar.

Ainda se fosse algum do Dr. Guilherme Moreira! Que aquilo não sám dedos, sám... baquetas.

Uma tempestade... que se acalma

Afinal a tremenda sarrafusca que se annunciou como eminente entre professores da Universidade, parece que ficou em nada. Antes assim. Succede quási sempre isto quando os adversarios são *rijos*. E' pela mesma razão que existe o equilibrio europeu — *por causa das moscas*.

Democracia cathedratica

Muito bem, muitissimo bem! O Joyce, afinal de contas, consegue com o Orpheon, democratisar a cathedra e aproximar os srs. drs. dos academicos. A musica é uma grande força!

A Tuna tem por presidente honorario o sr. dr. Sobral Cid — um *barra* em viola franceza e flautim, e agora o sr. dr. Alberto dos Reis, entrou para o Orpheon e acaba de ser aplaudidissimo em Vizeu, na Stabat Mater, de Rossini.

Ora isto até regala um homem e é bem certo que as Musas não fazem mal aos doutores.

Estamos agora a pensar como era aproveitavel a voz do sr. Conde de Felgueiras!

Uma desculpa

A' Camara Municipal as nossas desculpas. Fomos injustos com ella, responsabilisando-a pela esterqueira das obras, nos canos da rua Ferreira Borges. Com a maior lealdade e com prazer registamos que aquillo não é nada com a Camara, mas com a repartição d'Obras Publicas. A ella pois a responsabilidade do estrume, para sua honra e regalo.

Bombarden

Consta-nos que até hoje, o homem não sabe ainda quem é o «governo constituido».

Aulas praticas

A Faculdade de Direito resolveu iniciar aulas praticas de Processo, para o 4.º e 5.º anno, com frequencia voluntaria.

Isto é muito bem entendido, muito justo e muito util. A quem quer que foi o da ideia, sempre lhe diremos que ella é luminosa — e só lhe falta o ser «concisa» para ser como a phrase do Waldeck. Ha muito já que isto se devia ter feito e estamos certos que os alumnos da Faculdade saberão corresponder, á iniciativa louvavel dos seus professores.

E se o não fizerem ficam muito mal colocados e sem auctoridade moral nenhuma para berrar contra as deficiencias do ensino.

Guilherme Braga

Morreu ha dias em Lisboa este nosso amigo, irmão do Dr. Alexandre Braga.

A noticia da sua morte repentina veio ferir-nos brutalmente, com a dôr enorme que se sente quando se vê despparecer um bom amigo como era Guilherme Braga.

Quem escreve esta noticia conheceu-o intimamente, no convivio de todos os dias durante muitos annos, e poude bem aqueciar o que valia esse rapaz, como eram bellas as suas qualidades de caracter.

Na sua accidentada vida de bohemio, atravez de todas as contrariedades que lhe surgiam, ás vezes bem grandes, mesmo nos momentos em que as suas irritações de nervoso em extremo facilmente o desculpariam, Guilherme Braga era sempre o amigo leal e bom, d'uma correcção inexcedivel e d'uma honestidade a toda a prova.

Nunca esquecemos a alegria quasi infantil com que elle nos participou ter finalmente obtido uma collocação, começando a sua vida de trabalho, vivendo á sua custa, ambição que de ha muito tinha e que varias difficuldades tinham impedido que se realizasse.

Muitos o censuravam pela sua vida desregrada, unico defeito que tinha e contra que não poude reagir.

Mas essa vida só a elle proprio fez mal.

E saibam esses moralistas baratos que em toda a sua vida não havia a mais pequena mancha, havia, pelo contrario, actos do maior valor moral que só eram sabidos dos que de perto o conheciam e o acompanhavam.

Esta é a verdade e só a verdade dizemos, apesar da grande amizade que nos ligava a Guilherme Braga.

Ao Dr. Alexandre Braga enviamos a expressão da nossa dôr, da dôr de alguem que era muito amigo do pobre Guilherme.

O clero português

Até ha pouco a opinião geral do partido republicano, que sempre foi de ataque intransigente ás congregações religiosas, estendia sobre o clero nacional um bafejo d'afagos e carinhos que não era facil rompêr.

Havia, parece, quem contasse com a rusticidade ingenita do nosso padre aldeão, pouco propenso a beatices, para opôr um dique á mão-cheia de frades e fradinhos com que Roma, batida na França e pouco segura na Alemanha pretende escravisar os povos da peninsula.

Esta opinião viamo'-la nós com tristeza, habituados como estamos desde ha muito a considerar o padre como um elemento perigoso, quaisquer que sejam as suas tendencias, seja qual fôr a sua orientação. Efetivamente pouco nos importa o figurino por que visto o abade português — no fundo, no suporte de qualquer béca lá estará sempre o padre, erro vivo de principios e de doutrina, desejando, quando não a supermacia, pelo menos a independencia da sua classe.

O clero português!

Parece-nos axiomatico que será sempre este elemento das modernas sociedades — o clero — o unico talvez que não pode, nem jamais transigirá com a formação das democracias.

Como classe tem já hoje o espirito de casta que o poderio inegavel de muitos seculos criou e manteve, e nunca se sujeitará contente e satisfeito a perder largas prerogativas e a vir nivelar se na massa democratica dos cidadãos. «Mas», dirá um correligionario nosso de corôa aberta ao alto da cabeça, isso não seria mais que a volta aos principios de que a Igreja se arredou, mas que nem por isso deixam de ser a base unica e seria duma ortodoxia salutar.»

Este correligionario evidentemente conhece pouco o espirito informador das instituições a que uma larga vida obrigou a profundas e serias modificações estruturais. Regressar á primitiva, para eles equivale a fazer taboa raza de toda a evolução e por isso inadaptarem-se e morrerem.

O clero português, uma força da democracia!

Ainda bem que todos esses desejos se vam perdendo, batidos pelo vento da descrença que os padres sam os primeiros a fazer levantar.

Roma já teve o cuidado de passar palavra ás suas hostes.

No dia em que os novos tenham de vir á mão com os velhos principios não haverá deleções — a egreja lá estará no campo, para fortalecer a monarquia e *in extremis* dar-lhe o viatico.

Depois sacudirá as sandalias, e respirarám todos os portuguêses.

CONVERSANDO

Palestra com os amigos anarquistas

Não queiram vêr, vocês, nas linhas que vám lêr, se a isso se decidirem, uma reprimenda ou um conselho, coisas ambas que por principios assentes e por feitio proprio estám longe de passar-me pela mente.

Não, meus amigos.

Vejam, se quizerem, uma critica amarga, cinica talvez, mas critica feita naquelle pé d'egualdade, que deve presidir a todos os atos da vida, por maior superioridade que cada um em si reconheça e por maior desdem que no intimo professe pelo *resto*.

E' claro que me dirijo apenas aos anarquistas de Portugal e sobretudo e em especialidade aos desta burguesissima terra de Coimbra. Sam estes, é bem de vêr, que me fornecem a materia prima, em pessoas e em teorias, para uns leves piparotes sem maldade e sem reservados intuitos.

Os anarquistas de Coimbra!

Formam bem um *tipo*. Tipo curioso e sobre o qual ainda se não fez um estudo, um simplicissimo estudo analitico que não deixaria de sêr interressante e cheio de maravilhosas revelações. Mas... Não serei eu que o faça e o condense nalgumas linhas, como num registo dum posto antropometrico, nitidas e claras.

Mais que fazêr.

Quantos vaidadesinhas tôlas, quantos melindres pessoais, quanta falta de força moral para arrostar com uma *blague* de café e para firmar um caráter, não têem sido as determinantes unicas que num dado momento atiráram para esse *mais alem*, tám sedutor, alguns apoucados espiritos que á certa nunca para la iriam *por si*, na insuficiencia manifesta de bagajem e força propria!

Para lá tem ido tudo, como para um refugio, e o notavel é que os poucos jenerosos e convitos, na ansia de espansão e proselitismo, a todos recebem como a bons camaradas não vendo que amanhã os envergonharám com a sua ignorancia verbosa, firme como rocha, e em cujos destroços pouco ou nada se poderá construir.

Sim, amigos meus, que ha insuficiencias que se roçam por todos nós e que nenhum de nós ainda teve a corajem de sacudir e varrêr.

Alguem alvitrará que nos partidos politicos o mesmo sucede, «que por lá ha cada um, e todos os aceitam»!

Lembrem-se os meus amigos que quem atravessou, quem varou de lado a lado os preconceitos, não ficou com o direito de deles utilisar um unico, um só. Bem lhes emporta os partidos, o que *eles* fazem e como procedem. O anarquista — upa, fia mais fino!

Depois se é verdade que as utopias d'hoje sám os principios d'amanhã, elas nunca o serám, se virgens ariscas, não conservarem os encantos misteriosos da sua pureza, heroicamente, *malgré tout*, *bravant tout*. Desta atitude, que tem alem disso o seu quê d'elegancia, arrancaram sempre, dês que o mundo é mundo, por secreto instinto talvez, as religiões a sua força espansiva através das gentes e dos tempos, os heroes e os semideuses a momentanea atração com que se impuséram e venceram.

E' esta a rijidez inflexivel dos principios, sedutora em toda a sua simplicidade e que aqueles que *edificam para o futuro* não podem jamais pôr da parte, sem que d'animo leve se suicidem, ou, o que é bem peór, estupidamente se deixem matar.

E' claro que este *edificar para o futuro*, lembra muito os dogmas religiosos do desprendimento da terra — vale de lagrimas — e a vida eterna *mais para alem*, com porta para o tumulo. Evidentemente não deve sêr bem assim.

Mas que fazêr? Escorraçar autoritoriamente aquele que em verdade nada sabe ou tem mesmo impossibilidade de alguma coisa vir a sabêr? A resolução do problema pouco me interessa, solitario como sou, unico como me quéro. O meu selecionismo estravagante, aristocratico como alguem o usa chamar, não me deixa interessadamente entrar na questão.

Aponto um mal, sem tentar cura-lo; se me não interessa!

O facto é que este estado de coisas não pode continuar para honra das criaturas inteligentes e bem intencionadas. As fações avançadas não podem constituir-se com *ratés* de nascença, criaturas deformadas, lixo de partidos que representam uma evolução atrazada, cheia de fixidez, por mal nosso, morosa e sorna na adaptação progressiva.

Ai de nós se assim fosse, se essa guarda avançada em vez de indomavel e superiormente rebelde, viesse a sêr o rebutalho, a vasa, os destritos duma sociedade indiscutivelmente inferior e pífia!

Era necessario dizêr-se isto deassombradamente.

Mal, porem, é que seja eu, desinteressado e suspeito, que o faça, sobre tudo no momento em que os raros que *por si* aí existam, ou de todo se afastaram enojados e vencidos ou vencidos e já satisfeitos se deixam ir com a maioría, mostrando assim que as suas qualidades eram aparencias tacanhas, miopes e impessoaes como agora se patenteiam.

Muito fica para dizer-se e com paciencia lá irei na intenção um pouco d'annunziana de dizêr coisas pelo prazêr de as dizer — sem utilidade.

Raio de camaradas! Até me fazem descobrir uma opinião literaria, que eu tinha muito secreta, sobretudo desde que a Mimi fez, para os *literatos*, é bem de ver, *adoravel*... o D'Annunzio.

Mil raios!

Mas, os *outros*, *os bons*:

Não lhes deem importancia

P. J.

A cerebração feminina

II

Na verdade aos homens pertence a maioria dos cultôres das sciencias e dos que, por qualquer manifestação de energia ostensiva, concorrem para o progresso social.

Em energia ostensiva falei eu para deixar as cousas nos seus devidos logares. Ver-se-á que a palavra não foi intromettida por méro luxo lexicographico, cousa que sempre evito.

Dessa minoria, porém, não se conclue differente potencial energetico na mulher, mas, simplesmente, differentes condições mesologicas que a têm inhibido de manifestar quanto pode como cooperador no progresso humano.

Notar importa, desde já, que, referindo-me a condições mesologicas, não circunscrevo estas a um pequeno periodo de tempo, mas considero a mulher como sexo-individuo assim como por individuo tomo a successão das idades, desde que a especie humana se dilferenciou entre a restante animalidade.

Se assim não considerasse, teria que classificar aquellas condições em phisiologicas iniciaes em cada momento que se considerasse uma mulher e em mesologicas, ou aquellas que sobre ella incidiriam durante a sua vida individual em virtude do ambiente concomitante

Equivalem-se as nomenclaturas, pois que, em cada momento, o individuo é o resultante da reacção do que elle é com o meio actual em que o mesmo tem de existir e vencer. O individuo duma serie hereditaria é a resultante das condições mesologicas da sua serie até elle proprio.

Equivalendo-se assim as classificações, usarei duma ou outra indistinctamente, sem que d'ahi, uma vez definido o meu conceito, resulte ambiguidade ou contradicção.

Vejamos a mulher, e appliquemos-lhe a theoria.

Por um processo, aliaz positivo e, portanto, scientificamente rigorôso, nós podemo explicar a razão da minoria dos individuos do seu sexo na constituição da pleiade d'astros que com o fulgôr do seu genio tem iluminado a Humanidade na sua ascenção para a Verdade.

Em virtude de factos, que para outra vês tentarei analysar, o homem poude arrogar-se o exclusivismo da fôrça phisica, cousa que lhe não foi difficil porque era e sempre foi mais brutal: porque não teve desde os tempos da pura animalidade a grande escola da affectividade.

A affectividade appareceu sôbre a terra produzida na grande escola em que se desenvolveu a femea do homem, dedicando entranhado affecto aos filhos que gerava, parturia e amamentava; dando-lhes o proprio sangue durante alguns mezes; expondo-os á luz com riscos da propria vida; alimentando-lhes o corpo com o seu leite e a alma com as ternuras do seu coração.

Assim, deveram ter-se formado esses generosos sentimentos — a afeição, a amizade, o amôr, não o amôr vulgar do macho, que nada mais é, em geral, do que concupiscencia e egoismo, mas esse sentimento de sacrificio e abnegação, ingenuo e audaz, delicado mas forte que, sem receio de errar, afirmo ser o apanagio da mulher.

Feitas as partilhas, ao homem coube a rude brutalidade que da animalidade lhe provinha, e á mulher a delicadeza do sentimento, a modestia sincéra do valôr com que tinha vindo acrisolando-se desde a primeira femea que teve conhecimento e consciencia de que os seus filhos eram seus.

Differentemente dotados, differentemente se haviam de comportar na vida através das gerações.

E assim tem sido.

O homem, cru, rude e egoista fez da força phisica a sua alavanca e tratou de subjugar todos os que não tinham musculos para lhe oppôr, ou que, tendo-os, pela delicadeza da propria alma, não quizeram usal-os contra a féra que embravecida nada respeitava.

A mulher, porque tinha desenvolvido e lapidado a propria alma no cultivo do sentimento, porque idolatrava o homem, pae dos seus filhos cujo amor a deslumbrava, porque, altruista, julgava que não a si sómente se devia mas á prole que graves riscos correria sem o seu amparo e auxilio, deixou de confiar-se á lucta brutal e preferiu deixar-se dominar pelo macho a tentar os acasos da lucta violenta, onde poderia perder-se, perdendo-se com ella a vida dos proprios filhos.

Assim veiu a mulher adaptando-se á subjeição; e por este processo o homem veiu julgando-se o mais bem dotado, o melhor, o senhor.

Estabelecida uma differenciação, todas as demais d'ahi fluiriam naturalmente, concatenados como são os factos biologicos, phisiologicos, portanto, e sociaes.

No decorrer das edades, o homem veiu negando á mulher a intromettencia em todas as funcções sociaes, sem que todavia dissesse, ou pensasse, sequer, que o fazia em virtude de inferioridade mental da sua companheira. Farto de luctar na rua onde nem sempre a victoria coroava os seus intentos de dominio, elle carecia de ter em casa alguem bem passivo, sem vontade nem intelligencia, nem saber, onde exercesse a propria tyrania.

Ainda hoje ha individuos que carecem de ter um cão, de que se fazem acompanhar, para d'elle fazerem o manequim dos seus caprichos, por falta de alguem que, com a mesma facilidade, lh'os não tolere.

A mulher tem sido, durante seculos, o cão do homem, cão de estima, ás vezes, é certo, mas sempre o seu cão.

Lucifer.

TRIDUOS ESPIRITUAES...

(CONTINUADO)

Penetremos n'essa sala, aonde parece, que, as ultimas vibrações dos salmos estertorosos, os halitos das creanças e a pouca luz diffusa se combinaram, n'uma atmosphera lugubre, como que feita de pequeninas almas, subtis e vaporosas, alli errando, depois de se terem evolado d'um enorme tanque de lagrimas piedosas...

Assiste, lá, toda uma «divisão».

Na crise nervosa em que estam, todas essas creanças se embriagam com o jesuita, n'uma especie de masochismo espiritual, que as leva a concentrar no assumpto da «predica», a beber-lhe as palavras, a franquear-lhe o que ainda de são possuem, recebendo, em troca, a baba venenosa, toda a peçonha do monstro, que lhes cairá nas almas, como o caustico cae nas carnes já sangrentas e doridas por causticos successivos!

— «Imaginae uma montanha enorme, «uma immensa mole de ferro, que direi «eu?... um collôsso, de aço... maior «que todas as montanhas da terra sobre«pondo-se»

«Dae a uma atmosphera secca, o «enfraquecido, mas persistente poder, «para gastar todo o aço do que é feita a «montanha, desde a sua peripheria ás «camadas mais intensas...

«Meditae n'esse lento trabalho n'esse «morosissimo trabalho de destruição e «tereis, embora muito imperfeitamente, «a visão do tempo: uma lentidão de bi«liões de trilliões de milhares de secu«los! Meditae...»

Ante a pausa, para a meditação, que o jesuita, como bom psychologo, mandou fazer, a attenção geral surprehendeu-se e dentro de cada um estabeleceu-se um quasi identico processus ideologico: o começo d'uma inducção, para a qual, e no intuito de que ella se possa fazer, até aonde lhe interessa, elle expõe

---

4 Folhetim d'*A Revolta*

RAMADA CURTO

Claudio Justo

IV

A vocação e o collegio

N'esse anno Claudio deu entrada no collegio.

Era necessario olhar pelo futuro e a familia resolvera que elle seria um «homem de posição, um homem formado». Aqui as opiniões variavam.

D. Joaquina, a avó materna, todo o seu sonho era ver no pequeno um futuro medico.

—Porque —dizia,—é a posição mais livre e em toda a parte se ganha dinheiro.

D'outro lado a avó opinava pela vida militar.

— Os outros cursos eram longos e difficeis e ao fim só offereciam como resultado um futuro incerto em que tudo dependia do acàso, da sorte. A vida militar era mais segura e mais rapida. Logo de principio se começava a ganhar, ainda na Escola e ao fim o soldo era uma garantia, uma coisa paga pelo Estado, que apenas havia o trabalho de receber todos os mezes.

Só a mãe se callava. Ella tambem tinha a sua aspiração, mas não se atrevia a confessa-la. Queria que Claudio fosse official de marinha. Sempre a seduzira aquella vida para um rapaz e via-o já com a sua farda d'aspirante, a ancora no *bonnet* e a «bicha» dourada em torno do braço.

Claudio, esse, queria ser padre. Viera-lhe aquella ideia, d'uma vez que fôra com a avó á egreja dos Martyres, assistir ao Septenario das Dôres.

A sua imaginação saira da egreja fortemente impressionada. Durante a ceremonia não despregára os olhos do altar, constellado de luzes e coberto de flores.

Uma Nossa Senhora vestida d'azul, o peito atravessado por sete espadas que brilhavam, enchera-lhe os olhos de lagrimas, com a expressão angustiada do seu rosto de martyr. Quando em cima no côro começou o orgão a tocar e a voz d'um cantor lançou pela nave, as primeiras notas dololorosas do *Stabat-Mater*, agarrou-se nervosamente aos braços da avó, com a respiração oppressa, todo n'uma tremura. O incenso subia dos turibulos e no meio d'aquella nuvem perfumada que amortecia o brilho das velas. Claudio, pareceu-lhe vêr brancuras d'azas de cherubins, cabelleiras loiras d'anjos, como os que estavam pintados n'um quadro que a avó tinha no oratorio. D'ahi por diante todas as noites, ao deitar, rezava os Padres-Nossos e as Ave-Marias que ella, lhe ensinava, em camisa de dormir de joelhos sobre a cama, diante d'uma imagem da Virgem de Lourdes pendurada á cabeceira.

Pelo Santo Antonio tinham-lhe comprado um throno muito grande, com todos os ornamentos, os tocheiros, os palmitos, uma grande «custodia» de chumbo dourada. Uma criada recortára-lhe em jornaes e papeis de côr umas vestes sacerdotaes de phantasia. A' noitinha tinham accendido todas as luzes do throno e a avó, a mãe, o avô condescenderam em vir assistir á cerimonia. Muito grave, com os seus paramentos de papel, elle imitava a voz dos padres entoando a ladainha. A criada, de joelhos no chão ao lado d'elle respondia os «Amens» como um acolyto, entoava alto em côro o «Ora pro nobis», entre gargalhadas, repetindo de vez em quando:

— Crédo, menino, que ate é peccado...

E elle compenetrado, ajoelhava, beijava a toalha branca que cobria a mesa, respirando com prazer o cheiro da cera derretida que lhe lembrava a egreja.

Foi mezes depois que elle dera entrada no collegio. A primeira vez custára-lhe muito a ir, quasi que choráva. Mas por fim habituara-se. Todas as manhãs, — ao lado d'um creado, o Cypriano, um velho muito alto, sempre com um grande gabão que o fazia mais alto e mais magro, elle saia de casa para só voltar á tarde, á hora de jantar.

O collegio era á Praça das Flôres, n'um segundo andar d'um predio que fazia esquina para uma rua estreita e mal frequentada.

Chamava-se, pomposamente, «Lyceu Encyclopedico» e tinha a designação de servir a «ambos os sexos» n'uma grande taboleta pendurada á janella. Dentro na sala d'entrada, lia-se n'um quadro, visivel da porta!

— «Estão prohibidos expressamente os castigos physicos n'este estabelecimento.»

Mas não era raro ouvir-se, tambem logo da porta, um chôro aflito de creança e lobrigar-se o prefeito, um homenzarrão barbudo e collossal, saindo, com uma palmatoria na mão, da sala d'onde partia o chôro.

A porta ao abrir-se fazia tocar uma campainha e o prefeito apparecia logo:

— És tu, mariola... Já são nove e meia e a entrada é ás nove. . Lá em casa não ha relogio, hein?

Claudio, encolhido, ia entrando, sem responder. O prefeito recebia das mãos do creado o cesto de verga com o *lunch* e desabafava:

— Ah! snr. Cypriano, não ha vida peior que aturar rapazes...

O Cypriano concordava e o outro insistia, feroz:

— E' a profissão mais ingrata e mais mal paga...

E, um momento, no patamar da escada, o temivel homem dizia as suas queixas. Os rapazes eram indisciplinados, não se fazia nada d'elles, pela brandura. Era preciso muita paciencia e elle — confessava — já a não tinha. Só quem se tivesse dedicado ao ensino é que podia avaliar.

E cada vez era peior, especialmente, com os externos.

As familias não lhe sabiam dar educação, estragavam em casa, o que elle fazia no collegio. Era tudo *miminhos*, *vontadinhas* aos rapazes de fórma que elles tornavam-se incorrigiveis.

— Não sabem pedagogia, sr. Cypriano, é o que é!

O Cypriano concordava «que isto andava tudo mal, e que a culpa era dos homens do governo».

— Isso é uma canalha! — affirmava, convicto, o prefeito. E queixava-se de que os governantes ajudavam a indisciplinar a infancia. Ainda havia pouco tempo um amigo seu, professor official n'uma escola da Camara, fôra desauctorisado pelo inspector escolar.

— Por causa d'uns «bôlos» sr. Cypriano, veja lá!...

Meia duzia em cada mão que não faz mal a ninguem... Pois, demitiram-n'o!

E despedia-se, fechava a porta, irado com tamanha iniquidade.

(*Continua*).

a ideia primitiva já com novas imagens... que seram outros incentivos, a novos esforços de concepção.

«... pois, meus filhos, todos esses «numerosissimos grãos d'areia, de que «vos vim fallando e que possam existir, «representando cada um billiões de se«culos, no seu conjuncto, marcarão ape«nas um momento se os referir-mos á «Eternidade: essa lentidão constante, «em que vos peço para meditar.»

Como se não bastasse, para matar a intelligencia, toda a acção, que desde que a creança lhe caiu na garra, sobre ella vem desenvolvendo, agora, desafiando-a a lançar-se n'essa enorme abstracção, emprega um ultimo remedio: leva-a ao «surmenage», depois do que, elle não precisará de se cançar muito para a dominar até a morte.

Effectivamente, se entrarmos no espirito d'uma d'essas creanças que o escutam, nos entraremos n'um barathro. Ao principio, deixaram-se arrastar e fizeram processos de comparação, mas, apenas a logica do raciocinio foi importante, logo que as suas intelligencias tentaram passar do finito, turvaram-se as faculdades, e ellas, as creanças deixaram de o ser, para ficarem, simples coisas impressionaveis.

O que ha n'ellas, a partir d'esse momento?!

Há a massa de construcção do imperio amuralhado dos Loyolas, cujo espirito intelligente, nem sei se existe... porque estou convencido que esse jesuita que transforma as creanças é como o palhaço que as deforma: transformado, deformado antes d'ellas o haverem sido.

Mas seja certo, ou falhe embora este meu modo de pensar, o que sem duvida há, em todas essas creanças, é uma disposição suggestionando-as até confundi-las, uma ancia de intuïção para coisas onde não podem chegar, a que nem mesmo quando homens poderão chegar.

(*Continua*).

Livraria Moderna de Lopes e C.ª successor.

R. da Almeda, 119 a 123, Porto.

(Conferencias pelo professor Julio de Mattos na Escola Medica do Porto).

A apparecer brevemente o 1.º volume.

Eis o summario:

Evolução historica do conceito da loucura atravez dos tempos. — Etiologia das doenças mentaes e nervosas. — Causas endogenicas e exogenicas. — A hereditariedade. — A arvore genealogica de D. Rosa Calmon. — Traumatismos e infecções. — O que a psiquiatria espera da quimica organica. — A idiotia e a imbecilidade. — Uma incursão pela psicologia. — As noções de sujeito e objecto, e o mecanismo da sua formação. — O *eu* e o *não eu*. — A consciencia. — Espirito e materia são a mesma cousa. — Condições que suspendem a consciencia; condições da variabilidade e extenção. — Automatismo psiquico. — Condições geneticas da consciencia. — A synthese como caracter fundamental da consciencia. — A unidade do *eu*. — A personalidade pela convergencia da cinestesia e da memoria. — Dissociação psiquica. — O systema nervoso. — Atividade superior e inferior. — A inibição. — O ato reflexo. — Psiquismo superior e psiquismo inferior. — Existirão neuronés especiaes presidindo aos diversos psiquismos? — Opiniões opostas. — O schema de Grasset. — Os centros psiquicos superiores. — Alucinações e ilusões. — Ilusões fisiologicas. — Alucinações visceraes, unilateraes e desdobradas. — Alucinações hypnagogicas. — Condições favoraveis á producção das alucinações. — As imagens. — O valor das imagens na ideação. — O sentido muscular. — A afasia motora, a agraphia e a surdez cerebral. — Como se constitue uma percepção. — Sensação bruta e diferenciada. O que separa as sensações das imagens. — A teoria cortical do Tamburini e as suas modificações. — Sensações e imagens não se localisam no mesmo centro: ha centros sensoriaes e centros imageticos. — O lado positivo e o lado negativo das alucinações. Os dez grupos de delirios e a sua reducção a cinco. — Caracteristicas das ideas delirantes e das obsessões. — O conferente está com os psiquiatras que consideram a obsessão um delirio abortado e o delirio um obsessão que seguiu caminho. — Uma mulher atacada da fobia dos contactos, em seguida a uma infecção puerperal e enfraquecimento organico. — Delirante ou obsecada? — Pan-fobias. — Tods as obsessões têm um fundo emotivo.

SECÇÃO LITTERARIA

JUVENTUDE

(Peça em 3 actos)

ACTO I — SCENA X

(Vista de campo banhada de lua. Um alpendre de casa portugueza, envolto de flôres, em trepadeiras, que sobem pelas paredes e se enroscam aos varões de ferro. Maria, uma fórma branca na brancura do luar, escuta as palavras de Silvio que lhe aperta as mãos emquanto o luar sóbe).

Silvio

Deixa-me fitar bem no teu o meu olhar.
Deixa-me segurar as tuas mãos nas minhas.
E' noite. Vem subindo a benção do luar...
No beiral da tua casa aninham andorinhas.

Não falles meu amor! Tu não podes dizer
Mais do que diz a flôr e o ninho d'uma ave
Não falles meu amor! deixa-te adormecer...
Escuta da noite só o murmurar suave

O perfume subtil que evolam as roseiras
Sobe vago, no ar, até junto de ti
Ouve cantar, além, os melros nas balseiras...
Como elles cantam bem! Nunca assim os ouvi...

Responde um rouxinol nos salgueiraes do rio
Vae-se esvaindo o canto, ao longe, pelo campo...

(*extatico, ouvindo*)

Que bello!... Escuta bem... Parece um desafio!
— Poisou no teu cabello agora um pyrilampo. . —

(*olhando-a num murmurio, quasi*)

Vejo no teu olhar, um brilho extranho, amor...
Parece-me o luar o reflectir-se n'agua,

(*Maria desvia os olhos*)

São lagrimas! que tens? soffres alguma dôr?
Tu choras? E porquê? Conta-me a tua magua!...

Maria

Silvio, não sei que é. Parece uma saudade...
Não sei dizer melhor, mas tu, já m'entendeste

Silvio

Entendi tudo já, na doce suavidade
Na vibração de voz, com que tu o disseste

Uma saudade sim! A doce commoção
Que te faz estremecer e que eu adoro tanto
Um certo não sei quê, vindo do coração
E quando aos olhos vem é transformado em pranto

Maria

E' isso!... tens razão... E' talvez do luar,
Do perfume das flôres, das aves a cantar
Choro não sei porquê... Não sei que sinto em mim...
Mas se é tão bom chorar, tão bom chorar assim...

Silvio

Deixa caír nas petalas das rosas
Que sobem enroscando se á janella
O' minha linda amada!
Essas bemditas lagrimas saudosas
Que hão-de brilhar depois como uma estrella
A' luz da madrugada

Caem dos ceus as lagrimas do orvalho
Do ceu do teu olhar, caia, singella
A lagrima d'amor,
— Quando amanhã passar para o trabalho
O cavador, há-de parar a vê-la
No calix d'uma flôr.

E quando a vir, ao sol, a scintillar,
Elle dirá, num grito, deslumbrado:
« Meu Deus que maravilha!
Não ha mais luz da Virgem no olhar
No seu tão puro olhar immaculado,
No seu olhar que brilha!... —

Maria

Como tu fallas bem! o que sabes dizer!
Fazes-me suspirar, sorrir, mudar de côr...

Silvio

E' que no que eu te digo e te faz estremecer,
Vibra intensa e febril, a voz do nosso amor
Tudo o que falla em mim, canta na minha voz,
E tudo que nos cerca emquanto estamos sós,
Não sou eu, não sou eu, mas é o nosso amor,
Vive fóra de nós num canto, numa flôr,
Neste lindo luar que t'illumina toda,
Que te nimba de luz, que banha tudo em róda!...
Festa da primavera a cantar nos caminhos,...
Vestindo o campo além de plantas e de ninhos...
Uma força sem par agita a Natureza!
Olha tudo em redor!... A suave belleza,
Dos campos, dos trigaes, vinhedos e pomares,
O perfume que sobe embalsamando os ares
Dos atalhos em flôr, das sebes, dos vallados
Tudo falla d'amor, — de modos variados... —
O thema o mesmo é .. Esse carvalho antigo,
Que sem um ar bondoso, um ar de velho amigo,
Em frente á tua casa e que te viu brincar,
Com mil annos ou mais, quando vinhas saltar,
Em pequenita, á tarde, á sua sombra calma
Tambem ama, vê lá, porque tambem tem alma!
Mas, como já não pode, emfim, fallar d'amores,
Como um velho D. João, reveste-se de flores!...

Lisboa, 1904.

Ramada Curto.

HORARIO DOS COMBOIOS

Desde 5 de novembro de 1909

Partidas da estação de Coimbra A

MANHÃ

2,45 *Correio* — Pampilhosa, Porto, Beira Alta até Guarda e ramal da Figueira.
4,40 *Recoveiro* — Porto. (Serviço de passageiros para ali e Luso.)
5,25 *Mixto* — Miranda do Corvo e Lou.
6,42 *Tramway* — Alfarellos e Fig.
8,45 *Mixto* — Pamp., Porto B. Alta, Villar Formoso, ramal da Fig. e Hespanha.
10,10 *Mixto* — Alfar., Entroncamento, Lisb., Beira Baixa, Leste e Fig.
10,49 *Rapido* — Entronc., Lisb., B. Baixa Leste e Fig.
11,25 *Omnibus* — Miranda e Lousã.

TARDE

12,55 *Rap.-Luxo* — Pamp., Porto B. Alta e Paris.
1,40 *Tramway* — Alfar. e Fig.
3,16 *Omnibus* — Pamp., ramal da Fig. e Porto.
3.54 *Omnibus* — Miranda e Lousã.
4,10 *Tramway* — Alfar. e Fig.
6,38 *Expresso* — Alf., Entronc., Lisb., B. Baixa, Leste Torres Vedras.
7,5 *Sud Luxo* — Alfar., Lisb., Entronc. B. Baixa, Leste e Fig.

NOITE

8,10 *Omnibus* — Pamp. Porto e B. Alta até Mangualde.
8,48 *Rapido* — Pamp. Porto e B. Alta até Mangualde.
12,47 *Correio* Alfar., Entronc. e Oeste.

Chegadas á estação de Coimbra A

MANHÃ

3,32 *Correio* — Lisb. Entronc., B. Baixa, Leste e linha de Torres,
5,15 *Recoveiro* — Lisb., (Serviço de passageiros.)
7,40 *Tramway* — Alf. e Fig. (Só nos dias 23 de cada mez)
8,39 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
9,15 *Tramway* — Fig., Alfar. e Oeste.
10,39 *Omnibus* — Pamp. Porto, B. Alta e Vizeu.
11,15 *Rapido* — Porto e Pamp.

TARDE

12,47 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,22 *Rapido* — Lisboa e Entronc.
2,10 *Tramway* — Porto e Pamp.
3.8 *Omnibus* — Miranda e Louzã.
3.49 *Omnibus* — Lisb., Entronc. e linha de Torres.
6,57 *Omnibus* — Porto Pamp. e B. Alta,
6,33 *Omnibus* — Louzã e Miranda.
7,25 *Sud-Exp.* — Porto, Pamp. B. Alta e Paris.

NOITE

8,38 *Omnibus* — Lisb., Entronc., B. Baixa e Fig.
9,12 *Rapido* — Lisb., Entronc. e Fig.
11,24 *Tramway* — Fig. e Alfar.
1,18 *Correio* — Porto Pamp. e B. Alta.

Da Louzã partem para Coimbra 3 comboios: um ás 7,10, chegando a Coimbra ás 8,39; outro á 1,55, chegando a Coimbra ás 3,8; e outro ás 5,24 chegando a Coimbra ás 6,33.

ANNUNCIOS

ESTAÇÃO D'INVERNO

Grande reducção de preços em todos os artigos da presente estação:

Chapeus que eram de 8$000, a 3$500 réis.

Formas de feltro que eram de 1$400, a 800 réis.

Reberines que eram de 1$500, a 600 réis.

Boas que eram de 2$000, a 1$000 réis.

Saias de feltro que eram de 3$000, a 1$500 réis.

Bordados, rendas, fitas, luvas, gravatas e espartilhos.

Sedas e mais artigos para bordar.

Sempre sortimento completo em todos os artigos de retrozeiro.

Retrozaria da Moda

R. Ferreira Borges, 61 67 — Coimbra

(Telephone 210)

ÁS MÃES

Quando virdes os vossos filhos com dôres de ventre, vertigens, anemicos e estes symptomas quasi sempre acompanhados de alguma tosse, receae que todos estes males sejam produzidos por vermes que vivem no intestino das creanças. As lombrigas produzem grandes perturbações e desarranjos, tornando as creanças molles, aborrecidas, sem grande vontade de brincar e com pouco appetite.

Combatei todos estes males com o *Vermifugo Faria*, o remedio que tem salvo dezenas de creanças e que toda a gente hoje conhece pelos seus maravilhosos resultados.

Ha casos de creanças expellirem mais de 100 lombrigas com este preparado, ficando depois completamente boas.

O *Vermifugo Faria* é pois um remedio que deve existir sempre á mão, em todas as casas e familia.

O *Vermifugo Faria*, encontra-se á venda em todo o paiz a 250 réis o frasquinho.

Depositos em Coimbra:

Rodrigues da Silva & C.ª — Rua Ferreira Borges.

Drogaria Villaça — Rua Ferreira Borges.

Conversação Franceza
Educação physica

E. ROCHET

Rua do Almoxarife, 29 — COIMBRA

Theatro Principe Real

Empreza Cinematographica

Espectaculos todas as noites. Sessões permanentes. A mais completa collecção de fitas d'arte e novidades cinematographicas que se exhibe em Coimbra. Numeros de variedades sensacionaes.

Preços: cadeiras, 160 réis; camarotes de frente, 800 réis; de lado e frizas, 700 réis; geral, 100 réis, incluindo o sello.

CHAPELARIA TRANSMONTANA

— DE —

Augusto d'Almeida

106 — Rua Ferreira Borges — 108

Clinica de especialidades

Rua Ferreira Borges
Arco d'Almedina, 11
COIMBRA

Prof. **Angelo da Fonseca**

Cirurgião especialista de doenças das vias urinarias, antigo monitor da clinica do Hospital Necker, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas das 2 ás 5 horas da tarde

Prof. **Sobral Cid**

Antigo assistente da clinica charcots da Sulpetriere e da clinica do Hospital Enfants-Malades, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas de doenças nervosas e geraes, das 2 ás 5 horas da tarde

Consulta especial para creanças, ás segundas, quartas e sextas, ao meio dia

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — *José Lebre*.

Tratamento das doenças dos olhos — *Abilio Justiça*.

Electrotherapia — Medicação eletroionica

Rua Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone 254

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade, o melhor e mais barato no genero.

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **Gaveau**
Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**
Machinas de costura **Naumann**

(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo
Instrumentos musicos, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.° 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muitos chics, desde 90 réis cada metro.
Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 e 100 réis cada metro.
Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro.
Cassas, padrões recentes, a 100 réis.
Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro.
Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis.
Oxfords, para camisas, (entestados) a 130 e 140 cada metro.
Cotins dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170, 180, e 200 réis cada metro.
Armures, pretos e de côr em algodão, desde 300 réis o metro.
Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro.
Lãs, córtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis.
Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro.
Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro.
Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis.
Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumerar os seus preços.
Challes do povo!!! a 600 réis.
Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis.
Ditos com seda, a 2$500 réis.
Armures, pretos, lavrados, a 700 réis.
Matellasses, pretos, a 1$200 réis.
200 lenços de seda, tapete, que eram de 1$800, a 800 réis.
100 cachenez, com seda, 100 c., a 700 réis.
100 cachenez, matiz, 100 c., a 800 réis.
Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro.
Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis.
Ditos, muito bons, a 6$000 réis.
Lenços brancos, a 25 réis.
Peugas, ás riscas, a 40 réis.
Ditas finas, a 80 réis.
Meias pretas, fixa, a 90 réis.
Camisolas d'algodão, a 150 réis.
Ditas de côr, fortes, a 240 reis.
Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis.
Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis.
Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia.

O Proprietario,

J. M. da Silva Constantino

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — J. M. Mendes d'Abreu

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se inumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender-se em caixas o verdadeiro giz para alfaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia

Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, — COIMBRA — (Telephone 112)

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

2, Rua Visconde da Luz, 6

COIMBRA

RELOJOARIA FERREIRA

DE

MANUEL NUNES FERREIRA

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — **COIMBRA**

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, 6

Empresta sobre tudo que representa valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro.
Compra e vende mobilia usada.
Encarrega-se de leilões e liquidações.
Compra objectos antigos em todos os generos.

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.

Impressos e livros escolares.

Encadernações e artigos de papelaria.

Execução rapida de encommendas.

TABACARIA CENTRAL

DE **Arthur L. V. d'Andrade**

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA

(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encommenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encararregar-se tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia*.

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio 33,

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil Africa Oriental e Occidental.

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — Coimbra

Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — *RAMADA CURTO*

Redacção e administração — PATEO DA INQUISIÇÃO

Composição e impressão — Typ. Litteraria, LARGO DA FEIRA

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso, 20 réis.**

Annuncios — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

ANNO 2.º | COIMBRA — Sexta feira, 11 de março de 1910 | N.º 37

DESINTERESSE

Lembra-nos, n'este momento a historia d'um professor de Sciencias Naturaes que havia no lyceu de Lisboa e que sendo das creaturas mais inteligentes que n'esse tempo por lá andava, conseguia ahi por alturas do segundo ou terceiro mez de aulas ser considerado pela rapaziada o mais insupportavel e soporifero de todos os massadores.

Era o caso que o excellente homem que era a preleccionar d'uma clareza e d'uma precisão enorme, tinha a monomania da explicação. Para elle não havia nada sufficientemente claro, nem sufficientemente demonstrado. As coisas mais simples, mais nitidas, mais evidentes, repetia-as elle torturadamente diante do curso, centenares de vezes, na ancia insatisteita de se fazer comprehender. Ainda nos lembra como para explicar o que era uma inflorescencia, o que era o ovario d'uma flor, estar acima do calice e da corolla e d'ahi a flor ser *super* ou *infero-variada* como estas duas coisas simples e comesinhas que toda a genta entende levaram ao pobre homem o melhor de duas aulas de explicação. Chegava a ser uma coisa aflictiva ouvi-lo e ve-lo, suando, repetindo, exemplificando com o gesto, acompanhando com a expressão physionomica em tregeitos burlescos a mais rudimentar affirmação, desenhando a giz no quadro preto os modelos que logo nervosamente apagava para voltar a desenhar outros e, terminando por cair extenuado na cadeira, ao fim da hora limpando o suor que lhe escorria e repetindo o seu estribilho favorito:

— Perceberam hein? Eu amanhã explicarei melhor...

O curso sugestionado, enervado, começava por se compenetrar das difficuldades que não existiam e ás duas por tres a confusão mental dos alumnos era tão grande como a monomania explicativa do mestre. Por fim acabamos por não o tolerar. Iamos para a aula como cão por corda, revoltados contra aquella hora de suplicio. As reaes qualidades didacticas que a principio nos tinham enthusiasmado, já ninguem era capaz de as reconhecer. Cabeceava-se de somno nas bancadas. Outros mais irritados e com mais nervos, rosnavam entre dentes:

— Raios o partam!... Esta besta julga que a gente é tão estupida como elle...

Era o *cegarréga*, era o *realejo*, era o *sanfona* e outras coisas que taes!

Tornou-se aborrecido, tornou-se detestado por todos nós e transformou-se na fabula de todo o lyceu.

Ora esta historia do professor, absolutamente veridica, vêmo-la dar-se muitas vezes na vida. O gracejador profissional que a principio nos faz rir até ás lagrimas, ás duas por trez, foge-se d'elle como d'um pestifero mal se lobriga n'um café, á volta d'uma rua, com o seu velho reportorio de *piadas*. Até nem achamos sabor ás *graças* novas que realmente o sejam, porque tudo quanto tal homem diga, o que, posto n'outra bocca que não a d'elle, nos provocaria a franca gargalhada, tudo nos enfastia, nos massa, nos enche d'um insuperavel tedio. O homem acaba, ao fim, por ser literalmente *corrido*.

Uma mulher bonita desde que se vulgarise, que se roce por nós, que *se dê* demasiadamente, acaba — até as lindas mulheres! — por nos irritar só com a sua presença.

***

O que succede nos casos que acima ficam apontados, não se poderá dar com as ideias, com as opiniões, com as affirmações e principios? Cremos que sim.

E' já de si natural e verdadeira esta coisa que vulgarmente se diz de que «tudo tem a sua epocha.» A «Alma de Dios» por exemplo, chegou a ser um suplicio depois de ter sido um encanto para toda a gente.

Já ninguem atura o «Miserere do Trovador», a «Margarida vae á fonte» ou a «Mulher ingrata» que, cada coisa de per si e no seu genero, tiveram o seu momento de aura e popularidade. Isto succede a tudo, á «Traviata», como ao «fado liró». Porque razão escapariam a esta sorte commum as affirmações d'um determinado partido politico — por mais justas, mais simpaticas e mais bem fundamentadas que sejam? Porque razão as suas criticas, as suas demonstrações que são, afinal de contas, o unico fundamento da sua existencia não acabariam por fatigar o espirito publico, irrita-lo primeiro e acabar finalmente por deixa-lo indifferente e apathico?

Não ha razão nenhuma para que assim não seja e, a proposito lembra-nos que João Chagas, que é alem de muito brilhante muito inteligente, notou n'uma das suas «Cartas Politicas» este phenomeno que se dá em quasi todos os propagandistas republicanos, esta pavorosa coisa de «não sentir já nada de novo que dizer e ter de cair no horror de se repetir constantemente».

E é isto! E o que se dá com os oradores dá-se, e por maioria de razão é justo que se dê, com o publico que os tem aplaudido, que com elles tem concordado, para quem não ha nenhuma das suas affirmações que não seja uma coisa sabida, certa, clara como a agua corrente.

Ora é por isso que nós temos receio e nos lembra o caso do professor do lyceu em que fallámos.

E é por isso que nós repetimos, como d'antes repetiamos na aula, anciosamente, comnosco proprios:

— Está bem! Está sabido! E agora?

MIUDEZAS...

(A UMA SENHORA SOLTEIRA)

Volta de novo a primavera. Já se sente no ar um halito d'Abril e o ceu reveste, n'estes dias lindos, a linda côr azul dos seus olhos que ainda perturbam tantos corações. Remoça tudo! Um vigór mais moço faz subir a seiva nos troncos, desabrochar as flôres, abrolhar os rebentos.

O sol já não é um sol convalescente e pallido mas ri tambem no ceu, com um novo brilho.

Todos os annos succede o mesmo n'esta quadra, não é certo? Já o velho Castilho, o cego a quem costuma chamar-se o «immortal», disse o mesmo n'uns versos. Mas ah! só para V. Ex.ª, minha loira senhora, a primavera nada lhe traz de novo! A' boquinha da noite já se ouve ao pé do rio as rãs coaxando e o longo e ainda indeciso cantar dos grillos pelo campo. Nos choupos da margem, o rouxinol lança, a medo, o primeiro trilo do seu canto.

Rouxinolsito implume e ainda inexperiente, como elle lhe faz mal sem querer não é verdade? Lembra-se ao certo, ouvindo-o, de tantos outros, dos avós d'este que vieram antes d'elle e antes d'elle cantaram. Se os rouxinoes tivessem como a gente o triste condão de o tempo lhe nevar as pennas, como a nós os cabellos, aquelle rouxinol que V. Ex.ª ouviu cantar aos vinte annos, seria hoje um fróco de neve pequenino! Não quero eu dizer que no ouro dos seus cabellos já algum frio de prata se misture. Nós temos vida maior que os rouxinoes.

Um passarito de quasi quarenta annos era um Mathusalem aldão. V. Ex.ª ainda é uma creatura encantadora. Mas o tempo é inflexivel, as primaveras passam, vem o verão exuberante e vermelho, o outomno desolado e triste, e segue o inverno transido e tiritando de frio. Que tristeza, não é verdade, sentir a gente que não remoça quando tudo, em torno, renasce e revive n'esta época? Ah! minha linda senhora!

***

Será talvez para se illudir que V. Ex.ª traz louco d'enthusiasmo aquelle rapazito do lyceu, com quem falla á janella de sua casa? Dezassete annos, um buço loiro que mal desponta!...

O' deliciosa «mamãsinha»!

D. Fuas.

NA ENCRUZILHADA...

Factos e Commentarios

Em Upsala

Na Universidade de Upsala todo o desgraçado que quizer bacharelar-se tem de andar *no Tasco* de lá — justos céus! — pelo menos oito annos, tendo de aguentar-se com dez annos pela prôa quem quizer sahir médico.

Calcule-se o que não será a tortura daquellas creaturas se ellas tem a desgraça de contar no numero dos seus lentes algum *Mestre*...

Dez annos!

Pobres suecos!

O voto das mulheres

Foi o anno passado que ellas foram admitidas pela primeira vez a votar nas eleições para o *Störting* que é o *S. Bento* norueguez. Pois querem os leitores saber os resultados? Nada menos do que um deslocamento sofrido pelos partidos avançados (a quem as ingratas devem o novo direito) no seu contingente eleitoral, deslocamento que redundou em beneficio dos conservadores.

Ora isto ainda é *lá*, em que a educação civica não é uma palavra vã. Deem o voto *á portuguezinha valente* e verão como ella nos elege logo, pela certa, duas duzias de Padres Mattos...

Ordem do Exercito

A proxima «Ordem do Exercito» obrigará, ao que nos consta, todos os nossos officiaes, a commungarem todos os dias e a confessarem-se uma vez por mez ao padre Cabral, de Campolide.

Vae grande regosijo na tropa fidelissima.

Revisão, a maldita

O numero anterior vinha como de costume. Já não sabe a gente o que ha-de dizer. Uma por exemplo que escapou, alem da pavorosa pontuação que tudo estraga, foi no folhetim, logo na primeira columna, «uma avó» que apparece duas vezes, — uma em vez do marido — a ter opiniões diversas ácerca do neto.

Emfim!...

Uma historia tectrica

Consta-nos que um padre jesuita que, ha dias veiu a Coimbra, denunciou, deante de numerosa assistencia, «uma associação secreta» que, segundo elle, se constituiu, «para apurar tudo que houvesse ácerca do regicidio».

Essa Associação composta de creaturas tementes a Deus e amigas do rei, já possuia, á data, documentos pavorosos, coisas compromettedoras para personagens muito em evidencia! Um romance complicadissimo no genero dos do velho Dumas, com conspirações de palacio, Catharinas de Medicis, e a que não faltavam os Guises, que para o caso eram apenas muito mais gordos que os da historia de França...

Pode ser *baléla*. Nós, no emtanto, esperamos que a historia do padre, appareça em fasciculos nas collecções da «Novella Popular».

Camaras abertas

Abriu *aquillo*. Nem o Oliveira Mattos, nem o Xandre, nem o Pereira Cardoso disseram da sua justiça por emquanto, o que tem tirado ao espectaculo todo o pittoresco.

Os deputados republicanos pediram para tratar do caso das «Associações secretas». A maioria mais uma vez lhes negou o direito de fallar.

Por esse motivo e por outros ha quem opine que o que se torna necessario é uma «politica d'attracção» a ver se o sr. José Luciano e o rei adherem ao partido. No caso d'ambos estes senhores se recusarem a adherir julga-se de boa tactica, uma «politica espectante», toda dentro da lei, afim de atrahir as classes conservadoras. Para tal fim será escolhido um grupo «d'intellectuaes,» para fazer conferencias educativas nas Associações Operarias. *O summario* d'essas conferencias será o seguinte, pouco mais ou menos: «a lactação das creanças na Guiné» «a evolução da philosophia Hegeliana no cerebro dos homens de côr» «o nabo e a influencia social» «a cordialidade, o hemorroidal e a revolução franceza» «o capilé e a sensibilidade do posterior» etc.

Se não fôr este o *summario* escolhido pensar-se ha então em... arranjar outro melhor.

Dr. Alves Moreira

A este illustre professor da Universidade, que acaba de passar pelo desgosto do fallecimento d'um seu irmão enviamos, bem como a sua ex.ma familia, a expressão das nossas sinceras condolencias.

CONVERSANDO

Palestra com os amigos anarquistas

No ultimo numero *d'A Revolta* prometi eu voltar a esta palestra, que não tendo utilidade nenhuma para alguem, me dá azo a encher uns linguados a que me compremeti. E' só por isso, quase, que hoje aqui estou de novo, a trocar umas leves impressões com vocês, meus amigos.

Dizia-me um camarada, num dia em que por acaso com ele troquei umas palavras a explicar a minha atitude, que o meu *intervencionismo* era, mais do que isso, o abandono dos principios que continúo defendendo.

Precisávamos, dizia-me êle, duma larga propaganda *desde já* nos meios operarios para que *depois* os socialistas parlamentares não surgissem pela nossa frente, tomando todo o campo. E' claro que este rapaz, um dos bem intencionados, desconhecia em absoluto o meio portuguez e via as coisas como se estivesse em França.

Esta fraze — o meio operário portugues — eu não a precebi então e ainda hoje a não precebo, Para quem tenha vontade de vêr. o operariado em Portugal não é aquela força organizavel e poderosa que vive e palpita nos grandes paizes industriaes.

Aquem fronteiras não existe industria, que este nome possa ter, e porventura ela nunca virá a existir. E só uma grande massa operaria conciente do seu valor e impossibilitada de individualmente apropriar os meios de produção é capaz de sentir e querêr a reforma *du fond jusqu'au comble* do estado de coisas atual. O nosso operario, não; a sua pretensão será sempre vir a sêr um pequeno burguês, como o anseio deste é tornar-se um grande detentor de capitaes. E nós não podemos mudar a face das coisas e fazer operarios revolucionarios, de gente que tem interesses ligados á conservação do capitalismo, ou pelo menos não vê nele um inimigo, um adversario sequer.

Pois não será isto assim?

Já vêem vocês que a minha atitude é bem explicavel. Não sinto, nem penso como os meus amigos, pela razão simples de que não vejo como êles.

No meu ponto de vista a propaganda sentimental, no nosso meio analfabeto, alem de destituida de fundamento, ha-de sêr sempre improfiqua e inutil. Ficam-nos, pois, somente os meios ilustrados, uma propaganda para ideólogos.

Ora essa não se faz, como os meus amigos a querem fazer, com criaturas manifestamente inferiores. D'aí os meus reparos sobre o modo como, de ha tempos, se recrutam anarquistas. Nem todos servem, nem todos podem servir.

O ridiculo, ou o desdem, já não são coisas que atráiam as simpatias e armem doutrinas e criaturas para fazerem proselitos, neste tempo em que todos querem têr... qualidades.

Talvez vocês não concordem e continuem os seus modos de vêr. Pobre de mim!

Consola-me, apenas, nesta solidão em que estou e me apraz seguir, a certeza de que deve contêr alguma verdade o anexim popular:

— « Mais vale só do que mal acompanhadc. »

P. J.

A cerebração feminina

III

No ultimo numero afirmava eu que a mulher estava realmente em minoria entre os que por qualquer manifestação de *energia ostensiva* concorriam para o progresso.

Logo prometti explicar o apparente pleonasmo bem como a restricção.

Faço-o hoje.

Pleonasmo sómente o ha para quem considerar no sentido vulgar as palavras que empreguei. Isso nunca eu faço. Entendo que escrevendo-se, especialmente sôbre assuntos em discussão, convém sempre empregar os termos no rigôr de sua comprehensão para evitar que, em vês de se litigar sôbre a these se venha a cair na discussão de palavras.

Agóra a restricção.

Propositadamente eu restringi a minoria das mulheres dotadas de energia util ao progresso, ás que eram dotadas de *energia ostensisa*. Na verdade, se nós observarmos todas as mulheres que passam ao alcance do nosso exame, e, juntamente, observarmos tambem os homens, nós somos forçados a constatar que a mulher não é esse ser fraco e inutil que muitos banaes e cegos tradicionalistas afirmam.

Desde a ignorada mãe de familia que assume o pesado fardo do governo domestico, para deixar o seu consorte e os seus filhos desembaraçados dessas cousas pequeninas, enfadonhas e imprescindiveis, até á mulher que é companheira do seu marido no cultivo da terra, na fabrica, no commercio ou no laboratorio, nós encontrâmos sempre, embóra isso pese aos que se determinam por crenças e não por factos, a mulher cooperando na obra economica, scientifica, educativa e social com egual ardôr e utilidade do seu companheiro.

Bem sei que me dirão que ella ganha salarios muito inferiores aos do homem. E' isso um facto.

Mas esse facto só traduz uma das muitas injustiças de que a misera é victima.

E' a exploração torpe do capitalista a essa desprotegida da lei, lamentavel ilota que nem sequér tem o direito de se entristecer, vendo-se banida completamente da felicidade, porque a sua tristeza pode desagradar ao seu terrivel senhôr!

Mas apesar de todas as desvantagens, sem o estimulo que a victoria a conseguir pode insuflar ao luctadôr, no anonimato, occulta no lar onde se dão batalhas mais que homericas, a mulher trabalha sempre, burilando, quantas vezes, a rudeza dum marido imbecil ou brutal, emquanto cultiva e faz desabrochar ternas florinhas humanas que hão de ser a Humanidade mais avançada do que a de hoje.

Na escola do lar a mulher, modesta e ignorada, cria e rebustece mais intensa e efficazmente o sentimento da nação e da raça do que todos os legisladôres com os seus decretos de respeito forçado aos symbolos, do que todos os literatos com a demonstração e embelezamente da ideia de patria.

A muiher no seu lar imprime ao cidadão ou cidadã d'ámanhã aquillo que jámais ninguem lhe tirará, conquistem-lhe embóra o seu torrão, a gleba revolvida durante seculos pelos seus antepassados; a mulher grava de uma vez para sempre nesse espirito infantil a sua lingua, o instrumento que ha de estabelecer o mais forte laço de cohesão duma creança com todos os individuos do mesmo agrupamento humano.

E a mulher faz tudo isto sem liberdade para se instruir, sem liberdade para descançar, sem o incentivo que da popularidade pode advir ao luctadôr; a mulher dedica-se a esta enorme empreza, sempre coacta pela familia e pela sociedade; a mulher percorre a sua fatigante jornada sem a atmosphera de felicidade que constitue o mais apropriado meio onde pode vicejar a obra fecunda e grandiosa...

A essa martyr do preconceito, a essa torturada de dogmas, a esse ser cheio de abnegação a quem as proprias virtudes são levadas á conta de fraquezas, incumbe a colossal tarefa de derramar no delicado molde do seu terno coração burilado pela delicadeza do seu sentimento, essas parcellas vagas e indeterminadas do ser humano: — as ternas creancinhas, para dellas, massa informe, fazer a futura humanidade.

E essa obra grandiosa, essa obra imprescindivel — a informação das consciencias — por ninguem, ou quasi ninguem é registada!

Parte-se do dogma de que a mulher é falha da capacidade intellectual e nega-se-lhe o direito á instrucção; sob a supposição de que é fraca não se lhe retribue um salario condigno com as suas necessidades, nem sequer, equitativo com a sua producção; d'animo leve se lhe imputa a inconsciencia, a debilidade de caracter, a irresolução, o vicio! e nega-se-lhe o desempenho das altas funcções em que ella tão soberanamente poderia demonstrar contra os seus hypocritas e gentis detractores de quanto é capaz.

Do preconceito egoista de que ella não é pessôa mas cousa pertencente ao homem, nega-se-lhe o direito de amar, transformando ou tentando transformar-lhe esse sentimento, que quasi constitue toda a trama delicada da sua alma, em ignobil mercantilismo, ou descaradamente na prostituição, ou embrulhada em formulas e cerimonias legaes no casamento.

Será sempre assim emquanto as sociedades não derruirem a propensão ao dogma que lhes ficou do tempo do obscurantismo em que a experiencia ainda era deficiente em factos e incompleta na observação.

Mas a mulher é digna de occupar o seu logar no meio humano para que a Verdade e a Justiça e a Liberdade sôbre a terra por mais tempo não sejam palavras vãs; mas importa e urge que ella occupe o seu logar no interesse da mesma collectividade, porque ella não só é digna de cooperar com o homem no progresso, mas ainda a sua operação no desempenho de muitas das funcções hoje exclusivas do homem é susceptivel de ser muito mais util do que a operação do homem.

O que importa é que ella propria lucte observando, instruindo-se e instruindo e libertando as suas filhas, porque a Liberdade não se outhorga, conquista-se.

Lucifer.

TRIDUOS ESPIRTUAES...

(CONTINUADO)

Decorreram onze annos, desde a minha sahida do collegio de S. Fiel, para onde entrei, em que passei dois annos, satisfazendo o natural desejo da minha gente, que mettendo-me lá, queria fazer de mim um «homem», não deixando de acatar, durante o tempo que n'elle estive, todos os preceitos da sua disciplina espiritual que me fôram revelados; em conclusão: fui um estudante bastante regular, bem comportado, muito docil e paciente.

Conservo certificados onde tudo isso se me attesta, não terei pois a temer, que alguem possa chamar-me um despeitado, mas para com o jesuita, a nada me julgo obrigarem esses diplomas, aonde aliáz me não fizeram favor algum.

O que creio piamente, é que jámais, um jesuita esperou que n'uma creança tam domada, como eu fui se desse a transformação que em mim se operou, graças é certo, a influencias que infelizmente nem todos poderão receber e eu salutarmente recebi.

Através d'esse longo prazo decorrido, ainda no meu espirito se conservam as impressões gravadas n'esses tres dias mortaes e reavivados, caro leitor, talvez para te mortificar, embora não tenha sido esse o desejo, que me incita a escrevêr na *Revolta*.

Feitas estas reflexões, voltemos aos «Triduos», que não seria muito interessante, mas, decerto alguma coisa util, desenvolver em todos os seus momentos, pois que, em cada um d'esses momentos, correlativos a modos de ser, em todos os que assistem, o jesuita consolida a sua obra e a sua acção pode ser, momento a momento, intensivamente apreciada.

Assim, logo que, havendo arrastado as creanças ao estado de hyperexcitação mental, se apercêba que ellas cahiram na quasi paralysia que se succede aos grandes esforços, elle findará a «pratica» a que segue o «recreio do triduo».

Era prescripto que durante os «recreios de triduo», os alumnos não se entregavam a jogos ou outros divertimentos, mas á leitura, meditação e praticas piedosas.

No tempo em que eu lá estive, lia-se o «Pensae o Bem», um livro com algumas orações, especie de arroubos eroticodivinos e com muitos exemplos — como nós diziamos em gyria de collegiaes —, livro de sã doutrina, onde todos os peccados e respectivos castigos, eram exemplificados com situações occorridas entre grandes personagens, coroados ou pelo menos titulados, mas cujos nomes não appareciam, em extenso, ou por caridade christã, ou pelo facto de a respeitabilidade das familias a que tinham pertencido os infelizes protagonistas d'essas situações, impôr silencio ao autôr ou editôr do livrinho...

Durante os «recreios do triduo» não nos absorvia elle a attenção, já porque a sua leitura nos não dava novidade, á força de o termos lido anteriormente, já porque era occasião de nos entregarmos a outras praticas piedosas.

Assim, abandonado o livro; devoradas orações, que mentalmente retidas ou avidamente lidas nos chromos de santos, que passavam de mão a mão, se iam resando, cansados ou impulsionados por um repelão de fé mais ardente, muitos de nós, isolando-nos, para que o martyrio fosse maior, sendo mais intimo, para que o sacrificio fosse mais meritorio, sendo mais virtuoso, muitos de nós nos entregavamos então a praticas dolorosas, castigando-nos, tanto quanto a nossa cobardia e a nossa ancia de sermos agradaveis a Deus, vencendo-a, nos permittia!...

Eu, pela minha parte, leitôr amigo, consegui apenas, usando d'uma tesoura afiadissima, cortar-me no pulso esquerdo, onde conservo duas pequenas cicatrizes, o que talvez fosse bastante para que o Deus-Jesuita se compadecesse de ti, que precisamente n'essa hora, preste a morrer em peccado, fostes salvo pela intensão geral do meu sacrificio, que a divindade, lá nas alturas recebeu, irado ainda pelo teu proceder peccaminoso.

(*Continua*).

---

5 Folhetim d'*A Revolta*

RAMADA CURTO

Claudio Justo

V

O «42»

A «aula geral» era a sala maior do collegio — um casarão illuminado por tres janellas largas que abriam para o saguão. De fora, atravez dos vidros empoeirados, coava-se sempre, quer de verão quer d'inverno, uma claridade baça e triste. Quando se abriam as vidraças era peior porque se enchia tudo d'um cheiro nauseabundo a peixe-frito. No verão entravam, juntamente com o cheiro, nuvens de moscas que pousavam teimosamente, adormentadas e molles, nas caritas suadas dos pequenos. No inverno as paredes caiadas escorriam humidade, uma chuva fina batia nos vidros e uma corrente d'ar muito frio fazia tremer o queixo a todos, ao longo das bancadas.

O sr. Cunha, o prefeito, ao fundo da sala, sentado n'uma cadeira de braços em frente d'uma secretaria sobre um estrado, lia um jornal ou cabeceava de somno. E uma tristeza infinita errava por toda a sala onde apenas se ouvia a respiração das creanças e o ruido das pennas correndo no papel.

Ao mais pequeno murmurio de vozes, o sr. Cunha, gritava do alto da sua cadeira, terrivel nas suas barbas pretas, fitando aquelle que se atrevera a quebrar o silencio:

— Tens comichão nas unhas, mariola? Olha que eu coço-t'a!

Claudio, n'essas occasiões encolhia-se todo no banco, atterrado, desejando que chegassem as cinco horas para que o Cypriano o viesse buscar e lendo machinalmente o quadro que se ostentava em letras pretas sobre um fundo branco por cima da cadeira do perfeito «estão expressamente prohibidos os castigos physicos n'este estabelecimento».

Aquellas duas palavras «castigos physicos» intrigavam-n'o.

Uma vez perguntára ao seu companheiro de bancada, o que aquillo queria dizer e o outro respondera a medo, fitando o sr. Cunha:

— E' a palmatoria...

Tinham todos o terror supersticioso da «palmatoria». No recreio fallavam d'ella como d'uma coisa monstruosa, coxixando pelos cantos não fosse o sr. Cunha ouvir. Era de buxo, tinha «cinco olhos». O sr. Cunha atára-lhe ao cabo um laço de fita vermelha por luxo e, n'esse dia mostrára-a, todo risonho, na aula:

— Olhem como ella agora está *catita!* Até apetece, não é verdade, ó 42?

O 42 era um muito magrinho, muito pallido, com a cara picada das bexigas e que coxeava d'uma perna. Tinha apanhado muitas vezes com ella e não chorava, não gritava. D'uma vez levára duzia e meia, logo de manhã quando as mãos estão frias e «ellas» doem mais, sem deitar uma lagrima nem dar um grito. Por isso o 42 era admirado.

Claudio perguntou-lhe, todo a tremer:

— Doe muito, ó 42?

— Ai não! — tornou elle, resignado.

— Mas tu não choras?

O outro franziu as sobrancelhas, orgulhoso:

— Era o que elle queria...

Ficou pensativo um bocado e acrescentou, entre dentes:

— Eu hei-de parti-l'a...

— Como?

Elle então explicou a sua receita: Primeiro untavam-se as mãos muito bem untadas com azeite e de pois enfiava-se um cabello na pelle com uma agulha fininha. A palmatoria partia-se logo, á primeira.

— Porque é que o 42 apanha mais que todos? — perguntára Claudio.

E elles explicaram-lhe. A mãe do 42 é quem o vinha buscar. Era uma mulher que parecia uma criada, usava lenço na cabeça e um chale preto. O 42 não tinha pae e a mãe cosia para fóra. O sr. director tinha lá o 42 sem pagar nada e, ás vezes, como elle não trazia *lunch* de casa, mandava dar-lhe uma fatia de pão com manteiga do *lunch* dos internos, com um cacho d'uvas ou uma maçã quando era o tempo.

Era por isso tudo que o 42 apanhava mais que os outros, por que era pobre e não «trazia nada» ao sr. Cunha. *O seis*, por exemplo, um muito gôrdo e muito vermelho que estava no primeiro banco, nunca «apanhára», fazia o que queria, tinha sempre licença para «ir lá fóra» e demorar-se o tempo que quizesse, porque dava garrafas de vinho que furtava na loja ao pae.

Claudio não percebeu bem aquillo, mas quando voltou para casa, foi logo ter com a avó, pediu-lhe que lhe arranjasse para o dia seguinte um *lunch* maior.

— Para quê?

— E' por causa d'um menino que não tem *lunch*, que é pobre...

— O' meu amor! — exclamou a avó, pegando-lhe ao collo e beijando-o muito, enternecida.

E, no dia seguinte ao recreio, Claudio chamou o 42 que estava a um canto como de costume, vendo o que os outros tiravam dos cestos.

— Pega lá para ti...

O outro hesitava, desconfiado.

— Tóma... Eu pedi á avó e ella disse que sim...

Vorazmente, o 42, pegou da «sanewich» e nos bolos, que Claudio lhe oferecia e começou a comer, em grandes dentadas soffregas.

— Góstas? — interrogou Claudio.

O 42 repetiu, com a bocca cheia, o seu estribilho favorito:

— Ai não!...

E tirando, com os dedos sujos de tinta a fatia de fiambre do meio do pão, perguntou:

— Qu'é isto?

— E' fiambre...

— E' bom...

O sr. Cunha espiava a scena e interveiu n'um berro:

— Que é lá isso, ó «novo»... *O lunch* é para ti ou para quem é?

Em torno, fizera-se um silencio, todos fitavam Claudio que respondeu do extremo da mesa, com uma voz muito clara de quem não tinha medo:

— Eu trouxe de proposito para elle...

— O quê? — trovejou o sr. Cunha.

— Trouxe para o 42 — repetiu Claudio.

O sr. Cunha riu.

— Ah! trouxeste! D'esta vez caete o rabo, ó «fuinha?» — gritou elle ao 42.

A' roda foi um côro de gargalhadas e o ó, o gordo, ria mais alto que os outros batendo com os pés.

O 42 fez-se mais pallido que o costume, fitando o Cunha.

— Eu não pedi nada! Nunca peço nada, você já sabe! — gritou elle.

— Calla o bico! — bramiu o prefeito.

— Calla-te... Deixa lá — recommendou Claudio, puxando-lhe a blusa.

— Malandro! — resmungou o 42, voltando a atacar a «sandwich.»

(*Continua*).

SECÇÃO LITTERARIA

CONTO MACABRO

Violaram-n'a,
E sepultaram-n'a
N'um campo de papoulas
Aonde andava todo o santo dia
Noivando, n'uma garrula alegria,
Um par de rolas.

E as papoulas que eram já vermelhas,
Começaram mostrando um tom de sangue
Nas folhas velhas,
E uma attitude
Dolorosa e langue
Como se fossem flores de virtude.

Mas um dia, ao sol posto,
Os cães amigos d'ella,
(Porque tudo, até os cães, em vida amaram-n'a)
Cheirando-lhes seu corpo decomposto
Desenterraram-n'a.

Lá do céu negro, tremula, uma estrella
Ficou fluidica e presaga,
A olhar p'ra ella,
Como se fosse a mesma estrella aziaga
Da má ventura,
Que tinha acompanhado
A' sepultura
O seu corpo violado.

Nua! Cobre-lhe o rosto o seu cabello.
E o seu cabello brilha, deslumbrante,
A' vaga e dubia luz do sette-estrello
E por entre elle, tumida, uma poma
N'um gesto triumphante,
Erectamente assoma!

O' sol, eu quero luz
A illumina-la!
O' grande mar, manda uma onda
Manda uma onda
Purifica-la!
Que a sua carne branca e transparente
Foi profanada,
E a sua bocca ideal, covardemente
Por uma bocca impura foi beijada.

Os astros choram perolas brilhantes
Na curva azul do ceu.
Ella não é como era d'antes!...
Ah! já não é donzella a que virgem morreu!...

Vem nas azas do vento
Um fremito nervoso...
E o luar surge pallido e sereno,
No horisonte longiquo e tenebroso!
Nem um só ai, nem um lamento
Mas do que o vento
Em surdina cantando amargo threno.

O' astro, ó noiva ideal violada,
O' minha carne ardente,
O' lagrima da vida amargurada,
O teu corpo de neve transparente
Por um brutal Desejo foi vencido.
Tu sonháras um beijo p'ra o teu beijo,
Tu sonháras amor p'ra o teu amor
E sentiste o teu labio polluido
E o teu amor cedendo a um vil Desejo!
E as illusões que viste abandonar-te
Cruzaram-se no céu com o condor
Que faminto voava a devorar-te.

Ah, que ventura enorme fôra a minha
Se fosse o cão fiel e teu amigo
Que foi desenterrar-te!
Tambem aos mortos acarinha
Quem amor e carinho traz comsigo
E os leva sempre a toda a parte;
Porque até morta,
Porque violada
(Isso que importa?)
Saberia amar-te.

E ó corpo ideal,
O' noiva astral da Tentação Impura,
Desprezando a sciencia de mil sabios
Cubriria as gangrenas dos teus labios,
Eu te embalsamaria
Com beijos de carinho e de ternura.

E' meia noite! Paz!
Dorme, Vencida...
Não lamentes a carne polluida
Que pura voltarás!

Alfredo França.

OUTRO!

De ha tempos para cá, desde a morte do Pad-Zé, de vez em quando apparece na imprensa em typo qualquer a dar-lhe coices na memoria.

Emquanto o desgraçado viveu estiveram calados como ratos, depois da sua morte appareceram a ornear como... os animaes que tal fazem.

Primeiro foram os jornaes reaccionarios aproveitando para o seu jôgo a tragedia e d'ella querendo tirar elementos para combater o partido republicano.

Então disseram-se infamias como elles as sabem dizer.

Até se disse que o Pad-Zé tinha sido sorteado para matar o rei e que, não tendo coragem para tal, resolvera suicidar-se.

Vendo que essas coisas só faziam rir e não lhes davam o resultado desejado, calaram-se.

Outros depois se teem entretido a vomitar coisas sobre a sua sepultura.

Ha pouco ainda era o Xandre, o iconoclasta, que, num artigo laudatorio do mestre, dizia *xandrices* a respeito do Pad-Zé.

Até este!

Mal tinhamos tido tempo de destapar o nariz depois da leitura de Xandre, outro nos apparece num jornal da Figueira, de perna alçada e dente arreganhado, a despejar toda a sua bilis, toda a lama armazenada na sua alma imunda, fazendo considerações idiotas sobre bohemios em geral e Pad-Zé em particular.

Não estamos resolvidos a responder ao que a bêsta diz, nem queremos agora vir defender o Pad-Zé das accusações, umas parvas outras infames, que nesse artigo se encontram.

Apenas lavramos o nosso protesto contra toda a canalha que cobardamente esperou que um homem morresse para vir injuriar a sua memoria.

Com tal especie de gente não se discute.

Ao contrario do que diz o articulista, ainda ha quem se lembre com saudade do Pad-Zé.

Entre esses estamos nós e por isso tinhamos obrigação de repellir com indignação toda a vileza que se contém no artigo.

E basta.

Cartas Brancas

(Sem moral e sem politica)

IX

Aos patriotas, a proposito da «phrase» do General Weiler.

«E' caso para dizer-se «que nós somos *assim* de nascença». Quando ha dias um capitão-general hespanhol, floreando rhetoricas num banquête (segundo creio), disse que um passeio militar a Lisboa era intuitivo e necessario não sei a que arranjos intimos da Hespanha, Vocês, meus caros patriotas de profissão, foram atacados do *delirium-tremens* do patriotismo e começaram a dizer inconveniencias insensatas, citando os Lusiadas e relembrando a batalha d'Aljubarrota.

Este prurido patriotico exteriorisa-se sempre pela mesma forma pelintra e theatral mal um *badaud* qualquer, escorripichando um copinho de *aniz del moño*, declara num café de Madrid, cavaqueando sobre Portugal, que se não fôsse por isto e mais aquillo «lo comeria de um trago». Logo que o *badaud* solta a phrase e o telegrapho pressuroso a transmitte ahi começam Vocês, arrepiados de heroicidade, patuscos e terriveis, a declamar pelos jornaes que se hade morrer com honra, a affirmar a eterna affirmação «que um homem em sua casa pode tanto que, etc.», a berrar por sobre a fronteira que

A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da lusitana.

Este alarido de patriotica insensatez alastra rapidamente pela provincia como um pingo de cêbo sobre um mata-borrão. Da mais escondida e remota villaria, sumida na prega inacessivel duma serra, surge logo uma «lamparina» sertaneja e idiota a desafiar num artigo de fundo, em estylo solemne e pomposo, todos os exercitos da Hespanha. Pela arrogancia do dizer pode julgar o incauto, que lê as basofias da «lamparina», que ella tem a assegurar-lhe a tranquilidade e o artigo do fundo cerradas e densas fillas de soldados, canhões innumeraveis e balas aos milhões para arrazar a Hespanha duma assentada. Mas a «lamparina» em questão não tem nada d'isto: para esmagar o inimigo o jornaleco só dispõe de meia duzia de disticos arrancados aos Lusiadas e doutra meia duzia de ôcas e gastas galas rhetoricas do cretino artiguleiro, que geralmente é um madraceiro amanuense da administração, que monopolisa na terreola os talentos conjugados do «Deus guarde a V. Ex.ª» e da «espinhosa missão da imprensa».

A serio, ó patriotas: Vocês acreditam que é com esse espalhafato que se cimentam e consolidam as nacionalidades?

O patriotismo, como palavrão sonoro não existe! Esse grande amor vago ao «torrão em que nascemos» bah! — o que é, ó gentes palavrosas e vãs?

Bastará que figure na nossa litteratura classica um poema em dez cantos, escripto ha quatrocentos annos por um certo Camões, cego dum olho e poeta, para que os invasores recuem respeitosos e encolhidos?

O' patriotas profissionaes e patuscos, chegae-me cá esse vosso patriotismo que vo-lo quero pôr como um «brinquinho». Aqui está elle, o vosso patriotismo, nas minhas mãos... Faço-lhe isto muito simplesmente: raspo-o primeiro muito bem com um forte raspadeiro d'aço; arranco-lhe meticulosamente, uma a uma, todas as falsas lantejoulas em que o trazeis embrulhado; metto-o em seguida num desinfectante banho de bom senso, ponho-o a seccar ao sol forte e claro e entrego-vo-lo novamente. Já não é um pomposo e fatuo patriotismo: é simplesmente um «egoismo» aceado e apresentavel. Vesti-o agora e usae-o praticamente.»

Coimbra, Março de 1910.

Feliciano Santos.

AO CAVACO

Quem nas horas perdidas deitar sobre esta prosa alguns olhares, notará differente o cabeçalho mas verá n'ella o mesmo espirito *lucido* e *critico* que em tempos, não mui longos, apreciou e disse n'esta gazeta cousas, muito cousas, varias cousas banais e ôcas no intuito difficil de por vezes por qualquer modo preencher uma columna ou duas que tão amavel e galhardamente alguem lhe offerecia.

O convite agora renovou-se, o espirito *lucido* está mais velho mas por isso mesmo mais agradecido. Eil-o em campo. Perdoae leitores a entrada, eacceita e amigos um abraço.

O cabeçalho que encima a prosa como vos disse é differente, e é differente porque me habituei agora de preferencia ao vosso cavaco n'uma meza redonda lá em baixo no café. Não perdi, digo-vos com verdade.

Foi ahi que tive ensejo de ser abordado sobre as excursões que a academia de Coimbra tem feito ultimamente. Umas como Tuna á Hespanha, outras como Orpheon a terras varias do torrãosinho.

Foi ahi tambem que tive ensejo de notar a par d'esta distracção academica uma acerrima dedicação de estudante significada nas ultimas theses e concursos que Minerva altiva tão abundantemente está vendo lavrar em seus augustos palacios. E Minerva sorri-se, no sorriso ha alegria; são distracções differentes, mas distracções.

Meus amigos, vou fallar-vos por agora das excursões.

Em menos de um mez a Academia de Coimbra levou a effeitou tres d'essas patuscadas.

Dir-vos-hei já de antemão que todas ellas me são extremamente sympathicas e preferiveis á vida monotona e chocha de Coimbra; mas dir-vos-hei tambem que os meus exiguos patacos não consentiram que fosse solidario n'ellas até final.

Nas ferias de Entrudo passadas saiu a Tuna da Universidade em passeio até á Galliza. Porei tudo de parte para vos contar o que mais impressão me fez n'esta gallega parcella visinha.

Conhecia eu já e de ha muito o genio particular da sñeorita espanhola.

Com o rapaz portuguez muito affavel muito carinhoso, obsequioso em estremo e sobretudo sendo esse rapaz estudante e comparsa em escursão academica a gentileza pelo menos triplicava de valor.

Pois, meus amigos, foi em Pontevedra no Liceo-Casino, em baile de honra e em forma dedicado á Tuna, que eu senti nos meus braços e *n'une valse* uma das señoritas gallegas mais interessantes no cavaco.

Contava ella que o moço hespanhol era frio, sensaborão, triste e sem vida, banal e inferior. Contava ella em contrario que o estudante portuguez e em especial a sua *pareja*, (que confundidos nos encontrámos) era antes de uma vivacicade captivante, de uma gentileza primorosa, — *muy amabiles-muy amabiles.*

Não estranhâmos o trato da señorita, era de esperar. Demais o academico de Coimbra era um *punto philipino*, eram naturais aquellas galanterias.

Deixei no entanto a graciosa señorita e vim ao cavaco com os meus companheiros. Em sala reservada no casino emquanto esvasiava algum *champan* notei porem que os meus collegas coimbrãos referiam com instancia a situação deprimente em que a señorita gallega collocava o seu moço patricio em opposição ao visinho.

Momentos passaram e voltei ao salão. N'esta altura tinham já conquistado as graças de um alumno de medicina de Santiago de Compostella. Foi com elle que aclarei a situação. Meus amigos, com estranheza ouvi o C. Sanchez.

Lamentava, sim, a preponderancia em tude da señorita gallega, mas... era um facto. Effeitos de educação, costumes velhos...*es eso, si...*, na Hespanha e em especial na Galliza... eu comprehendi afinal pela bocca do Sanchez que o rapaz hespanhol era tratado... com um soberano desprezo pelas señoritas e até pelas niñas.

Vocês, acrescentava Sanchez com magua, em Portugal são muito felizes, mandam em vossa casa, dispõem discricionariamente, a esposa só sae á rua com vosso consentimento ou companhia... *pero nós outros, nós outros...* e Sanches engulia o resto.

C. Sanches conhecia decerto pouco o nosso meio, mas muito e bem a sua inferioridade de gallego. Pobre Sanches, era ao mesmo tempo o seu coração que fallava com desespero. Um meu companheiro tinha-lhe conquistado com facilidade a sua *nubia*, uma bella andaluza que eu vi em Pontevedra! Pobre Sanchez .. que diria elle se em resposta aos galanteios da sua *nubia* ouvisse o meu companheiro dizer-me para o lado em meia voz, que elle era um — chulo!

Que diabruras, que triste situação!

O cavaco vae longo, meus amigos, por agora aqui me fico. Dir-vos-hei apenas mais que na estação, á noite, á despedida a andaluza bonita chorava de saudade pela partida d'um tuno, e que ao som da ultima badalada divisei junto a uma hombreira uma figura palida, olhar duvidoso e inquieto, bigode caído á china.

O comboio partira.

Ficára o Sanches... conformado.

Ene.

Conversação Franceza
Educação physica
E. ROCHET
Rua do Almoxarife, 29 — COIMBRA

Clinica de especialidades

Rua Ferreira Borges
Arco d'Almedina, 11
COIMBRA

Prof. **Angelo da Fonseca'**

Cirurgião especialista de doenças das vias urinarias, antigo monitor da clinica do Hospital Necker, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas das 2 ás 5 horas da tarde

Prof. **Sobral Cid**

Antigo assistente da clinica charcots da Sulpetriere e da clinica do Hospital Enfants-Malades, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas de doenças nervosas e geraes, das 2 ás 5 horas da tarde

Consulta especial para creanças, ás segundas, quartas e sextas, ao meio-dia

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — *José Lebre.*

Tratamento das doenças dos olhos — *Abilio Justiça.*

Electrotherapia — Medicação eletroionica

Rua Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone 254

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade, o melhor e mais barato no genero.

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **Gaveau**
Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**
Machinas de costura **Naumann**

(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo
Instrumentos musicos, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.º 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muitos chics, desde 90 réis cada metro.
Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 e 100 réis cada metro.
Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro.
Cassas, padrões recentes, a 100 réis.
Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro.
Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis.
Oxfords, para camisas, (enlestados) a 130 e 140 cada metro.
Cotins dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170, 180, e 200 réis cada metro.
Armures, pretos e de côr em algodão, desde 300 réis o metro.
Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro.
Lãs, córtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis.
Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro.
Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro.
Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis.
Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumeror os seus preços.
Challes do povo!!! a 600 réis.
Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis.
Ditos com seda, a 2$500 réis.
Armures, pretos, lavrados, a 700 réis.
Matellasses, pretos, a 1$200 réis.
200 lenços de seda. tapete. que eram de 1$800, a 800 réis.
100 cachenez, com seda, 100 c., a 700 réis.
100 cachenez, matiz, 100 c., a 800 réis.
Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro.
Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis.
Ditos, muito bons, a 6$000 réis.
Lenços brancos, a 25 réis.
Peugas, ás riscas, a 40 réis.
Ditas finas, a 80 réis.
Meias pretas, fixa, a 90 réis.
Camisolas d'algodão, a 150 réis.
Ditas de côr, fortes, a 240 reis.
Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis.
Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis.
Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia.

O Proprietario,

J. M. da Silva Constantino

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — J. M. Mendes d'Abreu

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se inumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender-se em caixas o verdadeiro giz para alfaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia

Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, — COIMBRA — (Telephone 112)

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

2, Rua Visconde da Luz, 6

COIMBRA

RELOJOARIA FERREIRA

DE

MANUEL NUNES FERREIRA

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — **COIMBRA**

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, 6

Empresta sobre tudo que representa valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro.
Compra e vende mobilia usada.
Encarrega-se de leilões e liquidações.
Compra objectos antigos em todos os generos.

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.
Impressos e livros escolares.
Encadernações e artigos de papelaria.
Execução rapida de encommendas.

TABACARIA CENTRAL

DE **Arthur L. V. d'Andrade**

27, Rua Ferreira Borges, 29—COIMBRA

(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encommenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encararregar-se tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia.*

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio 33,

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil Africa Oriental e Occidental.

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — *Coimbra*

Pela Patria e pela Republica

Director e proprietario — *RAMADA CURTO*

Redacção e administração — PATEO DA INQUISIÇÃO

Composição e impressão — Typ. Litteraria, LARGO DA FEIRA

Condições de assignatura para o continente, ilhas e provincias ultramarinas — Trimestre, ou serie de 13 numeros, 300 réis; semestre, ou serie de 26 numeros, 580 réis. — **Numero avulso, 20 réis.**

Annuncios — Cada linha, 30 réis, e repetição 20 réis. Inserem-se annuncios por largo tempo, por contracto especial.

A REVOLTA

Jornal Republicano Academico

ANNO 2.º | COIMBRA — Sabbado, 19 de março de 1910 | N.º 38

Nova carrapata

E' um nunca acabar! Depois da celeberrima questão dos sanatorios da Madeira que custou ao paiz, afóra as humilhações que lhe trouxe, uma continha calada, surge-nos já um novo precalço do mesmo genero, que nos ha-de trazer por sua vez uma farta dóse de vergonhas e um *saque* de 650:000 libras esterlinas.

E' o caso de que, por uma d'estas negociatas escuras de secretaria de que o paiz nem chega a ter conhecimento, foi, em tempos, adjudicado a um tal Hinton, subdito de *Sua Magestade graciosissima*, que é como quem diz inglez, uma especie de exclusivo de producção do alcool na ilha da Madeira.

Ora em 11 de Março do anno passado o governo fez publicar um regulamento de vinhos que alterou profundamente o regimen legal a que estava sujeita a producção do alcool extrahido da canna sacharina, o que veiu lesar, ao que parece, os interesses do iuglez e o leva agora a exigir do nosso governo, em troca dos prejuizos soffrido, o melhor de 650:000 libras!

Verdade seja que para nos consolarmos, nós temos que pagar, alem da indemnisação dos sanatorios, a celeberrima indemnisação Busquet, o que tudo junto, deve representar uma somma d'estarrecer, coisa muito de molde a encher-n'os d'um legitimo orgulho e desvanecimento patriotico, visto que sendo nós, sem duvida, um dos paizes mais pelintras e mais pequenos da Europa, n'esta coisa de *pagar e não bufar*, levamos a melhor até ás grandes potencias.

O nosso papel internacional está pois, pelos governos da monarchia, absolutamente estabelecido e é este: pagar indemnisações.

Ha, por exemplo, n'um canto remoto da Alemanha um principe de fancaria, com embaraços financeiros e não sabe como resolve-l'os? Nada mais facil. Arranja protegido pelos altos poderes do Estado, uma negociata com Portugal e, a breve trechos estende a bandeja e Portugal que, ao contrario do que dizem os pessimistas, é um paiz que não sabe o que ha-de fazer ao dinheiro, deposita n'ella uns milhares de contos de reis que vão concertar as finanças escalavradas do principe germanico.

Um empreiteiro da estranja, precisa arranjar a sua rica vidasinha e retirar-se a *penates*, com umas centenas de contos? E' bem simples. Com a protecção dos senhores da governança, com a amizade de um ou dois dos nossos *estadistas*, o nosso homem prepara sabiamente a coisa e Portugal, o nababo do Occidente, abre os cordões á bolsa e colloca o cavalheiro ao abrigo de necessidades presentes e futuras.

Um industrial inglez, aspira possuir um *cottage* em Surrey, ter um *Jacht*, ir passar a *season* a Londres com as *miss* da familia, cobertas de brilhantes? Tudo isso é facilimo. Uma concessão qualquer, ás duas por tres uma providencia governativa que vá bolir com a concessão anteriormente feita e Portugal, que não se prende com coisas minimas, faz a vontade ao homem e dá-lhe uma larga gorgeta que lhe permitte realisar todas as suas ambições.

Alguem poderá dizer: mas algumas d'essas indemnisações ainda não estão pagas, isso vae ser uma coisa que se ha-de discutir e nós só pagaremos o que fôr devido.

Ora, valha-nos Deus! E a Allemanha? E a Espanha? E a nossa *fiel alliada*, a Inglaterra? Não pagarmos é o absurdo, se amanhã por traz dos que reclamam, estão os canhões, os couraçados, os exercitos e nós só temos esquadras... de policia e exercito para ir nas procissões. Pagamos, sem duvida e basta para isso que no-lo exijam. E' uma coisa sobre que não se póde ter duvidas e mesmo que as houvesse n'algum espirito mais renitente á evidencia, os nossos homens publicos, os nossos ministros, os nossos *paes da patria* se encarregariam de as desvanecer dizendo ao paiz, alto e bom som, que pagar é um dever sagrado entre todos os deveres, que é muito justo que assim seja, e que todos nós nos devemos dar por muito contentes com o facto Tem sido, é e continuará a ser assim até á consummação dos seculos — ou, como quem diz, até á proclamação da Republica e á correlativa substituição do pessoal que de tal guisa administra as algibeiras dos outros com o dinheiro que ás nossas vem roubar.

E ao que parece esta convicção de que nós vivemos como Nação autonoma para pagar indemnisações ao estrangeiro, dar-lhe de mão beijada o nosso patrimonio colonial par contractos leoninos, encolhermo-nos como «gôsos» batidos diante de todos os vexames, engulindo todas as affrontas, entrou já no espirito de todos e é acceite, pelo visto, como a coisa mais natural d'este mundo.

Nem d'outra forma se comprehende a passividade, a indifferença de todo um povo diante de factos d'esta ordem. Toda a gente concorda que estas e quejandas enormidades que constituem a vida collectiva da nossa raça, não devem continuar e levam-nos n'um passo muito direitinho e muito certo para uma liquidação formidavel em que tudo, absolutamente tudo, se perca sem esperança de posterior remedio que para alguma coisa sirva

Toda a gente sente que essa liquidação que se prevê não póde demorar-se muito e que está eminente sobre as nossas cabeças.

Toda a gente diz que o momento de tentar um ultimo esforço é agora é já ou então tudo está irremediavelmente perdido.

Pois ninguem tenta nada, de positivo, de certo, para pôr por obra o que pensa, o que sente e o que diz.

Ora bolas!

E já agora vamo-nos preparando para pagar as 650:000 libras ao inglez...

MIUDEZAS

Bombardem levantara-se mal disposto, cabeça pesada, com a bocca a saber a ferros velhos...

Que demonio!... Nem só os rapazes eram senhores de um certo numero de cousas; elle tambem era forte, era novo ainda, vigoroso...

Na vespera, bem o mostrára, num jantar, seguido de baile, em casa do cadete Clarimundo. Fôra uma noite cheia. E como o cadete Clarimundo era solteiro e vivia só, o jantar e o baile tinham sido animados pela presença das cocottes *mais garrulas e preciosas de Gerolstein.*

Mas — ai das hierarchias elevadas! como elle era general, as cocottes *buliçosas fugiam-lhe sempre, quando elle, a cada taça de champagne, faiscava um olhar tremendo de meiguice. No entanto, gosára.*

Fôra uma noite cheia!

Bebera, bebera muito, cambaleára alguma cousa, praguejára mesmo contra o Granduque, dera beliscões ás mulheres que dançavam em turbilhão... Mas agora, amargava-as, sentado na cama, inerte com a bocca a saber a ferros velhos, a cabeça ainda tonta...

— Brr!... Diabo!... Quem me manda a mim...

Mas sorriu-se. Lembrou-se do que gosára com a cosinheira, quando os pares dançavam e bebiam. Arrastara-se até á cosinha; alguem, a um canto, numa guitarra, dedilhava um choroso fadinho. Ah! era o seu forte, era mesmo o seu fraco...

Aquillo é que foi!

E emquanto as panellas chiávam o general bateu o fado com a velha cosinheira gorda matrona alegre, de olho papudo e devasso. Como elle gosára naquelles momentos!

Elle proprio dizia muitas vezes que quem o fisera general errára-lhe a vocação. Para aquillo sim, no silencio mórno da cosinha e ao som da chiadeira da agua a ferver...

Ai, o fado!

E Bombardem, sentado na cama inerte, ainda parecia sentir o corpo coleando em ademanes de fadista.

*

Mais tarde veio o ajudante e o general teve de ir com elle dar os parabens ao Conde-duque que nesse dia completava 50 annos e 3 meses,

Solemne, imponente, rua fóra, com a consciencia de que a sua propria figura segurava no throno o joven Gran-duque lá foi ao palacio.

O cadete Clarimundo, encontrando-o na praça d'armas, parou, cortejou-o com distinção; mas... ia vestido á epocha e não trazia a sua farda brilhante de granadeiro do Sol crescente. Bombardem ia-o fusilando com os olhos:

— Ajudante! Prenda o cadete!

O cadete estremeceu:

— Meu General... Hontem... o baile... o champgne... Vossa-Grandeza tambem . só acordei agora... ora esta...

— Ajudante! cumpra as ordens!

E seguindo, impavido, solemne, rua fóra, rindo-se para dentro, dizia por entre dentes:

— Então!... nem ao menos uma cousa em termos para bater o fado! Ora!... uma velha barriguda! Canalhas!...

E voltou atrás:

— Ajudante! Dez dias a pão e agua!

E solemne, entrou no palacio do Conde-duque, curvando-se humildemente, como bom temente a Deus e ao throno...

E lá dentro, ainda, a consciencia:

— Ora esta!... Uma velha!... nem cousa em termos para aparar o fado!...

D. Euas.

NA ENCRUZILHADA...

Factos e Commentarios

Significativo

Hinton, o inglez que se prepara para nos sugar mais alguns milhares de libras era amigo particular do «rei dos adeantamentos.»

O principe de Hohenlohe, o dos Sanatorios, tambem entrou em Portugal sob os auspicios da mulher d'este, Amelia d'Orleaus.

Como se vê a Monarchia tem as suas *sympathias* tambem no estrangeiro e d'ellas se serve para nos ajudar a viver.

Só falta acrescentar para o quadro ficar completo que Espregueira colaborou no negocio.

Dr. Affonso Costa

O brilhantissimo e formidavel discurso, proferido por este illustre parlamentar ácerca do caso Hinton, é mais um completo libello do Regimen, feito com talento e com alma, por quem já tantas vezes lhe tem dissecado a carcassa. Não podemos deixar de saudar effusivamente, cá do nosso canto, o grande republicano a quem a Democracia e o Paiz tantos serviços devem.

Um capellão

O imperador Guilherme tem feito reiteradas diligencias para conseguir que o sr. bispo de Beja acceite o cargo de capellão do exercito germanico.

Este acto, cuja authenticidade não garantimos, corre que tem por fundamento o facto do eminente prelado, estar sendo alvo de ataques por todos os lados, e o imperador compadecido, querer assim subtrahi-lo ás iras revolucionarias.

Espantos e iras

Os srs. deputados monarchicos, segundo dizem as gazetas, depois da secção em que o deputado republicano Affonso Costa, lhes mostrou a tremenda infamia que é o caso Hinton, tiveram apostrophes indignadas contra o escandalo e todas se incendiaram de puro patriotismos.

Os purrios!

Ora onde o patriotismo se foi anichar!

Uma questão literaria

Dos srs. Alberto de Monsaraz, Antonio Monforte, Hypolito Raposo e Antonio Massa, poetas premiados nos jogos floraes de Salamanca, recebemos uma carta em que se protesta contra um artigo publicado no «Imparcial» de Lisboa e se repta o articulista, ou quem taes informeslhe deu, a provar a veracidade das affirmações n'elle contidas.

Essa carta já é conhecida do publico por ter sido inserta, na semana ultima. n'um jornal de Coimbra e, por isso, julgamo-n'os dispensados de a reproduzir.

Um caso curioso

Foi preso em Lisboa, ha dias, um desgraçado homem do povo, por ter, na occasião em que passava a carruagem regia, gritado para um garotote que o apupava:

— Ah! grande ladrão que te pilho.

Entendeu a policia que aquella de grande ladrão só podia ser com o chefe d'Estado e lá ferrou com o homem na esquadra, como *libertario perigoso* accusando-o d'injurias á Magestade!

Significativo e curioso não é verda-

Educação monarchica

O Seculo do dia 10, sob a epigraphe — «Ralham as comadres,» vinham relatados uns factos que, posto nos não

admirem porque nem outra cousa era de esperar, todavia tem uma especial significação por serem revelados por pessoas da casa.

O sr. Antonio Simões de Figueiredo, socio da tal *liga*, desligando-se della «por uma questão de principios e de moralidade», escreve ao *Seculo* longa carta fundamentada que, em delicias, nos é dado saboriar.

Discordamos, claro está, quando aquelle monarchico diz que a tal *liga* desprestegia as instituições. Não senhôr; a verdade não faz mal; ora a *liga* mostrando na pratica o que são as aggremiações monarchicas, e, sendo ellas tão boas, não faz mais do que propaganda, ao mesmo tempo que os imberbos socios ali fazem tirocinio de falcatrua, veniaga e insulto para quando lhe seja dado entrar como combatentes na quadrilha que tem o paiz a saque.

Segundo aquella carta, ahi não se respeitam estatutos nem decôro, nem dinheiro.

Digam-nos se aquillo não é optima escola monarchica, sabendo que: nas discussões despedem o insulto, usando de termos soezes; ás assembleas comparecem para discutir e votar individuos menores ou outros que se apresentam extranhos a socios; os recibos ainda depois de pagos resuscitam e voltam á cobrança; no pouco tempo da sua existencia gastou simplesmente, sem que ninguem saiba como, — 989$000 réis em sellos!!!; 1.500$000 réis em empregados!!...

Demais disto não se sabe o que fizeram de 900$000 réis que estavam depositados na Caixa Economica como fundo de reservas para escolas!...

Os *socios* promettem: estão já mostrando-se bem aptos para a remonta politico-monarchico.

Se estão!...

Esperançosa mocidade, esta mocidade monarchica!...

O jogo em Coimbra

Isto assim não pode ser. Nós temos estado calados ha muito tempo. para ver se ha um bocadinho de decôro e de juizo no meio d'isto tudo, mas agora vamos falar e falar claro e alto, para desafôgo da nossa consciencia e porque não queremos ser cumplices, com o nosso silencio, no que para ahi vae.

Sr. Governador Civil, sr. Commissario de Policia, sr. Reitor da Universidade: em Coimbra joga-se publicamente, abertamente, d'uma fórma desenfreada.

Esta gente só se emenda com um exemplarissimo castigo que é forçoso que lhes seja aplicado sem contemplações nem aguas-mornas.

Não tem vergonha nenhuma e com elles não *pégam* os processos brandos.

Os resultados da *jogatina* são já pavorosos. Ha casos que são verdadeiras desgraças. N'uma cidade com o caracter de Coimbra, cidade universitaria com uma população escolar muito avultada, mais do que em qualquer parte, o jogo é um flagello de funestos resultados. Aqui, á falta de entretenimentos, ha a batota! A cidade, que tambem é lesada e muito, deve reclamar contra isto. Por nossa parte apenas repetimos que é necessario intervir e intervir a valer.

O sr. Reitor da Universidade, —d'essa Universidade tão prompta a rèclamar-se das suas regalias e tão doentiamente ciosa dos seus direitos — deve olhar por isto e chamar para tal assumpto a attenção de quem compete. E' um dever moral indeclinavel — permita-n'os V. Ex.ª que lh'o digamos!

Sr. Governador Civil se quer honrar o seu logar cumpra, sem tergiversar e sem transigir, a sua obrigação.

O commercio da cidade, que tem ligado os seus interesses ao bom nome da terra, que não descure o assumpto.

Por nossa parte, iremos até onde fôr preciso e o aviso ahi fica.

A EITO

Festas de despedida

16 de março

Lembrou-se um grupo de quintanistanistas de direito (esperanças da Patria) despertar no seu curso a idéa de que devia despedir-se d'uma forma condigna de Coimbra e da vida da sebenta — e vae, determina que a melhor maneira, a mais natural, a mais conveniente maneira do curso se despedir de Coimbra era ir comer um jantar a Braga! Sim a Braga, pois onde pensavam os senhores que poderia ser?!

Metter-se hão aqui no comboio que começará a rolar pesado n'um trangalhar monotono somnolento. Fenderá o ar, bufando. Atirará grossos rolos de fumo, parará nas estações ralaceiro e madrasso. Horas e horas elle galgará caminho, atravesando campos verdes, mergulhando na noite dos tuneis — té que cansado, emfim despejará em Braga os illustres quintanistas que, tontos de fadiga, de somno, limpando a ramella, brancos do pó, erguendo os braços n'um espreguiçamento desemtorpecedôr, cambiando olhares massados, como quem cumpre um dever, bocejarão: — «Bem, vamos lá a esse jantar, que não ha remedio senão a gente despedir-se de Coimbra!» — e heroicos empunharão os garfos!

Já é um todo-nada idiota pretender reunir um curso p'rá despedida gravativa dos tempos encolicados, n'um arsinho intimo de folgazã esturdia e camaradagem ininterrupta, quando é certo que na epocha que vae, por via de muitas circunstantancias convergentes: — a politica no seu aspecto mais cretino, a dandynice no seu conceito mais palurdio, mais chamôrro, o desnivel, a differença desastrada, d'antes quasi não existindo, hoje cada vez mais funda, mais vincada de condições economicas entre os rapazes — uns passando largamente sem faltas a lhes tornarem a existencia uma fornicação dolorosa, outros, sabe Deus, gemendo atrapalhações constantes, amarrados sempre a um triste deslisar sem alegrias nem tristezas, monotono, massante, borrando a vida d'uma côr egual como se fosse um ceu cinzento e baço (isto explicando a enormidade de divergencias nas predilecções, escolha de companheiros, verdadeiras separações) — quando é certo que na epocha que vae, acontece que n'um curso cada um acamarada com quatro ou cinco da sua igualha, olhando o resto com indifferença, as vezes com odio, cumprimentando de fugida, nem sequer cumprimentando alguns, e notando a todos ou estupidez ou um feitio muito embirrativo.

Sendo assim p'ra que são chamadas p'ró caso festas do curso? — E' incoherente! P'ra aguentar, a todo o custo, a tradicção da bohemia coimbrã? — E' indecente! P'ra se dar a intender que é toda feita de delicias e irradiações de espirito d'uma estrolnice intellectual alegre e intensa a vida que na realidade se faz entre a sebenta e a politiqueirice? Que ha tanta despreoccupação e communidade amiga entre todos que precisa se faz a despedida com uma lagrima teimosa ao canto do olho? — E' pantomineiro!

De sorte que não teem razão de ser taes festas. Mas inda que assim não fosse, inda que a festa tivessse significação — como é que um curso se póde despedir de Coimbra indo jantar a Braga?!

Já que o curso não póde despedir-se senão fazendo trabalhar as mandibulas, e não quer, como seria razoavel, ficar lembrado por coisa d'espirito, onde o *humour* estalasse e que levantasse os rapazes, que se presupoem illustrados da simples funcção de gastronomos, já que o curso julga o estomago a sua viscera mais importante e mais sympatica — faça a sua despedida, sim senhores, manducando o jantar. E' logico — prompto!

Agora que tenha uma preferencia tão singular p'lo jantar de Braga, a tal ponto que se aventure á estopada das horas infindaveis de caminho de ferro e ao ridiculo patusco — não percebo! Pois onde a não ser em Coimbra mesmo, é que um jantar d'esses poderia ter o seu logar? Não vejo! — Um cento de rapazes quer festejar, o findar das collicas amarellas, o findar da vida da capa - e - batina. Muito bem. Dá um jantar em Coimbra onde elle se torceu com essas collicas, onde elle coçou essa batina, onde elle passou bons ou maus bocados, entanto bocados que hão de recordar sempre? Qual! — Vae alli a Braga e manda pôr a sopa na mesa! Será exquesitice de estomagos comilões amantes da «frigideira?» Mas, c'oa bréca, mandava-se vir a «frigideira» e não havia estopada e não havia o ridiculo patusco! Mas se o curso não attendeu a esse ridiculo, pondo de parte o unico logar onde se poderia com senso comer o jantar — porque escolheu Braga?

Que estranho Espirito Santo lh'assoprou a escolha!?

Porque se não designou p'ró brodio Bragança? Porque se não entendeu dever mastigar o *roast-beef* em Mogadouro? Porque se não resolveu atacar o cosido em Vizeu, mui nobre cidade? Porquê? Porquê? Dizei-m'o, ó illustres quintanistas, por quem sois — que ando ha dias doidamente trabalhado por uma curiosidade desfibrante: — Que dianho haverá em Braga?

A não ser que aos illustres quintanistas lhes tivesse sahido Braga á sorte, depois de mettidos n'um chapeu, papelinhos com os nomes de todas as cidades e villas portuguezas e, chocalhado o penante, alguem berrasse: — «Vá tire lá um qualquer p'ra vêr onde nos havemos d'ir despedir de Coimbra!»...

Damnados mancebos!

E depois como é que elles vão a Braga? Como rapazes que pretendem realizar intimamente a sua festa toda intima? Isso não prestava! Não! Vão como tunos: têm philarmonicas esperando na estação, vivas ensaiados «á briosa Academia de Coimbra»... o Atheneu, o Seminario e o Collegio do Espirito Santo!

As madamas já lhe preparam um terrivel salsifré e o Atheneu trabalha esbófado, com ardôr! E já alguem lembrou que se devia ir de pasta com as fitas symbolicas avoejando! Não vão p'ra realisar a sua festa de curso — vão p'ra se mostrar ao femeaço, vão dar um sarau. Não é um curso que vae festejar a sua despedida — E' uma tuna que vae arranhar bandolins, de laçarotes ao vento, espantando as ruas, cobertos de vivas do Atheneu e do Seminario!

Que o da idéa do curso ir a Braga têm lá namôro? Faz elle muito bem em querer a toda a força e contra todo o senso, rebolar ante os olhos meigos da mulhersinha a sua quintanistice ôca. Ninguem lhe póde levar isso a mal. E' namôro — acabou-se! Mas os outros, os outros que não teem nenhum namôro em Braga é que não deviam ajudal-o e seguil-o; p'lo contrario. Deveriam resolver por sua parte, ir tambem despedir-se de Coimbra, cada um á terra onde o namôro vegetasse. Não ha duvida: era o melhor e o mais decente.

João Pinto Figueiredo

Qaintannista de direito, sem namôro.

REGISTO

O CANTO DA CIGARRA, de Augusto Gil

Este livro excepcional, no meio das banalidades chôchas e rimadas que todos os dias apparecem por ahi, merecia um largo artigo em que se aproveitasse o ensejo de fazer estylo e dizer coisas preciosas, servindo á tentativa de demonstrar, á custa d'um poeta de talento, o *talento* do articulista. Esta coisa de admirar e exprimir a nossa admiração em publico é sympathica a quem lê, e colloca deliciosamente quem o faz. Mas ha casos em que nós achamos isso d'um insupportavel ridiculo e é quando o livro sobre que se falla dispensa bem que qualquer *figurão* se dê os ares de o amostrar ao publico. Ora é este o caso do Canto da Cigarra e do poeta Augusto Gil. O livro falla por si e o auctor já, de ha muito, que é considerado por toda a gente de gosto, um dos primeiros poetas de Portugal e entre os primeiros se salienta pela sua extranha originalidade inconfundivel. Elle começa por mandar «ao raio que os parta» todas os criticos que adreguem de vir a dizer coisas sobre o seu livro porque «não precisa de favores».

E não precisa, na verdade, o grande artista.

Em resumo: o Canto da Cigarra é um livro delicioso e Augusto Gil mais uma vez se affirma a altissimo poeta, que todos conhecemos.

Tronco Reverdecido — versos por Antonio de Monforte.

E' um primeiro livro de versos d'um novo que affirma reaes qualidades. Lê-se com agrado e tem algumas poesias que são absolutamente boas.

Foge á banalidade lyrosa dos vates incipientes por um certo resaibo purista na structura do verso e pela escolha dos assumptos. Crêmos que o auctor — já o lemos em qualquer parte — orienta a sua arte no sentido de lhe dar, quer pela fórma quer pela essencia, um cunho genuinamente nacional. Chama-se a esta orientação, escola ou quer que seja, Neo-Lusitanismo, segundo nos consta. Aparte o titulo pomposo, a orientação, se é que existe, é boa e de seguir. O sr. Monforte quer-n'os parecer que a segue e fez bem, pelo menos agora, porque o seu livro junta essa qualidade a outras e resulta um bom livro, superior á maior parte ou mesmo á totalidade de todas as *estreias* desastradas que por hi tem apparecido ultimamente.

Por consequencia damos os parabens ao seu auctor e desejamos-lhe que dentro em pouco, confirme n'outro livro, todas as qualidades que n'este deixa esboçadas.

— Do sr. general Martins de Carvalho, um estudioso e intelligente, filho d'esse grande jornalista e homem de bem, que se chamou Joaquim Martins de Carvalho, recebemos dois livros curiosissimos cuja offerta, penhoradamente, agradecemos.

São ambos livros de documen-

---

6 Folhetim d'*A Revolta*

RAMADA CURTO

Claudio Justo

VI

A primeira Revolta

O sr. Cunha não via já Claudio com bons olhos.

Desagradava-lhe no pequeno a maneira que elle tinha de responder, com a sua voz clara e bem timbrada que o medo não alterava. Elle gostava que o temessem. Considerava aquella serenidade do «novo» como uma falta de respeito e communicára já por vezes ao Cypriano que o achava «muito espevitado».

O 42 com o conhecimento que tinha do prefeito já prevenira o seu amigo «que qualquer dia tinha coisa».

— Porquê? — perguntára elle.

— Anda de ponta comtigo... Toma cuidado senão «provas» — retorquira-lhe o outro.

Claudio não fez caso. O 42 aconselhará-o a pedir em casa dinheiro para comprar dois charutos ao Cunha. Cada charuto, affirmava elle, conciliava por um dia as boas graças do terrivel homem. Claudio não comprehendera estas explicações e não se lembrara mais do conselho. No seu espirito havia a vaga noção de que, não dando elle razões para isso, não tinha nada a recear. E razões não dava elle. No estudo estava sempre callado, lendo com um grande interesse as historias do seu livro de leitura. Outras vezes punha-se a scismar nos seus soldados de cartão que eram agora o seu divertimento favorito e que elle mal chegava a casa ia buscar á grande caixa onde os guardava, alinhando-os sobre uma mesa, a simular uma guerra.

Isto era o bastante para o distrahir e evitar que «désse conversa» aos outros. A's vezes, até sorria d'enlevado que estava, esfregando as mãos, contente, entre os joelhos, por baixo da carteira.

A' tarde cerca das quatro horas, começava a saída.

O sr. Cunha ia para a porta da aula e dava a ordem para atar os livros. Isso fazia-se n'um prompto e ficavam-se todos nas bancadas, muito quietos, estremecendo cada vez que ouviam tocar a campainha da porta da rua.

— Numero seis... Póde sair.,. annunciava o Cunha.

— Era quasi sempre, o «seis» aquelle a quem vinham buscar mais cedo. Claudio, impaciente, esperava o Cypriano que se demorava. A pouco e pouco a aula ia-se esvasiando. Os internos, furtivamente davam aos que saíam recados, dinheiro para pequenas compras, um ou outro bilhete para a familia, os mais velhos uma carta para a namorada e o sr. Cunha á porta, de régua na mão, temivel na sua catadura severa tinha o ar d'um guarda — fiscal ludibriado.

— Numero 53...

Claudio erguia-se d'um pulo, radiante, correndo pela coxia das carteiras, com a mala dos livros batendo-lhe os rins.

Quasi sempre o Cunha, reprehendia:

— Devagar, devagar ó «cavalheiro».

Claudio nem o ouvia e isto era uma das coisas que mais fazia desesperar o perfeito, coatto com a presença do Cypriano á porta da escada.

Uma vez na rua, o pequeno, respirava. A' porta d'um armazem de vinhos, junto do collegio, uma mulherzita vendia castanhas assadas, no inverno. Todas as tardes Claudio comprava um vintem d'ellas e a mulher, contando-lh'as n'um pequeno açafate de verga, chamava lhe muito, Já tinham saído todos os externos e só estava elle e o 42 que a mãe vinha buscar ás seis e meia, quando saía da officina de modista onde trabalhava, sempre a rir: «o seu freguez pequeno».

Uma tarde o Cypriano demorou-se

Claudio julgou-se esquecido e começou a chorar.

O Cunha tinha estado n'esse dia d'um humor terrivel e aquelle chôro do pequeno irritou-lhe os nervos.

— Qu'é lá isso, ó menina? — perguntou elle, trocista.

Claudio não respondeu, envergonhado com as lagrimas que não podia conter e com o riso escarninho dos internos que o fitavam, contentes por verem alli áquella hora, um dos que todas as tardes saíam e os deixavam a elles lá ficar.

O Cunha aproximára-se da carteira e interrogava-o, azedo:

— Que tens tu ó *mariquinhas?* Hoje dormes cá... Não vês a mamã...

Os internos começaram a rir ás gargalhadas, que o Cunha inicitava com tregeitos de troça.

Claudio não conteve os soluços, o corpo todo sacudido d'uma tremura nervosa.

— Cala-te! — berrou o Cunha, feroz.

E esperou um momento.

— Não houviste? Cala-te... que tens tu? — e sacudio o brutalmente, para o fazer calar.

— Deixe-me... — murmurou elle entre lagrimas.

Deixe-me? — bramiu o Cunha e rapido, voltou costas, correu á secretária abriu a gaveta, tirou de lá a «palmatoria» veiu collocar-se diante do pequeno.

— Callas-te ou não? Ora dá cá essas unhas que eu já te vou ensinar a chorar sem razão.

Agarrou lhe a mão aberta que elle surprehendido deixou ir sem resistencia. Quando viu a palmatoria no ar, n'um insticto de defeza, fechou a mão, retrahiu o braço e a férula caíu violentamente sobre os nós dos dedos, arrancando lhe um grito lancinante de dôr e de surpreza, tão violento, tão aflictivo que o Cunha largou-o. Claudio ficára medonhamente transtornado, a face d'uma lividez de cera, os olhos muito brilhantes, cercados de subitas olheiras fundas.

Rapidamente fugiu para o meio da sala começou a correr para a porta. O Cunha, recobrado da primeira surpreza, correu para agarra-lo. Sobre uma carteira estavam uns livros atados entre duas taboas, com uma correia. Quasi agarrado, rapido, n'um movimento brusco, Claudio voltou-se, lançou-lhes a mão e arremessou-os ao Cunha que deu um berro de dôr e tapou a cara com as mãos. Da testa corria-lhe um fio de sangue.

Então Claudio fugiu. Abriu a porta, rolou quasi pela escada e, chegando á rua, começou a correr, offegante, sem vêr, sem ouvir, até á porta de casa, onde caiu, desmaiado.

(*Continua*).

ação historica e de memorias um que se não expõe ao publico sobre a Guerra Peninsular e o outro intitulado «Algumas horas na minha livraria» é destinado á publicidade.

Por emquanto nada podemos acrescentar a esta breve noticia mas uamos lêr e em breve fallaremos mais circunstanciadamente.

A cerebração feminina

IV

A mulher coacta por toda a trama complicada de preconceitos, difficilmente pode adquirir o conhecimento do mundo e a noção da vida que, indiscutivelmente, urgia que ella tivesse para poder proficuamente cooperar com o homem nas luctas brilhantes e audazes da civilização. Por isso me maravilha, e bastante, que ella, ha tantas gerações, educada no sentido de lhe ser incutida a mais absoluta passividade, ainda seja um individuo dotado d'uma energia tão completa que possa arrostar com tantas contrariedades, debellar tantos adversários, transpôr tantos obstaculos.

Se a maior parte dos homens fosse subjeito por algum tempo a todos os martirios moraes e phisicos, como está em a nossa sociedade a generalidade das mulheres, eu estou bem certo que elles se suicidariam!

E todavia a mulher, que continuam a appelidar estultamente de ser fraco, resiste a tudo isso com uma constancia maravilhosa!

Quantas vezes ella, com o coração dilacerado, não reune heroicamente todas as suas fôrças, com uma abnegação sublime, e ella, que careceria mais do que ninguem de conforto, é que vem trazer-nos o linitivo, insuflar-nos a coragem, robustecer-nos na esperança!...

Este meu asserto só por quem nunca teve mãe me poderá ser contestado.

Pois, meus raros leitores, para mim é mais apreciavel e mais prova tambem energia, esse heroismo latento e constante, sem gloria, sem medalha, nem esperança de ver a tuba da fama apregoando-lh'o, do que os fugazes heroismos do homem, esses cuja noção a incompleta e falseada historia inocula tão imbecilmente nos cerebros infantis das gerações que se educam.

Diz-se que a mulher não tem espirito inventivo, não tem iniciativa; é verdade hoje. Mas o que se não pode demonstrar é que isso seja um caracter correlativo do sexo: é uma resultante da sua educação hereditaria e actual.

Ao passo que nós passâmos das sociedades que se appelidam de civilisadas para as mais selvagens nós vamos encontrando cada vês menos differenciadas as duas partes de Humanidade — homens e mulheres. O mesmo succede se lançarmos vista retrospectiva pela historia fóra.

Se isto fizermos, nós temos todos os indicios de que a mulher não só era dotada de tal espirito inventivo e de iniciativa, mas até, talvez, tivesse sido ella que inventou a maior parte das cousas cujos vantagens hoje disfructâmos e que impeliram o genero humano mais proficuamente para o distanciar da animalidade donde provinha.

São as tradições, os simbolos, as fabulas, as crenças das edades pre-historicas que nol-o indicam bem patentemente.

Na civilização mediterranea nós observâmos, moldada em formas bellas e poéticas, a tradição que attribue á mulher os grandes inventos.

Quem deu a sabedoria e ensinou as artes segundo as tradições helenicas? — Uma mulher, — Athenêa, Pallasou Minerva.

Quem reuniu as flores em jardins, cultivando-as, trazendo assim para a Humanidade nascente essa terna educação na belleza? — Flora.

Quem apropriou as arvores de fructo, seleccionou e cultivou, preparando os vergeis que haviam de abastecer a meza e recrear a vista? — Pomona.

Uma mulher foi tambem que agricultou os campos, preparando por esse processo o sedentarismo da Humanidade, pela previdencia de celeiros abastecidos: foi a loura Ceres.

Mulheres deveram ser tambem que inventaram a fiação, a tecelagem, a ceramica; e mulher foi decerto a primeira que encontrou o fogo.

E digo que deviam ser tambem mulheres que teriam inventado estas couzas, porque, não só era a ellas que estas mais imprescindiveis eram para prover ao bem estar da adorada prole, senão tambem porque nós encontramos nas tradições da antiguidade a mulher indissoluvelmente ligada a esses inventos.

A' mulher era confiado o fogo do lar, e, quando appareceu a cidade, a mulheres era confiado o fogo do lar commum. Eram as vestaes.

A mulher cultivava o linho e as outras plantas textis; ella as fiava, as tecia, e confeccionava as simples roupagens do tempo. Isto continua por toda a Edade-Media, onde a historia e a tradição nos patenteia a cada cada passo as grandes senhôres fiando ou tecendo.

Na Baviera, diz-se, que o linho não cresce se não for semeado por mulheres.

Lucifer.

A REVOLTA

Não se publica durante as ferias este semanario.

CASA INNOCENCIA

Confeitaria e Mercearia de MANUEL ANTONIO DA COSTA

Antiga socio e successor da extincta firma commercial INNOCENCIA & SOBRINHO

Casa fundada em 1850 e ampliada em 1882

Rua do Visconde da Luz, 18 e 20 — COIMBRA

Preços correntes, condições de venda e pagamento, de: amendoa, doces diversos, bolacha, biscoitos, e outros generos; na quaresma, e sem compromisso durante o anno de 1910

Artigos de confeitaria, etc.

Amendoa, qualidades separadas

N.º d'ordem		Preço por kilo
1 —	Boamendoa lisa branca	430
2 —	» » côres	350
3 —	» crespa branca	360
4 —	» » de côres	370
5 —	» de chocolate lisa	360
6 —	» » canella »	360
	(Tem dentro bolacha fina do feitio do miolo de amendoa. E' saborosa, inofensiva e conserva-se bastante tempo boa.)	
7 —	Amendoa grossa lisa branca	380
8 —	» » de côres	400
9 —	» fina para torrar lisa branca	400
10 —	» » » » de côres	420
11 —	» » torrada lisa branca	450
12 —	» » » » de côres	470
13 —	» » torrada lisa branca especial	500
14 —	» » » » de côres »	550
15 —	» de pinhão torrada miuda lisa branca	460
16 —	» » » » lisa de côres especial	470
17 —	Amendoa de chocolate em torrão	320
18 —	» » » » » superior	400
19 —	» » limão » » branca	320
20 —	» » limão em torrão branca superior	400
21 —	» » limão em torrão de côres »	450
22 —	» » canella lisa	500
23 —	» » chocolate lisa	500
24 —	» » tangerina lisa branca	500
25 —	» » laranja lisa branca	360
26 —	» torrada crespa branca	500
27 —	» » » de côres	520
28 —	Amendoa de pinhão torrada miuda crespa branca	500
29 —	Amendoa de pinhão torrada miuda crespa de côres	520
30 —	Amendoa canelim crespa branca (com canella dentro)	500
31 —	Amendoa pilada lisa branca	600
32 —	Amendoa de pevide de melancia crespa branca	600
33 —	Amendoa de pevide de melancia crespa de côres	650
34 —	Amendoa torrada de *sobremeza*	600
36 —	Amendoa de pevide de abobora torrada crespa	360
36 —	Amendoa de pevide de abobora torrada lisa	340
37 —	Amendoa de amendoim torrada crespa	360
38 —	Amendoa de amendoim torrada lisa	320
39 —	Confeitos finos brancos lisos	320
40 —	» » de côres »	340
41 —	» » crespos brancos	340
42 —	» » » de côres	360
43 —	» grossos brancos	300
44 —	» » de côres	310
45 —	Grangéa (confeitinhos de côres)	600

Amendoa sortida

1.ª	qualidade, sortida com as dos n.os 13, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33 e 34 (toda torrada superfina)	600
2.ª	qualidade, sortida com as dos n.os 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, e 29 (toda torrada fina)	500
3.ª	qualidade, sortida com as dos n.os 11, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 24, e 25 (toda torrada fina)	450
4.ª	qualidade, sortida com as dos n.os 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 25, 35, 36, e 37 (toda torrada)	400
5.ª	qualidade, sortida com as dos n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 19, 25, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41 e 42	360
6.ª	qualidade, sortida com as dos n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 17, 19, 25, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41 e 42	329

Rebuçados e outros doces

Rebuçados de avenca e althea, peitoraes, graudos	400
» » » » » miudos	380
» » limão	360
» » chocolate	360
» » assucar simples	360
Marmelada, a	260, 320, 380 e 400
Cabaço em talha e de calda	400
Doce de ovos sortido, a	460, 500, 600 e 800

Outros doces

Muitas outras qualidades de doces, seccos, de fructas, biscoitos, bolachas e tudo que é proprio das confeitarias e Pastelarias.

Doces especiaes por encommenda

Manjar branco, pasteis do bom bocado, de Santa Clara e de Tentugal, queijadas de Pereira, trouxas de ovos, ovos de fio, barrigas de freira, castanhas, pudings, lampreias, toucinho do ceu, etc., etc.

Liquidos

Vinhos e licores finos, cognac, genebra, aguardentes, etc.

ARTIGOS DE MERCEARIA

Grande sortido em todos os artigos pertencentes a este genero de commercio, taes como: assucar, café, chá, massas, arroz, bacalhau, manteiga, sal refinado e commum, azeite, vinagre, petroleo, sabão, especies adubos, conservas; e tudo o mais que seria fastidioso enumerar e entre elles muitos artigos finos.

Papel, artigos de escriptorio, muitas miudezas, tabacos, etc., etc.

IMPORTANTE

Ninguem deixe de ler o que segue

A amendoa que vendo e muitos doces, é tudo feito em minha casa, seguindo em tudo a norma n'ella adoptada ha muitas dezenas de annos; e, assim, a minha amendoa não leva gesso — como infelizmente muita que se vende — nem outra qualquer coisa prejudicial á saude. A minha amendoa é feita de puro assucar, levando apenas, as de menos preço, alguma pouquissima — farinha de trigo.

Para facilitar os pedidos por carta, deve o freguez indicar apenas os numeros que, a amendoa e confeitos em qualidades separadas, leva á margem, de n.º 1 até 45; e, em qualidades sortidas apenas 1.ª qualidade, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª.

Mando amostras de amendoa a quem mandar 400 rs., mesmo em estampilhas, dizendo das qualidades que quer.

O freguez deve dizer para que estação deve ser despachada a remessa, se em grande ou em pequena velocidade ou porque via, não sendo pelo caminho de ferro; e, pouco mais ou menos o dia em que deve ser despachada.

Não satisfaço encommenda sem dinheiro a quem não fôr meu conhecido ou não o sendo indicar quem o abone.

Aos artigos que vão sem preço, faço sempre o preço minimo.

MUITA ATTENÇAO

Desconto aos revendedores!!!

Em encommendas de 5 kilos ou mais, em volumes não inferiores a 1 kilo, pagas em minha casa até 30 dias da data da factura em tudo que leva preço na tabella, 20 réis em kilo e mais o seguinte bonus:

BONUS

Nos pagamentos feitos em minha casa juntos com o pedido ou no dia da remessa da fazenda, em todas as qualidades de amendoa e confeitos finos, de 15 kilos para cima 3 p. c. de 45 kilos para cima 5 p. c. e de 90 kilos para cima 7 p. c. A 30 dias em minha casa metade d'estes bonus.

Nos confeitos grossos e em tudo o mais que leva preço na tabella, metade dos bonus acima. O pagamento feito em minha casa a 60 dias da data da factura, só tem desconto de 10 réis em kilo e nenhum bonus. Passados 60 dias saccarei contra quem não tiver pago e, n'este caso, não ha desconto nem bonus. As taras, portes e carretos, são sempre pagos por inteiro pelo comprador.

As encommendas ainda que grandes, fraccionadas em pezos inferiores a 1 kilo, não tem bonus e só tem o desconto de 10 réis em kilo, sendo pagas á vista.

Succursal em Ferreiros — ANADIA — Interessado e encarregado Silvestre Martins Alves

Mercearia, fazendas brancas, ferragens, cabedaes, tabacos, miudezas, vinho, aguardente, azeite, vinagre, etc. e na *Quaresma* amendoa para revender pelo preço d'esta tabella sem desconto

Coimbra, 24 de Fevereiro de 1910.

Clinica de especialidades

Rua Ferreira Borges
Arco d'Almedina, 11
COIMBRA

Prof. **Angelo da Fonseca'**

Cirurgião especialista de doenças das vias urinarias, antigo monitor da clinica do Hospital Necker, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas das 2 ás 5 horas da tarde

Prof. **Sobral Cid**

Antigo assistente da clinica charcots da Sulpetriere e da clinica do Hospital Enfants-Malades, da Faculdade de Medicina de Paris.

Consultas de doenças nervosas e geraes, das 2 ás 5 horas da tarde

Consulta especial para creanças, ás segundas, quartas e sextas, ao meio-dia

CLINICA CIRURGICA

Tratamento das doenças dos orgãos genito-urinarios do homem e da mulher — *José Lebre.*

Tratamento das doenças dos olhos — *Abilio Justiça.*

Electrotherapia — Medicação eletroionica

Rua Visconde da Luz, 8 — COIMBRA

Telephone 254

Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.ª

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — **COIMBRA**

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria.

Esta casa encarrega-se de qualquer encommenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encommendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobilias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDEDORES CONTRACTO ESPECIAL

PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domicilios, dentro dos limites da cidade

Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade, o melhor e mais barato no genero.

Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1

COIMBRA

Pianos **Gaveau**
Bicyclettes **B. S. A.** e **Peugeot**
Machinas de costura **Naumann**

(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo
Instrumentos musicos, musicas, etc.
Alugueis e vendas a prestações
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

Centro Commercial de Coimbra

Rua do Corvo, n.os 6 a 12 — Telephone n.º 76 — COIMBRA

(Antiga Loja da Cera)

Grande deposito e loja de fazendas nacionaes e extrangeiras

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Liquidação de todas as fazendas existentes nesta casa, por motivo de obras a que se vae proceder brevemente

ARTIGOS DE VERÃO E INVERNO

Chitas, uma infinidade de padrões, muitos chics, desde 90 réis cada metro.
Riscados, finos padrões, a 60, 70, 80, 90 s 100 réis cada metro.
Gorgorinas, optima qualidade, a 100 réis cada metro.
Cassas, padrões recentes, a 100 réis.
Tecidos, finissimas côres, a 200, 300 e 360 réis cada metro.
Zephires, para camisas, o que ha de melhor qualidade, a 300 réis.
Oxfords, para camisas, (enlestados) a 130 e 140 cada metro.
Cotins dezenas de peças, dos mais importantes fabricantes, a 100, 120, 130, 140, 150, 160, 170, 180, e 200 réis cada metro.
Armures, pretos e de côr em algodão, desde 300 réis o metro.
Lãs, alta novidade para vestidos de senhora e creança, desde 400 réis o metro.
Lãs, córtes com 7 metros, seu valor real 8$400, a 7$000 réis.
Phantasias de lã, padrões exclusivos da casa, desde 240 réis cada metro.
Amazonas, côres da moda, que todos vendem por 600 réis, a 500 réis cada metro.
Cobertores, uma enorme quantidade de côres e qualidades, desde 500 réis.
Challes, é tão collossal o nosso sortido, que difficilmente podemos inumeror os seus preços.
Challes do povo!!! a 600 réis.
Ditos com barra, côres finas, a 1$250 réis.
Ditos com seda, a 2$500 réis.
Armures, pretos, lavrados, a 700 réis.
Matellasses, pretos, a 1$200 réis.
200 lenços de seda tapete, que eram de 1$800, a 800 réis.
100 cachenez, com seda, 100 c., a 700 réis.
100 cachenez, matiz, 100 c., a 800 réis.
Casemiras e cheviotes, da ultima moda, para fatos, desde 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1$000 a 2$500 réis cada metro.
Fatos completos, a vestir, cada 4$500 réis.
Ditos, muito bons, a 6$000 réis.
Lenços brancos, a 25 réis.
Peugas, ás riscas, a 40 réis.
Ditas finas, a 80 réis.
Meias pretas, fixa, a 90 réis.
Camisolas d'algodão, a 150 réis.
Ditas de côr, fortes, a 240 reis.
Ditas de lã, a 900 e 1$000 réis.
Lenços de crepe, grandes, que eram de 180, a 140 réis.
Flanellas d'algodão, patentes, pannos crus, por preços sem competencia.

O Proprietario,

J. M. da Silva Constantino

CENTRO DA MODA

GRANDE ATELIER DE ALFAITARIA

FUNDADO EM 1878

Dirigido pelo seu proprietario — J. M. Mendes d'Abreu

e um habil contramestre com larga pratica de corte nas principaes cidades do paiz

Variado e completo sortido de fazendas de lã, seda, linho e algodão nacionaes e estrangeiras, o que ha de mais moderno em objectos de phantasia; não se inumeram pela grande diversidade.

Nesta casa continua a vender-se em caixas o verdadeiro giz para alfaiate.

Vendas a retalho por preços sem competencia

Enviam-se amostras francas de porte

64, RUA FERREIRA BORGES, — COIMBRA — (Telephone 112)

Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalisados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

2, Rua Visconde da Luz, 6

COIMBRA

RELOJOARIA FERREIRA

DE

MANUEL NUNES FERREIRA

Rua Ferreira Borges, 53 e 55 — **COIMBRA**

Neste estabelecimento, que se acha montado nas melhores condições de bem servir o publico, se encontra uma importante collecção de relogios de todos os systemas e auctores, de oiro, prata e aço, tanto para senhora como para cavalheiro; relogios proprios para mesa, parede e morés. Ha despertadores desde os preços mais baixos aos mais elevados.

Vendem-se correntes de prata e oiro.

Concertam-se relogios de todos os systemas e auctores e caixas de musica.

Preços limitadissimos

João Favas

CASA PENHORISTA

Largo de S. João, 6

Empresta sobre tudo que representa valor

Faz leilão em todos os mezes de novembro.
Compra e vende mobilia usada.
Encarrega-se de leilões e liquidações.
Compra objectos antigos em todos os generos.

F. França & Armenio Amado

Livreiros-editores

Rua Ferreira Borges, 77 a 81 Arco d'Almedina, 2 e 4 — COIMBRA.

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras.

Impressos e livros escolares.

Encadernações e artigos de papelaria.

Execução rapida de encommendas.

TABACARIA CENTRAL

DE **Arthur L. V. d'Andrade**

27, Rua Ferreira Borges, 29—COIMBRA

(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encommenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encararregar-se tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia.*

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

Abilio Lagôas

(Antiga casa Saldanha)

Mercearia por junto e a retalho

32, Praça do Commercio 33,

COIMBRA

Vendem-se passagens em todas as classes para os portos do Brazil Africa Oriental e Occidental.

José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — *Coimbra*